



MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO  
(REAL ARCHIVO MILITAR/1808)

Imagem de Abertura \_\_\_\_\_ Rio de Janeiro – RJ, Outubro de 2018. \_\_

**MINISTÉRIO DA GUERRA  
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA  
RELATÓRIO SECRETO VOLUME I  
1943 - 1945**

MINISTÉRIO DA GUERRA

Fôrça Expedicionária Brasileira

*General Marcantonio de Lima*

RELATÓRIO

SECRETO

VOLUME I

1943/1945



# ÍNDICE GERAL DO RELATÓRIO

## V O L U M E I

### I

#### GENERALIDADES

- 1 - PALAVRAS INICIAIS
- 2 - VISITA DA COMISSÃO MILITAR BRASILEIRA AO TEATRO DE OPERAÇÕES DO MEDITERRÂNEO
- 3 - ORGANIZAÇÃO E PREPARAÇÃO DA 1ª D.I.E. NO BRASIL
  - A - ADAPTAÇÃO AO EFETIVO TIPO F.E.B.
  - B - SELEÇÃO FÍSICA
  - C - SELEÇÃO MORAL
  - D - PREPARAÇÃO TÉCNICA
  - E - PREPARAÇÃO MATERIAL
  - F - CONCENTRAÇÃO NA CAPITAL FEDERAL
- 4 - CONSTITUIÇÃO DO 1º ESCALÃO DA FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E ATRIBUIÇÕES DO SEU COMANDANTE

### II

#### CONCENTRAÇÃO E PREPARAÇÃO NA ITÁLIA

- 1 - ESTADO MAIOR ESPECIAL
- 2 - DESILOCAMENTOS PARA A ITÁLIA
- 3 - PREPARAÇÃO TÉCNICA E TÁTICA NA ITÁLIA



III

CAMPANHA DA ITÁLIA (1944/1945)

- 1 - ESTUDO DO TERRENO DAS OPERAÇÕES
- 2 - OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO F.E.B. (11.IX/31.X.944) *Luci*
  - A - ORGANIZAÇÃO
  - B - ENTRADA EM LINHA
  - C - PRIMEIRA FASE DAS OPERAÇÕES
  - D - SEGUNDA FASE DAS OPERAÇÕES
  - E - ROCADA PARA O VALE DO SERCCHIO
  - F - RETOMADA DO CONTATO FACE A CAMPANI E OSTERIA
  - G - FUNCIONAMENTO DOS SERVIÇOS E SUPRIMENTOS EM GERAL NAS OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO F.E.B.
    - a - Serviço de Intendência
    - b - Remuniciamento
    - c - Serviço de Material Bélico
    - d - Serviço de Saúde
    - e - Serviço de Engenharia
    - f - Serviço de Polícia
    - g - Recompletamentos



3 - DEFENSIVA NO VALE DO SERCCHIO - ROCADA PARA O VALE DO RENO  
(31.X/9.XI.944)

A - PRELIMINARES

B - DEFENSIVA NO VALE DO SERCCHIO (1º/4.XI.944)

C - ROCADA PARA O VALE DO RENO (4/9.XI.944)

4 - DEFENSIVA NO VALE DO RENO (10.XI.944/16.II.945)

A - PRELIMINARES

B - DEFENSIVA AGRESSIVA (10.XI/21.XII.944)

a - Situação Inicial (10/14.XI.944)

b - Início da Defensiva Agressiva (15/26.XI.944)

c - Combate de MONTE CASTELLO de 29.XI.944 - Operações anteriores e posteriores

d - Combate de MONTE CASTELLO de 12.XII.944 - Operações anteriores e posteriores

C - ESTABILIZAÇÃO (22.XII.944/16.II.945)

a - Reajustamento do dispositivo (22.XII.944)

b - Estabilização propriamente dita (22.XII.44/7.II.45)

c - Preparativos para a ofensiva (8/16.II.945)

d - Funcionamento dos Serviços

Intendência

Material Bélico

Saúde



Engenharia

Guerra Química

e - Mudanças sucessivas nos dispositivos da Divisão - Os transportes

V O L U M E II

- 5 - OFENSIVA DO IV CORPO DE EXÉRCITO - AÇÕES PREPARATÓRIAS DA OFENSIVA DA PRIMAVERA (17.II/9.III.945)
- A - PRELIMINARES
- B - COMBATE DE MONTE CASTELLO DE 21.II.945 - OPERAÇÕES ANTERIORES E POSTERIORES
- C - COMBATE DE LA SERRA (23/26.II.945)
- D - REAJUSTAMENTO DO DISPOSITIVO (26.II/1º.III.945)
- E - LIMPEZA DO VALE DO MARANO (2/4.III.945)
- F - COMBATE DE CASTELNUOVO (4/9.III.945)
- G - AÇÕES DO GRUPAMENTO OESTE (28.II/9.III.945)
- H - MANIFESTAÇÕES DO INIMIGO
- I - AS VITÓRIAS DE MONTE CASTELLO E CASTELNUOVO
- J - COMENTÁRIOS SÔBRE OS INSUCESSOS DE MONTE CASTELLO
- 6 - DEFENSIVA TEMPORÁRIA (10.III/8.IV.945)
- A - PRELIMINARES
- B - ORGANIZAÇÃO INICIAL DA DEFENSIVA (10/16.III.945)



C - EVOLUÇÃO DO SETOR DEFENSIVO (17.III/16.IV.945)

D - PREPARATIVOS PARA A RETOMADA DA OFENSIVA (7/8.IV.945)

7 - OFENSIVA DA PRIMAVERA (9.IV/2.V.945)

A - PRELIMINARES

B - TOMADA DO DISPOSITIVO INICIAL (9/12.IV.945)

C - ATAQUE (13/18.IV.945)

a - Combate de MONTESE (13/14.IV.945)

b - Ações sôbre MONTEBUFFONE e MONTELLO (15/17.IV.945)

c - Reorganização do Dispositivo da Divisão (18.IV.945)

d - Manifestações do inimigo

D - APROVEITAMENTO DO ÊXITO (19/22.IV.945)

a - Início da progressão - Combate de ZOCCA (19/21.IV.945)

b - Progressão sôbre VIGNOLA e reconhecimentos da margem  
O. do PANARO (21/22.IV.945)

c - Manifestações do inimigo

E - PERSEGUIÇÃO (22.IV/2.V.945)

a - Operações entre os Rios PANARO e ENZA (22/25.IV.945)

b - Operações nos Vales dos Rios ENZA e PARMA (26.IV.945)

c - Combate de COLLECCHIO (26/27.IV.945)

d - Combate de FORNOVO (28.IV.945)

e - Rendição da 148ª D.I. Alemã (29/30.IV.945)



f - Ocupação da margem do Rio PÓ e sua transposição  
(28-IV/2-V-945)

g - Ocupação de ALESSANDRIA - Ligação com a 92ª D.I.  
(U.S.A.) e com o Exército Francês (30-IV/2-V-945)

h - Funcionamento dos Serviços

Preliminares

Intendência

Material Bélico

Saúde

Engenharia

Polícia Militar

Transmissões

Guerra Química

i - A decisão do Cmt. da 1ª D.I.E. sobre os transportes

j - O combate de MONTESE

k - Aproveitamento do êxito e perseguição

l - O performance da 1ª D.I.E. na Ofensiva da Primavera

8 - OCUPAÇÃO (3-V/20-VI-945)

A - PRELIMINARES

B - DISPOSITIVO INICIAL DE OCUPAÇÃO (3/7-V-945)

C - EVOLUÇÃO DO DISPOSITIVO DE OCUPAÇÃO (8-V/20-VI-945)

D - FUNCIONAMENTO DOS SERVIÇOS

a - Intendência

*Amor*



b - Transmissões

c - Saúde

d - Engenharia

E - IMPRESSÕES DA OCUPAÇÃO

9 - CONCENTRAÇÃO EM FRANCOLISE

A - PRELIMINARES

B - DESLOCAMENTO

C - ACAMPAMENTO

D - TRANSPORTE DO MATERIAL

10 - O SACRIFÍCIO DAS ARMAS E DOS SERVIÇOS NA CAMPANHA DA ITÁLIA

IV

REGRESSO AO BRASIL

1 - DESTACAMENTO PRECURSOR

2 - EMBARQUE DO PESSOAL

A - PRELIMINARES

B - ESCALÕES DE EMBARQUE - VIAGENS

C - EVACUAÇÕES DE ISOLADOS

D - REGRESSO DO COMANDO DO 1º ESCALÃO DA F.E.B.

3 - TRANSPORTE DO MATERIAL

4 - DESLIGAMENTO DAS UNIDADES QUANDO DA CHEGADA AO BRASIL



FUNIONAMENTO DOS ÓRGÃOS  
SUBORDINADOS

*linear*

- 1 - PRELIMINARES
- 2 - INFANTARIA DIVISIONÁRIA
- 3 - ARTILHARIA DIVISIONÁRIA
- 4 - QUARTEL GENERAL DA 1ª D.I.E.
- 5 - ÓRGÃOS NÃO DIVISIONÁRIOS
- 6 - SECÇÃO ESPECIAL DO COMANDO

APRECIACÕES GERAIS

- 1 - SITUAÇÃO E LIGAÇÃO DA F.E.B. COM O COMANDO AMERICANO E COMANDO ALIADO
- 2 - OS PODERES DO COMANDANTE BRASILEIRO NA ITÁLIA
- 3 - VISITAS DE ALTAS AUTORIDADES.
- 4 - CONSEIHO SUPREMO DE JUSTIÇA MILITAR
- 5 - O RODÍZIO DE OFICIAIS
- 6 - APRECIACÃO SÔBRE O OFICIAL DA RESERVA
- 7 - ESTADO DISCIPLINAR



- 8 - O MORAL DO COMBATENTE
- 9 - CONDECORAÇÕES
- 10 - CITACÕES DE COMBATE
- 11 - DIPLOMAS HONROSOS
- 12 - CAPACIDADE COMBATIVA E DE ADAPTAÇÃO DO SOLDADO BRASILEIRO
- 13 - APRECIACÃO SOBRE O FARDAMENTO, EQUIPAMENTO E MATERIAL BRASILEIRO
- 14 - QUALIDADE DOS GÊNEROS BRASILEIROS E EMBALAGEM DO MATERIAL ENVIADO DO BRASIL
- 15 - AS ENFERMEIRAS NA F.E.B.
- 16 - AS ATIVIDADES DA AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL
- 17 - OS CORRESPONDENTES DE GUERRA
- 18 - LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA
- 19 - FLUTUAÇÃO DE EFETIVOS
- 20 - DESPEZAS DA F.E.B.

VII

CONCLUSÃO

VOLUME III

VIII

ANEXOS

- 1 - CALENDÁRIO REFERENTE À F.E.B.
- 2 - SÍMBOLOS, CONVENÇÕES E ABREVIATURAS UTILISADAS NO RELATÓRIO



- 3 - QUADRO DOS LOCAIS DO Q.G. DA 1ª D.I.E.
- 4 - QUADROS ESTATÍSTICOS
- 5 - RELAÇÃO NOMINAL DOS MORTOS E ESTRAVIADOS DA F.E.B. *lance*
- 6 - MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS NO PLANO DE UNIFORMES DA F.E.B.
- 7 - BAGAGEM INDIVIDUAL DO PESSOAL DA F.E.B.
- 8 - LEGIPLAÇÃO SOBRE A F.E.B.
- 9 - DISTINTIVO DA F.E.B. CREADO NA ITÁLIA
- 10 - CITACÕES DE COMBATE DE UNIDADES DA F.E.B.
- 11 - PROCLAMAÇÕES DE GUERRA ÀS ARMAS E SERVIÇOS
- 12 - PROCLAMAÇÕES MILITARES À TROPA
- 13 - PROCLAMAÇÕES CÍVICAS
- 14 - CÓPIAS DE OFÍCIO E CARTAS REFERENTES AOS INSUCESSOS DE MONTE CASTELLO
- 15 - APRECIACÕES DE COMANDOS SUPERIORES E DE ALTAS AUTORIDADES ESTRANGEIRAS SOBRE A F.E.B.
- 16 - MENSAGENS DE CONGRATULAÇÕES À F.E.B.
- 17 - TELEGRAMAS DO COMANDO DA F.E.B. COMUNICANDO A CESSAÇÃO DAS HOSTILIDADES NA ITÁLIA
- 18 - RELATÓRIOS SOBRE OS GENERAIS E CORONEIS DA F.E.B.
- 19 - DISCURSOS PRONUNCIADOS EM ALGUMAS SOLENIDADES APÓS O REGRESSO DO COMANDO DA F.E.B. AO BRASIL
- 20 - LOUVOR AO GENERAL MASCARENHAS DE MORAES PELO GOVERNO BRASILEIRO



GENERALIDADES

*Handwritten signature*

1 - PALAVRAS INICIAIS

2 - VISITA DA COMISSÃO MILITAR BRASILEIRA AO TEATRO DE OPERAÇÕES DO MEDITERRÂNEO

3 - ORGANIZAÇÃO E PREPARAÇÃO DA 1ª D.I.E. NO BRASIL

4 - CONSTITUIÇÃO DO 1º ESCALÃO DA FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E ATRIBUIÇÕES DO SEU COMANDANTE

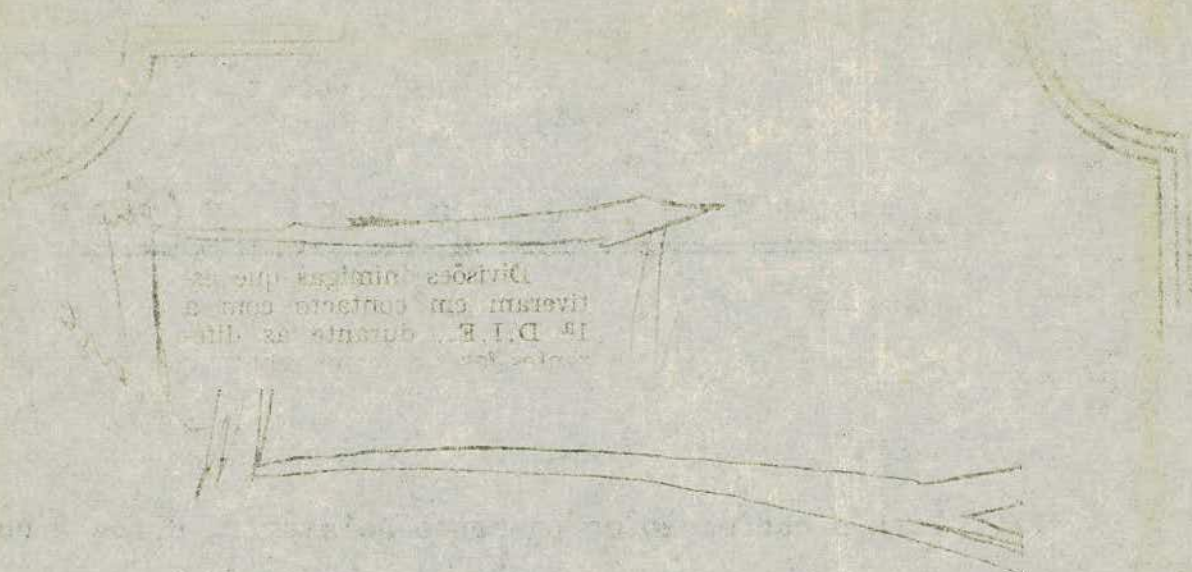


A CONFECÇÃO DO RELATÓRIO*Lucas*

Para a confecção do presente Relatório, desde a coleta de dados e redação até a preparação de mapas e gráficos, teve o Comando da F.E.B. a desvelada e contínua assistência do Capitão EDSON DE FIGUEIREDO e a preciosa colaboração dos Majores WALLENSTEIN TEIXEIRA DE MENDONÇA e HÉLIO BARBOSA BRANDÃO, Capitães CELSO DE AZEVEDO DALTRIO SANTOS e CARLOS DE MEIRA MATOS e 2º Tenente R/2 AMÉRICO SILVA (desenhista), todos integrantes da Força Expedicionária Brasileira.

Calcado nos relatórios apresentados pelos diferentes órgãos subordinados, o presente trabalho aproveita, com vantagem, os subsídios ali contidos.



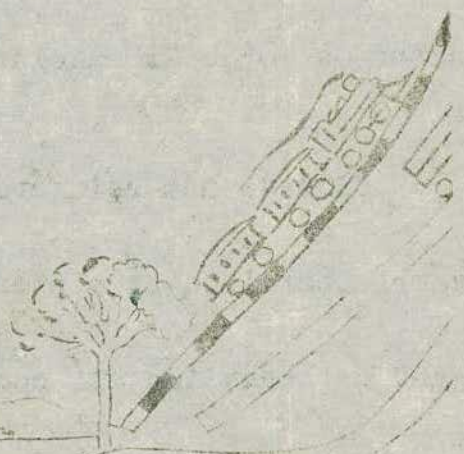


Divisão de Engenharia  
 Avenida do Contorno, 100  
 1º D.T.E. - Curitiba - PR

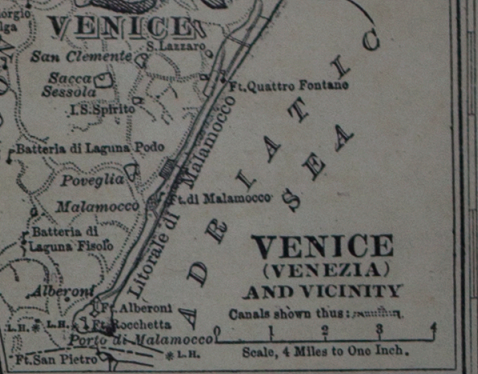


NAPOLÉ

Desembargo  
 do 1º Escalão  
 10-VII-94







**ITALY**

Copyright, by C. S. Hammond & Co., N. Y.  
Importance of places is indicated by size of type, approximately.

Country Capitals: ● Province Capitals: ○ Ports: FP  
 Railroads: — Steamship Lines: — Battleships: X  
 Submarine Telegraph Lines: — Lighthouses: ●  
 Elevations in English Feet: 500  
 Depths in English Feet: 50

Scale, 56 English Statute Miles to One Inch.  
 0 10 20 30 40 50 100  
 Kilometers.

BOUNDARY DETERMINED BY PEACE CONFERENCE TREATY  
 BOUNDARY ACCORDING TO THE TREATY OF LONDON

Faro, Lighthouse  
 Forte, Fort  
 Monte, Mountain  
 Porto, Port  
 Valle, Valley  
 Vigna, Vineyard

L. of Lampedusa, Lampedusa  
 L. of Linosa, Linosa  
 Pelagie Is. (To Girgenti)

TO HAMBURG & MALAGA  
 TO LISBON & MADRID  
 TO NAPLES & SYRACUSE  
 TO PORTO FERRARO & GENOVA  
 TO TRIESTE & VENICE  
 TO BRINDISI & BARI  
 TO CATANIA & SYRACUSE  
 TO PALERMO & CATANIA  
 TO NAPLES & SYRACUSE  
 TO PORTO FERRARO & GENOVA  
 TO TRIESTE & VENICE  
 TO BRINDISI & BARI  
 TO CATANIA & SYRACUSE  
 TO PALERMO & CATANIA

7° A 8° B 9° C 10° D 11° E 12° F 13° G 14° H 15° J 16° K 17° L 18° M

8° B 9° C 10° D 11° E Longitude 12° East F from 13° Greenwich G 14° H 15° J 16° K 17° L 18° M



MINISTÉRIO DA GUERRA  
F. E. B.

*Luiz*

Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1946  
Do General de Divisão João Batista  
Mascarenhas de Moraes.  
Ao Exmo. sr. Ministro de Estado da Guerra.

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA F. E. B.

Excelentíssimo Snr. Ministro

- I -

GENERALIDADES

1 - PALAVRAS INICIAIS

O presente Relatório tem como principal objetivo dar as autoridades responsáveis pelo envio de uma Fôrça Expedicionária ao Teatro de Operações Europeu, o conhecimento completo e tão detalhado e documentado, quanto possível, de todos os fatos ligados á sua organização no Brasil, deslocamentos para além-mar e emprêgo contra o inimigo no "front" Italiano.

Trata-se de uma peça despida de preocupações literárias que fixando cronológica e rigorosamente os fatos, servirá de base, também, a todos os trabalhos destinados a iluminar este empolgante episódio da nossa História Militar.

Os acontecimentos que adiante vão ser revividos, ainda não foram devidamente focalizados dentro de uma ideia de conjunto; alguns já foram objeto de descrições parciais, muitas vezes com sa críficio da verdade histórica.

Esta é, entretanto, a primeira e única versão oficial, organizada e redigida sob a responsabilidade do Comandante da Fôrça Expedicionária Brasileira.

Os seus termos não comportam polêmica ou divergência de interpretação, porque são a expressão da verdade, equidistantes de quaisquer opiniões ou de interesses pessoais.

A magnitude desse histórico episódio da nossa vida de nação independente merece a mais acurada atenção dos nossos dirigentes que, em boa hora, levaram o País a essa gigantesca ação, para que os grandes benefícios morais dele decorrentes possam alcançar os mais longínquos recantos da Pátria e se fixar no orgulho das gerações presentes e futuras.



*Final*

Os primeiros capítulos dêste Relatório versarão sôbre os complexos problemas de Organização da Grande Unidade e a fórmula adotada para levá-la ao Teatro de Operações. Todos os esforços serão empregados para que fiquem bem patentes as dificuldades encontradas e vencidas; os erros praticados e não corrigidos quando nos encontrávamos ainda no país; a falta de espírito objetivo de muitos órgãos incumbidos de cooperar na organização da F.E.B..

Nos capítulos intermediários serão passadas em revista as operações militares nas diversas fases em que se desenrolaram. O metodo empregado para relatá-las servirá de base á organização do histórico complementar, que fará ressaltar, em cada recanto da nossa zona de combate, os feitos de que devemos nos orgulhar ou os erros de que devemos nos penitenciar, até o dia inesquecível da Vitória.

Os capítulos finais abrangerão a reconstituição das forças para regressar à Pátria; o regresso, a extinção gradativa da Grande Unidade, o licenciamento dos ex-combatentes e, finalmente, a extinção da 1ª D.I.E..

Para facilidade, será apresentado em três volumes, os dois primeiros reunindo os assuntos do próprio Relatório e o último com documentos necessários a sua elucidação.

As críticas e comentários feitos têm meramente o espírito construtivo e não visam desprestigiar pessoas ou órgão. O próprio Comandante da F.E.B. chama a si a responsabilidade de diversos desses erros, omissões ou imprevidências, cometidos mesmo durante a campanha, narrando-os com a maior clareza e sinceridade para que sirvam de ensinamentos. Devemos ter em vista que, pela primeira vez, enviamos a outro continente uma expedição armada para desagrar os nossos brios torpemente ofendidos e com ela conquistamos feitos memoráveis e ampliamos os horizontes da nacionalidade. Era, portanto, natural que surgissem os senões que hoje desaparecem deante da vitória insofismavelmente conquistada, mas não podemos e não devemos ser esquecidos, pois assim o exige a nossa dignidade de Chefes, responsáveis pelo Exército do futuro.

Evidentemente, êste Relatório não comportará detalhes exagerados; será, entretanto, baseado numa opulenta documentação que constituirá o arquivo da 1ª D.I.E., particularmente do seu Estado Maior e dos diversos órgãos dos Serviços.



2 - VISITA DA COMISSÃO MILITAR BRASILEIRA AO TEATRO DE OPERAÇÕES  
DO MEDITERRÂNEO

*liane*

A visita feita pela Comissão Militar Brasileira, designada pelo Aviso Reservado nº 543/460, de 30-XI-43, e chefiada pelo General de Divisão JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES, ao Teatro de Operações do Mediterrâneo, foi de grande utilidade para a organização da Força Expedicionária Brasileira, pois as observações colhidas no norte da África e na frente de batalha do V Exército, condensadas em um relatório, serviram para orientar determinados pontos ainda obscuros para nós.

Algumas demonstrações realizadas com a máxima objetividade permitiram que se concluísse da mudança radical em nossos processos de instrução, de maneira a dar ao nosso combatente uma impressão de realidade e intensificar o seu preparo físico para bem suportar as duras contingências da luta, também presenciada de perto pelos membros da Comissão.

A apreciação sobre os uniformes influiu decisivamente no plano adotado para a F.E.B., decidindo certas modificações e lembrando peças indispensáveis ao uso em campanha, quando, então já se chamava a atenção para a estética que devia presidir aos modelos dos nossos fardamentos, afim de que não destoássemos no conjunto das forças aliadas.

Conclusões precisas foram tiradas das condições climáticas e sanitárias das regiões prováveis de emprego da tropa brasileira, bem como medidas importantes assentadas sobre o equipamento, a estocagem e o fornecimento de material especializado, por ocasião da nossa chegada ao Teatro de Operações.

O problema da moeda, o câmbio e a troca do nosso dinheiro constituiu motivo de estudo especial, sendo lembrada a anexação de uma Agência do Banco do Brasil para definitiva solução das operações bancárias.

Cuidadosamente observada a alimentação americana e na previsão de distribuí-la à tropa brasileira, anotações interessantes foram relatadas para sua aplicação metódica ainda no Brasil, com o fim de evitar surpresas desagradáveis caso a transição de regime se fizesse de maneira brusca. A dificuldade de manter uma corrente normal de transporte dos gêneros nacionais, trouxe a lembrança da instalação de bases regulares nos moldes das americanas existentes em além-mar.



Dois oficiais dos Serviços, um médico e um intendente, e dois outros combatentes, permaneceram no Teatro de Operações, em contáto diréto com o Comando e a tropa empenhada, para observar, informar e solucionar os diferentes problemas ligados ao envio, ao emprêgo e a vida das fôrças braileiras que se aprestavam para atravessar o Atlântico.

São, assim, recordadas, em traços gerais, as atividades e os proveitos colhidos da rápida visita feita pela Comissão no mês de dezembro de 1943.



### 3 - ORGANIZAÇÃO E PREPARAÇÃO DA 1ª D.I.E. NO BRASIL

#### A - ADAPTAÇÃO AO EFETIVO TIPO F.E.B.

*Lucas*

O Boletim Reservado do Exército nº 16, de 13 de agosto de 1943, publicou a Portaria Ministerial nº 47-44, de 9 do mesmo mês que traçou as primeiras normas gerais para a organização da Força Expedicionária Brasileira, em cuja composição deveria figurar, nos moldes da Divisão de Infantaria Americana, a 1ª. Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª D.I.E.) que afinal, foi a única a sair do país para a guerra em outro continente. A constituição então fixada era a seguinte:

Comando e Estado Maior da 1ª D.I.E.

Infantaria:- Comando da Infantaria Divisionaria

1º R.I. (Regimento Sampaio)

6º R.I.

11º R.I.

Cavalaria:- 1º Esquadrão de Reconhecimento Moto Mecanizado  
(de nova formação)

Artilharia:- Comando da Artilharia Divisionaria

I/1º R.O.Au.R. (de nova formação)

II/1º R.O.Au.R. (antigo 1º G.A.Do.)

I/2º R.O.Au.R. (antigo 6º G.A.Do.)

I/1º R.A.P.C. (antigo Grupo Escola)

Engenharia:- 9º B.E. (de recente formação em Aquidauana-Mato Grosso)

Saúde:- 1º B.S. (antiga 1ª Formação Sanitária)

Elementos de Tropa Especial:- (todos de nova formação)

Companhia do Quartel General da 1ª D.I.E.

Companhia de Manutenção

Companhia de Intendência

Companhia de Transmissões

Pelotão de Polícia Militar

Banda de Música Divisionária

Essas unidades deveriam ser elevadas aos efetivos previstos nos T/O (Quadros de Organização) americanos de 1943, traduzi-



*leanc*

dos e publicados nos diferentes Boletins Reservados da série nº 18".

Entretanto, as providências objetivas para organização da 1ª D.I.E. nos moldes das Divisões de Infantaria do Exército Norte-Americano só foram realmente postas em prática a partir do momento em que o seu enquadramento começou a ser definido, com designação do seu efetivo Comandante.

Com efeito, por aviso-Res. nº 471-398, de 7 de outubro de 1943, o General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes foi designado para "organizar e instruir a 1ª D.I.E., cujas unidades componentes disseminadas em quatro Regiões diferentes da nossa divisão territorial militar (1ª - Rio; 2ª - S. Paulo; 4ª - Minas Gerais e 9ª R.M - Mato Grosso) deveriam permanecer, entretanto, no âmbito dos seus comandos normais, para efeito de administração e disciplina".

A propósito da designação do Gen. Mascarenhas de Moraes para preparar a 1ª D.I.E., convém transcrever aqui a troca de telegramas com o Ministerio da Guerra sobre o convite para Comandar uma Divisão brasileira na guerra:

"25 H.1

URGENTE 9 de Agosto de 1943

CIFRADO

General Mascarenhas - S. Paulo

Consulta prezado camarada se aceita comando de uma das Divisões que constituirão Corpo Expedicionário pt Impõe-se resposta urgente porque caso afirmativo fará estágio Estados Unidos pt

General Eurico Dutra  
Ministro da Guerra"

"GEN. DUTRA

URGENTISSIMO

Rio

De S. Paulo - 20 - 40 - 10/VIII - 17.15

345 - Muito honrado e com satisfação respondo afirmativamente consulta V. Exa. acaba fazer-me vg em rádio 25/H-1

(a) Gen. Mascarenhas de Moraes

Cmt. 2a. R.M.



*Line*

A situação das unidades disseminadas em quatro Regiões Militares criou sérias dificuldades, de início, pela impossibilidade de se exercer uma fiscalização sobre a marcha da instrução, assim como o controle direto das transformações por que deveriam passar as unidades pertencentes às 2ª, 4ª e 9ª R.M., até se apresentarem no novo tipo de organização que lhe era imposto.

A 18 de outubro de 1943, vem a público o Aviso Reservado nº 481-408, traçando as primeiras normas para a transformação dos efetivos das Unidades componentes da 1ª D.I.E. e prescrevendo que deveria estar concluída até 15 de novembro, ou seja em menos de um mês. Convém frisar que o referido Aviso considerava que só naquela data se iniciava a distribuição dos diversos quadros de efetivo tipo F.E.B., sendo portanto conhecidos apenas os efetivos globais aproximados anteriormente publicados.

A adoção dos nossos quadros impunha uma revolução completa nos efetivos das unidades constituintes da 1ª D.I.E., muitas delas de nova formação, trazendo, como consequência, a abertura de enormes claros nos respectivos efetivos, claros esses, por sua vez, de difícil preenchimento, visto serem na maioria de elementos especializados, mal definidos nos quadros de organização publicados nos Boletins Especiais nº 18.

O Regimento de Infantaria teria que sofrer modificações radicais, não só na constituição das unidades elementares, como na própria estrutura dos órgãos do Comando. Seu armamento também seria radicalmente modificado, com introdução de novas armas até então desconhecidas entre nós. Assim, o Morteiro de 60m/m, o Lança-Rojão (Bazooka), a Metralhadora 0.30, o Canhão de 57 m/m (anti-carro) e o Obuz de 105 m/m, a multiplicidade de aparelhos de rádio-fonia, telefonia etc., constituíam inovações que exigiam não somente um perfeito conhecimento técnico para um emprêgo eficiente, como um conhecimento profundo das alterações impostas nos processos de combate, com a inclusão dessas armas nas formações da Infantaria.

Na organização da Artilharia, desapareceria o canhão calibre 75 m/m, para dar lugar aos calibres 105 e 155 m/m, orgânicos da Artilharia Divisionária.

Na Engenharia, a transformação se apresentava completa, com a adoção de um aparelhamento novo e desconhecido, já adequado às missões impostas atualmente às unidades desta arma.

Nessa fase, de dificuldades insuperáveis, o 6º R.I. estacionava em Caçapava (2ª R.M.), o 11º R.I. em S. João d'El Rey (4ª R.M.), o 1/2º R.O.Au.R. em Duque de Caxias (2ª R.M.) e o 9º B.E. em Aquidauana (9ª R.M.). Apesar dos esforços dispendidos pelo Estado Maior



or da 1ª D.I.E., também em franca constituição, e a cooperação dos órgãos regionais, a reorganização dessas unidades era feita com extrema morosidade.

A atribuição dada pelo Aviso 471-398, já citado, chocava-se a cada momento com a responsabilidade administrativa e disciplinar privativa dos Comandantes de Regiões Militares.

Paralelamente á transformação das unidades, e como base indispensável a êsse trabalho, processava-se a rigorosa e extensiva inspeção de saúde a que eram submetidos os homens, causando decepções e dificultando ainda mais aquela tarefa. Em capítulo especial, faremos uma apreciação sobre a seleção física.

A Diretoria das Armas encontrava toda sorte de dificuldades para classificar oficiais nos corpos expedicionários, e os transferidos necessitavam de tempo para chegar à séde das unidades.

É nesse ambiente que se inicia a adaptação do efetivo tipo F.E.B., que o Aviso 481-408, de 18 de outubro, determinava que se concluísse a 15 de novembro!

A 6 de dezembro de 1943, o Gen. Cmt. da 1ª D.I.E. seguiu para o Teatro de Operações da Italia afim de estabelecer uma primeira ligação de Comando, observar o campo de batalha e tomar contato com os problemas que o deveriam empolgar no transcurso da campanha. Ficou respondendo pelo Comando o Gen. Euclides Zenóbio da Costa que, nesse mês, em companhia de oficiais do Estado Maior da Divisão, inspecionou os trabalhos de reorganização do 6º R.I. (Caçapava), do 11º R.I. (S. João d'El Rey) e do 1/2º R.O.Au.R. (Duque de Caxias). Em todos eles foi constatada, de um modo geral, a balbúrdia ainda existente no que se referia à organização, principalmente por não se ter chegado a uma solução definitiva sobre o verdadeiro critério a dotar no exame de seleção física, dando margem a que os corpos continuassem sem o efetivo que lhes fôra fixado, sem poderem concretizar a organização das unidades elementares. Não é necessário encarecer o prejuízo que isto acarretava em relação à principal preocupação do Comando - a instrução da tropa.

Por outro lado, a inexistência do material e do armamento com que deveria se instruir barrava a iniciativa dos Comandantes de Corpos.

Ao findar o ano de 1943, a situação era a seguinte:

- Estado Maior da 1ª D.I.E. - Completamente constituído
- Tropa Especial do Q.G. - Em curso de organização
- Infantaria:

Todos os Regimentos apresentavam grande "deficit" de efetivos



principalmente por desconhecer ainda o resultado do exame de seleção física de seus homens.

A morosidade extrema dos trabalhos das Juntas de Inspeção era agravada pela complicação do processo burocrático da Diretoria de Saúde do Exército, que teve de instalar e fazer funcionar serviços inteiramente novos com pessoal insuficiente.

No efetivo dos Regimentos, o maior precalço residia na dificuldade de se obter a grande massa de especialistas de toda espécie, entre eletricitistas, motoristas, mecânicos, telegrafistas, radiotelegrafistas, mecânicos de radio, armeiros, etc..

Além disto os quadros elementares, principalmente sargentos, eram deficientes no preparo e insuficientes no número.

No 11º R.I. a situação parecia mais grave porque os recursos para cobrir os claros deveriam vir do 10º R.I. (JUIZ DE FÓRA) e 12º R.I. (BELO HORIZONTE). E assim aconteceu, embora com grave abalo para essas unidades e para o próprio 11º R.I..

Homens inspecionados em BELO HORIZONTE e JUIZ DE FÓRA, sob critérios diferentes, num total superior a 1.600, em determinado momento foram mandados apresentar ao Cmt. do 11º R.I. e incorporados a esta Unidade, provocando, pelo abrupto do fato, certo desequilíbrio disciplinar dentro do Regimento.

Os Btl. dos Regimentos foram organizados com menor dificuldade. As sub-unidades Regimentais - Cia. de Comando, Cia. de Serviços, Cia. de Canhões Anti-carro e Cia. de Obuzes 105 - entre tanto, pelo grande numero de especialistas que intervinham na sua composição, tiveram uma organização muito demorada.

O 1º e o 6º R.I. apresentavam-se mais adiantados, talvez porque os seus Comandantes tivessem o estágio da Escola de Infantaria de Fort Benning (E.E.U.U.). O 11º R.I. não possuía os mesmos recursos.

### Artilharia

A situação da Artilharia não encontrou dificuldades, não só porque as quatro unidades componentes eram da ordem de 500 homens cada uma, como pelo fato do material de 105 m/m já existir em depósito entre nós, tendo sido distribuído antes mesmo que os efetivos estivessem reajustados, no curso do mês de dezembro.

O I/1º R.A.P.C. não recebeu material de 155 m/m por não existir no Brasil. Foram-lhe distribuídas tres Bias. de 105 m/m, à semelhança dos outros Grupos, para treinamento das formações e da técnica de tiro.

O E.M. da AD/IE, constituído com os elementos essenciais, tomou a seu cargo a tarefa normal.



### Cavalaria:

O 1º Esquadrão de Reconhecimento foi, certamente, a tropa de mais fácil organização, porque resultou da conversão de um dos esquadrões do 2º R.M.M., que lhe cedeu homens capazes, e seu próprio material orgânico e permaneceu no mesmo alojamento.

### Engenharias:

O 9º B.E., com sede em AQUIDAUANA, foi a unidade de Engenharia designada para integrar a 1ª D.I.E.. Durante sua permanência na 9ª R.M. esteve fóra de qualquer intervenção do Cmt. da Divisão, pelas dificuldades de comunicações e de ligações de toda espécie. Nessas condições, durante a primeira fase da organização, o B.M. apenas tomou conhecimento dos resultados dos exames de seleção física, os quais foram tão decepcionantes quanto os das outras Regiões Militares. Foi solicitada a vinda urgente do Btl. para a 1ª R.M., sendo-lhe fixado o estacionamento em TRES RIOS, cidade situada à margem da estrada PETROPOLIS-JUIZ DE FÓRA, que oferecia nos terrenos e rios circunvisinhos todos os recursos para a instrução da tropa.

As dificuldades da organização mostraram-se nessa fase in superáveis. Onde encontrar para recrutar rádio-operadores, mecânicos em geral, mecânicos de automovel, estenógrafos, eletricitas, motoristas de trator, motoristas de bote-motor, carpinteiros de ponte, operadores de compressor de ar, operadores de martetele mecânico, etc.?

É, portanto, uma unidade que não se pode improvisar. Sua organização no novo tipo modificou fundamentalmente a constituição anterior do Btl.. O apelo feito aos outros B.E. para completar os seus claros resultou improficuo. A convocação não pôde ser feita, porque o Exército nunca formou reservistas de tais especialidades.

### Transmissões:

A organização da 1ª Cia. de Trns. não foi difícil porque, à semelhança do Esquadrão de Reconhecimento, uma Cia. do 1º Btl. Trns. converteu-se na unidade expedicionária. É certo que o material com que teria de contar não seria o mesmo; e a própria organização era diferente.

A vantagem maior residia, porém, na existência da Sub-Unidade, já quartelada, e plenamente identificada com sua especialidade.

Embora não contando, ainda, com certos especialistas de difícil recrutamento, a Cia. Trns. podia-se considerar organizada na quela data.



## Saúde:

A organização do 1º Batalhão de Saúde processou-se na cidade de Valença, tendo por base a 1ª Formação Sanitária Regional. A ela vieram se juntar os elementos da 2ª Formação Sanitária, oriundos de S. Paulo. Afora as grandes dificuldades de aquartelamento de todo o Btl., a organização mesma correu normalmente, com o apóio eficaz da Diretoria de Saúde.

## Material Bélico:

A Companhia de Manutenção foi, talvez, a unidade de mais difícil organização. Para se ter uma idéia, basta citar alguns dos especialistas do seu Pelotão de Reparação de Armamento: mecânico de Artilharia, reparador de instrumentos, maquinistas, chefe de armeiros, armeiros especialistas, etc.

Não havendo no nosso Exército, naquela época, uma fonte de formação ou de recrutamento regular desses elementos, foi necessário apelar, por intermédio da Diretoria de Material Bélico, para os quadros de especialistas do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e para convocação de reservistas. Os dois processos ainda encontraram precalços e a 31 de dezembro de 1943 a Companhia praticamente não existia.

## Intendência:

A maior dificuldade encontrada na organização da Companhia de Intendência foi o recrutamento do grande número de motoristas necessários aos seus tres Pelotões de transporte e dos especialistas destinados à seção de Manutenção. Foi difícil estabelecer o enquadramento definitivo dessa unidade.

Em 31 de dezembro de 1943 ainda era embrionária a sua organização; não dispunha de material, nem tinha a menor eficiência.

Os Serviços, lutando ainda com grande deficiência de pessoal especializado, estavam entretanto em pleno funcionamento, menos o Serviço Religioso, o Serviço de Justiça e o Pelotão de Polícia Militar, cuja organização foi tentada por vários processos, sem lograr êxito, por não se conseguir obter os homens com as características exigidas.

Apezar do estado em que se encontravam as Unidades, o regresso do Cmt. da 1ª D.I.E. do Teatro de Operações da Itália, com as observações colhidas e com os entendimentos feitos, motivou, já nos primeiros dias de 1944, uma ação mais objetiva e, principalmente mais pronta, dada a expectativa de uma ordem repentina que nos levasse a embarcar em curto prazo.



A situação das unidades da Divisão em relação aos seus Comandantes constituía um verdadeiro obstáculo a qualquer ação.

As que se encontravam no Rio tinham ainda laços sólidos com os Comandos normais da 1ª R.M. e as de S. Paulo e Minas quasi nenhuma relação mantinham com o Cmt. da 1ª D.I.E.. A cada momento o Comando e o E.M. da Divisão chocavam-se com as susceptibilidades dos Comandos e E.M. das outras Regiões, criando situações desagradáveis que prejudicavam profundamente a nossa ação preparatória. Foi quando, em Aviso Reservado nº 31-30, de 20 de janeiro de 1941, o Ministro da Guerra determinou que as unidades estacionadas na 1ª R.M. passassem a depender inteiramente e sob todos os aspectos do Cmt. da 1ª D.I.E.. No entanto, o 6º R.I. e o 11º R.I., o 1/2º R.O.Au.R. e o 9º B.E., embora pertencentes à 1ª D.I.E., enquanto permanecessem nos seus quartéis de origem, continuariam na dependência dos Comandos Regionais. Dois terços da Divisão ainda estava fora da alçada do Cmt. da 1ª D.I.E..

O tempo avançava célere e nós estávamos ainda muito longe dos nossos objetivos. Sérias ponderações foram feitas às autoridades superiores, opinando pela concentração urgente da Divisão na 1ª R. M..

Na segunda quinzena do mês de janeiro, o 9º B.E., deslocando-se por Companhias, começou a se concentrar na cidade de Três Rios, onde ficou completamente instalado nos primeiros dias do mês seguinte. Por Aviso-Reservado nº 99-97 e 97-95, de 15 de fevereiro, foi determinada a transferência de sede do 6º R.I. e do 11º R.I., respectivamente, de Caçapava e de S. João d'El Rey para a Vila Militar do Rio. O 6º R.I. deslocou-se na 2ª quinzena de fevereiro e o 11º R.I. concluiu a mudança na 1ª quinzena de março. Só na 2ª quinzena de março chegou ao Rio o 1/2º R.O.Au.R..

Estava concentrada a Divisão na Capital Federal e inteiramente na mão do Comandante da D.I.E., mas já se renunciava a partida para além-mar.

No decorrer desses deslocamentos, vem a luz nova série de "Boletins Especiais nº 18", resolvendo a intrincadíssima situação de equivalência das nossas graduações com os inúmeros "técnicos" da organização americana, muito embora se agrave o problema de especialistas e artífices, para cuja solução, triste é dizê-lo, nossa reserva não estava, até então, suficientemente preparada.

Entendimentos foram mantidos com a 1ª R. M.-- alto comando investido da função de órgão provedor de efetivos da D.I.E.--medidas administrativas foram propostas e prazos estipulados, muito



embora, entretanto, os resultados materiais surgissem num ritmo nada auspicioso e, ao fim de semanas após semanas escoadas, pouca diferença fazia a Divisão do seu estado inicial.

O Ministro da Guerra determinou sucessivas convocações de reservistas, procurando principalmente os especialistas na vida civil. Foi grande a fuga, sob os mais variados pretextos; mas não foi menor a motivada pela incapacidade física.

Para nivelamento do efetivo exigido à D.I.E., depois de exgotados os recursos de convocação e a despeito, mesmo, desta, foi preciso fazer incorporar numericamente a massa de homens necessária e, posteriormente, mediante cursos intensivos e de emergência feitos no Centro de Instrução Especializada (C.I.E.), fornecer o avultado numero de artífices e especialistas que a organização americana reclamava. Solução, sem dúvida demorada, visto só poderem aproveitar os monitores americanos disponíveis, e principalmente, os instrutores brasileiros já ambientados nos métodos de preparo daquele Exército.

Como anteriormente ficou dito, o recurso acima não excluiu as diligências tomadas pelo Estado Maior da Divisão de ir buscar, nas suas próprias oficinas, certos indivíduos de profissões afins para certas especialidades militares, para fazê-los prestar serviços ao Exército, por força de convocação nominal.

Temos, assim, em rápido exame, descrito o que foi o esforço desenvolvido de outubro de 1943 a junho de 1944 para dar corpo à nossa Divisão Expedicionária que teria no estrangeiro, em clima adverso e deante de um inimigo experimentado, a sagrada incumbência de desagravar a honra nacional. Paralelamente com êste, outros problemas surgiram que serão abordados em capítulos especiais.

## B - SELEÇÃO FÍSICA

Conforme dissemos anteriormente, o Aviso Reservado nº 481-408, de 18 de outubro de 1943, ditou as primeiras normas para a transformação dos efetivos das unidades indicadas para integrar a 1ª D.I.E. e, na mesma data, foram aprovadas as "Instruções para Organização e Funcionamento das Juntas Médicas de Inspeção" o que significa dizer que êsse problema, um dos mais transcendentes, até aquela época não havia sido abordado.

A êle estaria subordinado todo o trabalho da transformação das unidades e deveria ser realizada nas próprias sedes, isto é, no RIO, em S. PAULO, CAÇAPAVA, S. JOÃO D'EL REY e AQUIDAUANA.

Estabelecidas as condições mínimas a satisfazer para integrar a P.E.B., as diversas Juntas de Inspeção, em todas as Regiões interessadas, começaram o seu penoso trabalho, constatando-se des-



de logo as maiores decepções, pela massa de homens, oficiais e praças, que nem sequer se classificavam na categoria de "Normal" *Normal*

No 11º R.I. (S. João d'El Rey) apenas três homens: um capitão, um sargento e um soldado conseguiram a classificação "Especial", isto é a única que permitia integrar a F.E.B.. O mesmo escalão se assinalava em todas as outras unidades. Tão calamitosa se apresentou a situação que a Diretoria de Saúde recebeu instruções para admitir, também, os homens da categoria "Normal".

As medidas para o completamento dos efetivos, em face dos aspectos verdadeiramente alarmantes da Seleção Física, foram drásticas, estendendo-se a todas as Regiões Militares, com resultados compensadores, principalmente pelos elementos oriundos das 3ª e 5ª R.M., que enviaram sucessivos contingentes selecionados criteriosamente.

O mesmo não se deu com as 6ª, 7ª e 10ª R.M, cujos contingentes apresentaram fortes índices de incapacidade, ao serem reinspecionados pela Junta da Policlínica Militar do Rio.

Surgiu, então uma certa benevolência na inspeção e algumas exigências, consideradas exageradas, foram abolidas ou abandonadas e assistimos uma grande massa de homens, já examinados e dados como incapazes para a F.E.B., pela capacidade física limitada que possuíam, serem classificados na categoria "Especial". Isso traria, depois, amargos dissabores e pesados vexames, como mostraremos a seguir.

De acôrdo com os índices americanos de seleção, por exemplo, são feitas severas restrições aos homens que têm os dentes em mau estado. Ao chegar em Napoles o 1º Escalão da D.I.E., foram reinspecionados todos os seus 5.300 componentes, tendo sido imediatamente constatada, pelos especialistas americanos, a necessidade de se executarem vinte mil (20.000) extrações de dentes absolutamente imprestáveis e que ameaçavam o equilíbrio físico dos homens. O que foi ouvido, então pelo Comandante da F.E.B., seu Chefe de Estado Maior e Chefe do Serviço de Saúde, como crítica ao estado em que se apresentava no Teatro de Operações aquele contingente de combatentes, não será repetido aqui, mas constituiu para nós uma severa advertência para não mais admitirmos benevolências e transigências em materia de serviço, qualquer que fosse a missão a cumprir. Não pudemos calar e retrucamos, pois assim exigiam os nossos brios de militar estrangeiro e Comandante de uma tropa, mas o resultado da nossa proverbial negligência era flagrante e não podia ser contestado: uma media de quatro (4) extrações em cada homem, que poucos meses antes, foram classificados na categoria "Especial". Não interessa mais procurar os responsáveis, mais sim aproveitar o



ensinamento e não mais facilitar.

Outras providências foram tomadas para o transporte do 2º contingente e uma severa barragem então estabelecida veio abrir, nas vésperas do embarque, profunda sangria nos efetivos tão penosamente conseguidos. O espetáculo das extrações em massa e preparação de dentaduras às pressas, ainda está bem vivo na retina de todos que acompanharam de perto os preparativos de embarque do 2º Escalão.

Fazemos, desta forma, um relato sumário do que foi a seleção física dos nossos homens e das dificuldades que trouxe para a organização das unidades.

Os relatórios particulares da Diretoria de Saúde sobre o assunto e os das Juntas de Inspeção devem ser lidos e bem meditados, pois são muito importantes para as nossas realizações futuras.

### C - SELEÇÃO MORAL

Pode-se dizer que, a rigor, não foi possível estabelecer uma seleção moral para os que deviam integrar as unidades da F.E.B., isto é, não houve uma preparação especial entre os elementos que eram transferidos para completar os claros surgidos com a adoção do efetivo americano. E nos Corpos designados para constituírem a 1ª D.I.E., observava-se a preocupação dos homens de esquivarem-se de suas unidades por qualquer processo e o número deles era bem superior ao dos voluntários. Havia, ainda, os indiferentes, classifiquemos assim os que não se empolgaram pela idéia de tomarem parte numa campanha em desagravo de nossa soberania e os que não acreditavam no embarque para além-mar, considerando toda providência nesse sentido como uma farça.

Casos houve em que os contingentes oriundos de determinadas unidades não pertencentes à F.E.B. e que deveriam integrar a 1ª D.I.E., foram compostos, na sua maioria, de homens de má conduta. Houve, mesmo, uma unidade que indicou para serem transferidos para à F.E.B. soldados condenados cumprindo sentenças e outros, ainda, em curso de processo, etc..

Erro grave. Muitos desses elementos foram mesmo incluídos na F.E.B. e seguiram para o Teatro de Operações. Foram eles, certamente, os autores dos fatos escabrosos que nos envergonharam além-mar, cujos dados estatísticos estão sintetizados no capítulo referente ao Serviço de Justiça.

Estas dificuldades foram muito agravadas com a falta de preparação psicológica entre oficiais e praças componentes da F.E.B.



O ambiente a que chegamos com o descrédito que sempre de mos ao que é nosso - e este é um mal do país e não exclusivo do Exército - refletiu-se nocivamente na preparação militar da tropa.

Por sua vez, o contato diário dos soldados expedicionários com os elementos transferidos por serem de má conduta ou por casti go, com os das outras unidades não pertencentes à F.E.B., com suas próprias famílias, onde o excesso de zêlo pela sorte dos futuros combatentes (sentimento louvável e natural nas mães brasileiras) agravado pela ação destruidora da quinta-coluna que, assim, encon trava campo propício aos seus desígnios e a onda de boatos sempre comum nessas ocasiões, tudo contribuía para minar o espírito dos nossos homens, prejudicando qualquer trabalho em contrário dos che fes responsáveis. Pensou-se em afastar do Rio todas as unidades, con centrando-as numa região onde fosse possível a preparação e de onde só sairiam para os navios transportes. Mas, o tempo era escasso e corria célere, e só um cálculo das semanas que se gastaria na pre paração de tão grande área de estacionamento afastava essa idéia de nossas cogitações.

As mutações constantes sofridas pelos efetivos das unidades, em consequência de transferências, incapacidades e pretextos outros, impediam que se estabelecesse uma continuidade perfeita na marcha de uma instrução de tanta responsabilidade.

Em meio ás grandes preocupações que empolgaram o Comandante da 1ª D.I.E. nessa fase, seria injusto silenciar sobre a valiosa cooperação prestada pela Diretoria das Armas, acionando todos os seus órgãos em apôio energico e eficiente à F.E.B..

Chamando a si a responsabilidade de assegurar e manter o equilibrio dos efetivos e dos quadros nas unidades expedicionári as, a Diretoria das Armas adotou uma atitude intransigente e sem exceções, equidistantes de todas insinuações e aspirações dissol ventes, incompatíveis com o supremo interêsse do Exército em face dos sagrados compromissos assumidos pelo Brasil para com seus ali ados.

Sem esse apôio drástico, superior á onda de descrença, aos caprichos e aos interêsses particulares, não seria possível comple tar e estabilizar os quadros das Unidades da D.I.E..

Ao rememorar os fatos ligados á vida da F.E.B., no momento em que ela encerra o ciclo de sua existência, na qualidade de seu Comandante, insisto em salientar, na fase difícil de sua organiza ção em um ambiente de fraca preparação psicológica, a relevante e patriótica ação da Diretoria das Armas, que nos ajudou a vencer esse periodo inicial e decisivo.

Mais tarde, quando nossas tropas entraram em contato com



o inimigo e a guerra psicológica se desencadeou com a emissão de boletins informantes em que os alemães insinuavam a inexistência de motivos para participarmos da luta, tivemos que confiar no tradicional sentimento de honra e lealdade do soldado brasileiro e não na firmeza de suas convicções que sabíamos não consolidadas através da instrução.

Agora, que o Exército readquiriu a confiança em suas reais possibilidades, urge não esquecer esses fatos tristes que bem espe-  
lham a deficiência de nossa formação moral, e seguir uma orientação segura que dê aos nossos quadros uma verdadeira noção de suas responsabilidades e dos seus deveres deante da tropa, contribuindo assim, pelo exemplo, para que os contingentes que anualmente passam pelas suas fileiras sejam beneficentemente preparados e, depois, ao re-  
tornarem à vida civil, levem consigo essas convicções que se refle-  
tirão sadiamente no ambiente nacional.

#### D - PREPARAÇÃO TÉCNICA

A preparação de uma Grande Unidade de nova formação para a guerra, dentro de um prazo restrito, impõe ao problema da instrução um aspecto verdadeiramente transcendente, mormente quando há falta de instrutores e de Regulamentos para orientação e consulta.

Adotando uma organização inteiramente americana, e estando previsto o seu enquadramento em campanha por unidades do Exército dos Estados Unidos, não poderia o seu preparo fugir aos moldes da instrução ali ministrada.

Para vencer o primeiro obstáculo, impunha-se obter os Regula-  
mentos. Essa obra meritória foi realizada com dedicação por um gru-  
po de oficiais tradutores. Inevitavelmente lenta, não foi possível dar à tropa, nessa fase, os recursos para a sua preparação intelectual básica.

Nesses primeiros momentos, passavam, também, as unidades por uma forte crise motivada pela alteração radical em suas estruturas e pela rigorosa seleção física imposta a seus homens, como já foi estudado em capítulos anteriores. Impunha-se, ainda, mudar toda a mentalidade, abandonando os reflexos de uma organização, para assimilar outra com características bem diferentes e já sancionada pela guerra.

Além disso, não havia sido distribuído o armamento e o material americano, compatíveis com os quadros de efetivos mandados adota-

E, assim, teriam que correr os meses de outubro, novembro e dezembro de 1943, impossibilitando, portanto, a realização de unidades constituídas e, para não perder tempo, era preciso dar incremen-



ao estudo da organização em si mesma, para que o emprêgo das formações no combate resultasse de um perfeito conhecimento das suas possibilidades. *divul*

Dessa análise real do quadro em que se processaria o preparo da 1ª D.I.E. para sua nobilitante missão em além-mar resultou a divisão da instrução em duas fases distintas:

1 - Instrução inicial, calcada quasi que exclusivamente na observação individual e a ser concluída em fins do ano de 1943.

2 - Desenvolvimento geral da instrução, visando o emprêgo das unidades constituídas e subordinado a períodos que as contingências exigissem.

### 3 - Instrução inicial

Uma Diretiva especial do Comando, determinava a orientação geral para a instrução até o dia 31 de dezembro de 1943, atribuindo maior importância:

- ao tiro das armas; organização do terreno
- á resistência física (instrução física e marchas)
- á instrução moral; educação psicológica
- ao conhecimento pormenorizado das funções constantes dos novos efetivos.

Intensificando dentro do possível o tiro das armas, a organização e o aproveitamento do terreno, permitia-se o enquadramento dos homens e avivavam-se os conhecimentos indispensáveis para as futuras fases em conjunto que aumentariam a capacidade combativa da tropa. O conhecimento e a utilização das armas ficava procrastinado porque, nessa altura, ainda não se possuía o material que seria utilizado na campanha. Contudo, não se perdia o contato com o material da organização normal, principalmente o canhão 37 m/m anti-carro, o morteiro de 81 m/m e as metralhadoras, particularmente nos exercicios de progressão sob fogo (infiltração).

---

A certeza que teríamos de agir num dos Teatros de Operações mais acidentados da guerra que vem de findar; que teríamos de lutar lado a lado com tropas norte-americanas e inglesas integradas por homens de compleição física excepcional e adestrados em mais de três anos de campanha; que teríamos de nos defrontar com um adversário de vigor físico comprovado e profundo conhecedor do terreno em que se batia; que, finalmente, lutávamos com as mais sérias dificuldades para selecionar os combatentes que integrariam as unidades



Expedicionárias, davam-nos uma idéia da importância de que se deveria revestir o preparo físico dos nossos soldados. *lume*

Tôdas as Diretivas expedidas, desde as primeiras interferências do Comando da 1ª D.I.E. no preparo da tropa, tiveram a preocupação de encarar esse ramo da instrução. Sem perda de tempo, os corpos organizaram suas pistas de aplicação erigidas de obstáculos e procuraram elevar ao mais alto grau o treinamento da marcha, de modo a poder realizar o percurso de trinta e dois quilômetros sem desgaste exagerado da tropa.

Essa exigência, (marcha a pé) traduzida em verdadeiros "tests" foi imposta mesmo às unidades de artilharia. Podemos assegurar que foi imensamente útil e ainda poderia alcançar maior rigor. As duras etapas que os nossos homens tiveram de vencer, desde que iniciaram a transposição do oceano, exigiram esforços só compatíveis a homens dotados de grande vigor físico.

Nossos quadros não são muito dedicados a esse ramo da instrução, preferindo tratá-lo como uma especialização. Não foi essa a interpretação constatada no Teatro de Operações, entre os nossos aliados. Era obrigatório, para as tropas que deixavam o "front" para períodos de repouso, serem submetidas a intenso desenvolvimento físico, principalmente da ginástica aplicada e objetiva. E isto se verificou durante toda a campanha e continuou depois do encerramento das operações.

É verdade que as características do nosso clima impõem certas limitações a determinados tipos de exercício. Entretanto, mesmo tendo em vista suportar com maior desembaraço os rigores do nosso clima, particularmente nas estações calmosas, a educação física tem um valor inestimável.

Durante esse período de operações extra-continenciais observou-se constantemente como os norte-americanos adaptavam-se sem dificuldade a todos os climas, enfrentavam quaisquer intempéries e, em qualquer ponto da America, da Europa ou da Africa, sujeitos a temperaturas senegalescas, suportavam, sem diminuir o rendimento do seu trabalho, a mais rude tarefa que lhes fosse imposta.

Era o resultado de um preparo físico bem conduzido, servindo de esteio a um moral elevado.

No fim do período preparatório realizado em território nacional, o grau de preparo físico dos nossos homens era muito apreciável. Se o aspecto físico de cada homem não apresentava uma aparência excepcional, era porque outros fatores de desagregação ainda não haviam sido vencidos, com a alimentação deficiente anti-higiênica, as condições gerais de higiene dos acantonamentos superlotados, etc.



Um trabalho intenso também seria exigido para se preparar psicologicamente o nosso combatente, oriundo de uma massa mal preparada e selecionado com falhas. Decidida a nossa comparticipação no conflito generalizado do velho mundo, decidida que essa colaboração seria prestada por minúscula fração do Exército Nacional, tudo indicava que se precurasse, em um voluntariado exigente, o contingente humano para formar a única Divisão a atuar além-mar contra o facismo tão detestado do povo brasileiro. Dispondo-se de toda a imprensa, de todas as rádios-comunicações, de um majestoso Departamento de Propaganda, de oradores famosos, fácil teria sido a propaganda para se obter o que de melhor existe, como soldado e cidadão conciente, que pudesse representar física, intelectual e moralmente, em dura campanha, contra adversário aguerrido e tenaz, o valor de nossa gente. Mas tal não se fez e nem se pode dizer que foi aberto o voluntariado para tão magno empreendimento. Pequenas notícias de duas ou três linhas de certos jornais anunciavam que estava "aberto o voluntariado para a F.E.B.". E o resultado alcançado, inclusive na convocação de reservistas, é mais do que expressivo.

Deante desse quadro, não é necessário encarecer a significação da importância da instrução moral para uma tropa que se destinava a combater em outro continente, entre estranhos, completamente desambientada, como estreiante e com as dificuldades do terreno e dos rigores da própria guerra. Considerando ainda o receio natural reinante no nosso ambiente, o apêgo á família e os múltiplos perigos que nos assaltariam desde que transpusessemos a Guanabara, pode-se fazer uma idéia do intenso trabalho de dissociação que se processava nas fileiras da Divisão, acrescido da ação persistente de elementos suspeitos.

Mas tudo foi vencido com uma assistência contínua da sôbre a tropa e com uma educação moral bem orientada por parte dos nossos quadros, que não permitiram que se destruísse prematuramente o espírito combativo do homem e nem se maculasse o tradicional sentimento de honra e lealdade do soldado brasileiro

---

Com o estudo aprofundado das funções constantes dos novos efetivos, foi possível, principalmente aos órgãos de Comando, conhecer a organização detalhada de cada arma e de cada serviço, estabelecendo-se, assim uma excelente base para um emprêgo seguro. E dessa forma, também, nasceu um verdadeiro espírito de Grande Unidade, permitindo ao Estado Maior da Divisão uma mútua compreensão entre os seus componentes e um perfeito conhecimento da missão de cada um.



b - Desenvolvimento geral da Instrução

*Lucas*

Ao se iniciar essa fase, embora o Gen.Cmt. da 1ª D.I.E. já tivesse regressado da visita que fizera ao Teatro de Operações da Itália, nenhuma informação se tinha da época, mesmo remota, do embarque da tropa brasileira para além-mar. Entretanto alertou seu Estado Maior, recomendando-lhe uma ação mais objetiva e, principalmente, mais pronta, na expectativa de uma ordem repentina que nos levasse a embarcar em curto prazo.

A 27 de dezembro de 1943, o Comando expediu a "Diretiva Geral para a Instrução da 1ª D.I.E.", fixando o aspecto doutrinário da preparação técnica das unidades de todas as armas e serviços e declarando que ela "contém, simplesmente, uma orientação geral e visa estabelecer condições para, numa determinada época, haver um nivelamento da instrução e uma homogênea situação dos meios de combate desta Grande Unidade". Baseadas nela, seriam expedidas diretivas particulares para impulsionar o detalhe em cada setor de atividade.

Prescreveu o 1º Período de Instrução de 10 de janeiro a 1º de junho de 1944, em duas fases e acentuou a importância de certos aspectos dos principais assuntos a instruir, determinando também que, em seu fim, estivesse completo, pelo menos, o adestramento e emprego da sub-unidade de cada Arma. Além disso, estabeleceu o quadro geral da instrução de Estado Maior e de Comando.

Essa Diretiva Geral baseou-se no grau de instrução da tropa e na possibilidade da Divisão iniciar seu deslocamento para o Teatro de Operações no mês de junho. O 2º Período se destinaria implicitamente à instrução a ser ministrada em além-mar.

A mesmo tempo que os Comandos das Armas, com os respectivos E.M., procuravam aprofundar o trabalho de organização e de instrução, no cumprimento da Diretiva de 27 de dezembro, o Estado Maior da Divisão, acionado pelo respectivo Chefe, passou a enfrentar a preparação do embarque, procurando a colaboração de todos os órgãos que poderiam facilitar esse desideratum.

Foi elaborado um "Programa para Instrução dos Oficiais do Quartel General", cuja execução se desenvolveu com apreciável normalidade, salvo no que diz respeito à prática de Estado Maior e dos Serviços em campanha. Essa parte se ligaria intimamente à instrução de Comando, não realizada pela indisponibilidade da maioria de seus participantes, inteiramente dedicados ao desenvolvimento da instrução e distraídos com as providências exigidas pelos preparativos de embarque.



Uma Diretiva Particular (28 de janeiro de 1944) indicou à I.D. e à A.D. as condições em que deveria ser feita a verificação da instrução do 1º Período, ressaltando que o objetivo da instrução em curso consistia "em tornar mobilizáveis as sub-unidades dos Corpos de Tropa e, ao mesmo tempo, completar a organização total da D.I.E."

O Comando, para dar maior relêvo à Instrução Geral e Educação Moral, baixou uma Diretiva Particular (23 de fevereiro de 1944), em que mediante o objetivo de "harmonizar a base da formação das forças morais da Divisão e, conseqüentemente, da coesão entre todos os seus elementos", prescreveu, de uma maneira geral, os assuntos a ministrar, os exercícios a realizar e a atuação dos diferentes chefes.

A situação em que se encontravam as unidades D.I.E., em relação ao comando dessa grande unidade constituía um verdadeiro obstáculo à sua ação.

As que estacionavam no Rio, só em 21 de janeiro de 1944 (Aviso Reservado 31-30) passaram a depender inteiramente, sob todos os aspectos do Comandante da 1ª D.I.E.. No entanto, o 6º R.I. e o 11º R.I., o 1/2º R.O.Au.R. e o 9º B.E., enquanto permanecessem nos seus quartéis de origem, ficariam na dependência dos Comandos Regionais respectivos sob os pontos de vistas disciplinares e administrativos, criando sérios embaraços à fase preparatória em que nos encontrávamos.

Conforme foi detalhado em capítulo especial, apenas na segunda quinzena de março de 1944 terminou a concentração na Capital Federal e toda a Divisão ficou sob a ação direta e exclusiva do seu Comandante.

A Diretiva Geral instituiu, também, estágios de instrução (Informação, Transmissões, Contra-carros, Central de Tiro, Serviço de Material Bélico) e, com o fim de executá-lo, uma Diretiva Particular (6 de março de 1944) foi expedida, regulando os assuntos a ministrar e designando os responsáveis para cada um deles. Nem todos os estágios funcionaram, devido aos impecilhos já apontados.

A 20 de abril o Comando, numa Diretiva, registra que há uma "desarticulação entre a maioria dos programas e a situação da instrução da D.I.E. "proveniênte das "circunstâncias decorrentes da concentração da D.I.E. no Rio de Janeiro e dos trabalhos de organização das unidades". Resolve, então, prescrever para todas as unidades uma fase final do 1º Período (1º de maio a 3 de junho), durante a qual todos os elementos da Divisão deveriam sistematizar a instrução.



Uma outra Diretiva (24 de abril) determinou o início da *Mar* instrução de embarque e desembarque, com o objetivo de tornar a D.I. E. apta a executar as operações de embarque e desembarque em navios e outras embarcações.

O Comando, durante o mês de maio, tornou mais frequentes suas visitas aos corpos e, dessa maneira, realizou uma série de inspeções com o fim, não só de impulsionar os trabalhos e fiscalizá-los, como também para bem avaliar o grau atingido pela tropa no seu preparo para a campanha. Os objetivos a serem atingidos no 1º Período, que foram reiterados quando se determinou a execução de sua fase final, eram da responsabilidade imediata dos Comandantes da I.D. e da A.D.. O Comandante da Divisão, porém, levou a fundo o controle da instrução assistindo o exercício de elementos de todas as Armas e visitando todos os seus estacionamentos. Em Nota de Instrução sucessivas foram feitas críticas à instrução do 1º Período da Divisão, abrangendo a dos quadros e a da tropa, além de prescrever as medidas que, no momento, se impunham em benefício do desenvolvimento rápido do preparo das unidades para guerra.

A 24 de maio de 1944 foi realizado o desfile da 1ª D.I. E., com todo o armamento que lhe fôra confiado.

A Artilharia, embora não dispusesse de canhões 155 m/m, pôde fazer uma preparação técnica perfeita com o material 105 m/m de que foi dotada.

A Infantaria, menos feliz, não dispunha dos seus fuzis orgânicos (Garand), muito poucas metralhadoras, nenhum obuz 105 m/m e nenhum canhão de 57 m/m.

O mesmo acontecia com o 9º B.E..

Por todos esses motivos, não foi possível elevar o nível de instrução da tropa. Era preciso conformar-se em só melhorar depois da chegada ao Teatro de Operações, com os recursos que os nossos aliados nos proporcionassem.

Ao terminar o mês de maio, o Comando foi cientificado da probabilidade do embarque, na segunda quinzena de junho, de um primeiro contingente da Divisão para além-mar. As ordens prescreviam que o preparo do embarque se revestisse do sigilo.

Uma das medidas para melhor condicioná-lo foi a organização a dar à instrução, que além de corresponder as necessidades reais da preparação para a guerra, tendo em vista o nível atingido pela tropa, deveria desviar, na medida do possível, o conhecimento generalizado da operação de embarque projetado.

A fim de atender a êsses objetivos, o Comando, depois de realizada a ligação conveniente com o Estado Maior Especial (criado



especialmente para o preparo do embarque), baixou a "Diretiva Ge-  
ral para Instrução da 1ª D.I.E.", de 31 de maio de 1944, com o  
qual estabeleceu o 2º Período de instrução, a ser iniciado a 5 de  
junho. Apesar de não estipular a sua duração total, demarcou os  
limites de sua primeira fase, de junho a 8 de julho (cinco sema-  
nas). Dessa maneira, enquadrava-se a época provável do embarque  
do primeiro contingente.

A Diretiva em apreço registrou o estado de instrução no  
momento. Assinalando as várias circunstâncias que não permitiam  
a sua regularidade, disse, numa série de considerações: "a instru-  
ção técnica teve um heterogêneo desenvolvimento no conjunto da  
D.I.E." e "a instrução tática, está, também, no interior da D.I.  
E., numa situação desnivelada".

Em seguida, prescreveu que todos os elementos da Divisão  
na fase considerada atingissem, pelo menos, os objetivos traça-  
dos para o 1º Período.

Com o fim de flexionar a Divisão, determinou, ao mesmo  
tempo, o início da instrução de conjunto, isto é, a constituição  
de Grupamentos Táticos, e com estes executar marchas e estacio-  
namentos, realizando, em seu interior, exercícios táticos elemen-  
tares.

Três Grupamentos foram organizados, sendo que o 2º veio  
constituir, na ocasião oportuna, o Escalão Avançado da 1ª D.I.E.  
e integrar-se no 1º Escalão da F.E.B..

Essa Diretiva se fez acompanhar de três Anexos (nº 1 -  
Constituição; nº 2 - Constituição dos estados-maiores dos Grupa-  
mentos; nº 3 - Instruções a ministrar e exercícios a realizar).

A Diretiva Particular de 5 de junho estabeleceu as prin-  
cipais condições de organização dos Grupamentos, salientando a sua  
finalidade na fase da instrução encarada e da revista de mostra  
de cada um deles.

O exercício de marcha foi regulado pela Diretiva Particu-  
lar de 5 de junho e uma outra da mesma data tratou do exercício  
de embarque e desembarque.

Duas Diretivas Particulares, de 26 e 27 de junho, deram a  
organização geral das Manobras, já previstas na Diretiva Geral  
de 31 de maio, e uma outra publicou a reconstituição do Grupa-  
mento.

Os 1º e 3º Grupamentos deslocaram-se para as suas res-  
pectivas zonas de manobras a partir da noite 29/30 de junho.

O 2º Grupamento, que constituiu o Escalão Avançado



da 1ª D.I.E. iniciou, na noite de 28/29 de junho, no *Porto* do RIO DE JANEIRO, o embarque de seus elementos, terminando-o na noite de 30/1º de julho. Em capítulo próprio, será feita uma exposição mais detalhada dos preparativos e da operação do embarque.

O Comandante dos elementos da Divisão que continuavam no Brasil a aguardar transporte para além-mar ultimou o preparo dos outros dois Grupamentos.

A instrução continuou dentro do quadro geral traçado pela Diretiva de 31 de maio, que instituiu o 2º Período e, particularmente a 1ª Fase. A Diretiva de 8 de junho estabeleceu, então, a 2ª Fase, com a duração de nove semanas e a ser iniciada a 12 do mesmo mês.

Os objetivos delineados ainda não consignaram a instrução das unidades táticas e tal aconteceu em vista dos corpos persistirem com a vida normal, decorrente do repletamento não terminado.

A Diretiva particular de 1º de agosto rearticula os Grupamentos e uma outra da mesma data prescreve-lhes exercícios de conjunto (marcha, estacionamento e embarque).

Na segunda quinzena de agosto, o Comando determinou que a tropa iniciasse um treinamento intensivo e, para isso, expediu instruções pormenorizadas, destinadas a três semanas (de 22 de agosto a 10 de setembro).

Nos dias 18, 19, de setembro, os diversos elementos do grosso da Divisão - 2º Escalão da 1ª D. I. E. - embarcaram no RIO com destino a NÁPOLES.

#### E - PREPARAÇÃO MATERIAL

Impunha-se também um estudo detalhado do material a ser distribuído à tropa, atendendo, principalmente, que se agiria num Teatro de Operações bem acidentado, dentro de uma organização inteiramente nova e com a possibilidade de enfrentar um clima rigoroso como o do inverno europeu.

As Diretorias enfrentaram, desde logo, o problema das dotações, não desprezando a distribuição já fixada nos Quadros de Organizações americanos e constante dos "Boletins Especiais nº 18", que fixava os efetivos a adotar.

As primeiras dotações não foram, também, as definitivas e já em plena campanha tiveram que ser adotadas outras medidas, como alteração das tabelas anteriormente aprovadas, modificação e recolhimento de peças, criação de novas, além da aceitação de fardamen



to e material americano.

No presente capítulo faremos, apenas, um relato das providências tomadas ainda no Brasil, deixando para tecer outros comentários mais elucidativos no título "APRECIACÕES GERAIS".

Abordemos a apreciação do material sob o tríplice aspecto: Armamento, Fardamento e Equipamento.

#### a - Armamento

Estava estabelecido desde os primórdios da organização da Divisão, que ela se deslocaria para o Teatro de Operações sem qualquer armamento, e que lá receberia, oriundo dos Estados Unidos todo seu equipamento de combate, inteiramente idêntico ao das Divisões do seu Exército. E, como no Brasil não existisse grande parte das armas orgânicas das Divisões norte-americanas, não foi possível torná-las conhecidas oportunamente.

Dias antes da partida do 1º Escalão para a Europa, graças a interferência da Missão norte-americana, foram obtidos alguns exemplares das metralhadoras 0.30 e 0.50, canhões 37 m/m, morteiros de 81 m/m e de 60 m/m, não em número suficiente para armar e instruir convenientemente a Infantaria da Divisão. O mesmo não se deu com a Artilharia, cujos quatro Grupos receberam material completo de 105 m/m, inclusive o Grupo Pesado que deveria ser armado com canhões de 155 m/m. Esta circunstância, todavia, não prejudicou a preparação técnica dos artilheiros que foi levada ao mais alto grau, ainda em território nacional.

Assim, no desfile de 24 de maio de 1944, que a 1ª D.I.E. realizou perante o Chefe da Nação, um mês antes de enviar o 1º Escalão para além-mar, a Infantaria estava armada de fuzis Mauser, algumas armas automáticas e morteiros e a Artilharia de canhões de calibre 105 m/m de fabricação norte-americana.

Não dispunha de nenhum material de transmissões, nem na Companhia de Transmissões Divisionária, nem nos Corpos de Tropa. A resumida disponibilidade existente entre nós, foi, em boa hora, concentrada no Centro de Instrução Especializada, na VILA MILITAR.

#### b - Fardamento e Equipamento

As observações feitas por ocasião da visita do Comandante da 1ª D.I.E. ao Teatro de Operações da Itália incidiram sobre os tipos de uniformes e equipamentos usados pelos Exércitos Aliados, particularmente pelos norte-americanos. Ao regressar, em 30 de dezembro de 1943, apresentou suas sugestões a Diretoria de Intendência, fixando os tipos de uniformes de campanha, para oficiais e para praças, de brim e de lã verde-oliva, assim como a perneira de lona, o capacete de brim verde-oliva, o cal-



gado e alguns artigos de inverno. O equipamento adotado foi do mes-  
mo tipo usado pelos norte-americanos. *June*

O Decreto 15.100, de 20 de março de 1944 (D.O. de 22 do mes-  
mo mês), aprovava o plano e o Regulamento para o uso de Uniformes  
da Força Expedicionária Brasileira.

Incontinentemente, os nossos órgãos provedores procuraram confec-  
cionar todos os tipos mandados adotar. A urgência com que tudo foi  
solicitado impôs o apelo às indústrias civís. E, como a pressa é in-  
miga da perfeição, não tardou que se constatasse a inferioridade dos  
tecidos empregados e a deficiência da mão de obra, embora se regis-  
trasse, com louvor, a grande preocupação da Sub-Diretoria especia-  
lizada, em atender às nossas necessidades.

Para se ter uma idéia do retardo sofrido em toda a produção,  
basta citar que a 21 de maio de 1944, nas vésperas do primeiro des-  
locamento para a Europa, ainda havia Unidades inteiras sem equipa-  
mento tipo F.E.B..

Enfim, a tropa partiu com as dotações satisfeitas, dentro  
do que foi estipulado para as suas primeiras necessidades em farda-  
mento, equipamento e material de estacionamento.

Houve peças de uniforme que não tiveram tempo, no Brasil,  
de serem ajustadas ao homem, como o blusão de lã e a capa impermea-  
bilizada, exigindo providências do Comando no sentido de tornar  
tais peças utilizáveis pelos soldados.

A dotação de peças de uniforme, de equipamento e materiais  
diversos fixada para os oficiais e praças foi a seguinte:

#### Oficiais

Apito com corrente	1
Blusa de brim v.o. claro	4
Blusa de lã v.o.	2
Borzeguins de couro preto	4
Botões Cruzeiro do Sul (coleção)	2
Caderneta de Ordens	2
Calça de brim v.o. claro	4
Calça de brim v.o. escuro	2
Calça de lã v.o.	2
Calção de ginástica	2
Cama rolo	1
Camisa de lã	2
Camisa de tricoline v.o.	2
Camiseta de algodão	6



Caneta-tinteiro	1
Capacete de aço e fibra	1
Capacete de brim v.o. impermeabilizado	1
Capote de brim v.o. impermeabilizado	1
Ceroula de lã	2
Cinto de gabardine com fêche	1
Cinto de lona v.o. c/fivela	1
Cobertor com 30%	1
Cobertor de pura lã	1
Cobertor suplementar para cama rôlo	2
Cordões para borzeguins (par)	2
Cueca de cretone	8
Distintivo da F.E.B.	12
Estojo de toilette (com aparelho de gilete com 20 laminas, escova de dente, escova de cabelo, pasta de dente, pincel de barba, sa-bão de barba, sabonete e saboneteira)	1
Fronha de Cretone	2
Gorro s/pala de brim v.o.	1
Gorro s/pala de gabardine v.o.	1
Gorro s/pala de lã v.o.	1
Gravata de tricoline v.o.	2
Graxa preta para borzeguins (lata 100 grms.)	4
Jaquetão de lã	1
Jogo de costura	1
Lanterna elétrica	1
Lapis com ponteira	1
Lençol de cretone	2
Lenços	6
Luvras de couro castanho (par)	1
Luva de lã (par)	1
Mala de lona modelo americano	1
Mala de lona tipo intendência	1
Meias de algodão novo tipo (par)	8
Meias de lã (par)	3
Perneiras de lona (par)	1
Placa de identificação (jogo)	1
Porta-carta topográfica	1
Saco de lona para foupa c/fêche e cadeado	1
Toalha de banho	1
Toalha de rosto	2
Túnica de gabardine v.o. (aberta)	1
Equipamento	1
Bornal (marmita, cantil, garfo, faca e colher)	1



Praças	
Blusa de brim v.o. claro	4
Blusa de lã v.o.	2
Blusão de lã	1
Borzeguins de couro preto (par)	4
Botões Cruzeiro do Sul (coleção)	2
Calça de brim v.o. claro	4
Calça de brim v.o. escuro	2
Calça de lã v.o.	2
Calção de ginástica	2
Camisa de lã	2
Camisa de algodão	6
Capacete de lona v.o.	1
Capote de brim v.o. impermeabilizado	1
Ceroula de lã	2
Cinto de couro castanho com fêcho	1
Cinto de lona v.o. com fivela	1
Cobertor com 30% de algodão	1
Cobertor de pura lã	1
Cobertor suplementar para cama rôlo	2
Cordoões para borzeguins (par)	2
Cuecas de cretone	8
Distintivos da F.E.B.	12
Divisas de brim v.o. para Cabo, 3 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> e 1 <sup>a</sup> Sargento	4
Estojo de toilette com escova de dentes, aparelho gilete com 20 laminas, pincel de barba, sabão de barba, pasta de dente, pente, sabonete e saboneteira	1
Gorro s/pala de brim v.o.	2
Gorro s/pala de lã v.o.	1
Gorro s/pala de zuarte ou mescla	1
Graxa preta para borzeguins	4
Jogo de costura	1
Lenços	6
Luva de lã (par)	1
Meia de algodão (par)	8
Meia de lã (par)	3
Oculos para motorista	1
Perneiras de lona (par)	1
Placa de identificação (jogo)	1
Saco de lona para roupa (A)	1
Saco de lona para roupa (B)	1
Sunga de brim v.o.	1

*luna*



## F - CONCENTRAÇÃO NA CAPITAL FEDERAL

A impossibilidade de se levar a bom termo a tarefa de organizar e instruir as unidades da 1ª D.I.E. não sediadas no Rio, dia a dia mais se acentuava.

O problema do estacionamento, contudo, criava sérias dificuldades à concentração da tropa.

Em Aviso-Reservado nº 31-30, de 21 de janeiro de 1944, foram ampliadas definitivamente as atribuições do General Cmt. da 1ª D.I.E. quanto as unidades desta Divisão sediadas na 1ª R.M.. Por mais de três meses ficaram essas unidades ligadas aos seus comandos normais para efeitos de administração e disciplina, conforme determinava o Aviso-Reservado nº 471-398, de 7 de outubro de 1943.

Quanto às que estacionavam ainda na 2ª, 4ª e 9ª R.M. permaneceriam na situação anterior e, só a 15 de fevereiro, seria ordenada a concentração na Capital Federal. De fato, pelo Aviso-Reservado nº 99-97, daquela data, era determinado que o 6º R.I. (CAÇAPAÇA) se deslocasse para o Rio, vindo ocupar o quartel do Batalhão, na VILA MILITAR e o 11º R.I. (S. JOÃO D'EL REY) o quartel de madeira especialmente construído no Morro do Capistrano, também na VILA MILITAR. Era a concentração da 1ª D.I.E. tão ansiosamente desejada.

Só na segunda quinzena de março de 1944 foi concluída a concentração no Rio dos 6º e 11º R.I., 1/2º R.O.Au.R. e 9º B.E., iniciada no mês anterior.

Tínhamos, assim, oito meses após sua organização oficial, a 1ª D.I.E. concentrada e podemos dizer que, só nessa época, foi possível ao seu Comandante adotar medidas de conjunto para criar o espírito de Grande Unidade que, a rigor, ainda não existia.

A esta altura ainda se lutava para a fixação dos efetivos dos corpos, para se selecionar os oficiais e praças, apresentando-se o panorama verdadeiramente desanimador pela constante evasão dos elementos, sob pretextos vários.

A 24 de maio de 1944 era feita a apresentação da 1ª D.I.E. às altas autoridades e ao público com o desfile na Avenida Rio Branco, justamente um mês antes do embarque do 1º Escalão para além-mar, e o tempo era por demais curto para se cuidar das providências que tal operação exigia.



4 - CONSTITUIÇÃO DO 1º ESCALÃO DA FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA  
BRASILEIRA E ATRIBUIÇÕES DO SEU COMANDANTE

Já no mês de maio, em plena fase de ultimação da organização das Unidades da 1ª D.I.E. e quando se vislumbrava a época do embarque para além-mar, foi atribuído ao General de Divisão JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES, também o Comando do 1º Escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira, cuja constituição inicial estava fixada pelo Aviso nº 240-214 Reservado, de 10-V-944, assim redigido:

" I - Fica instituído o 1º Escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira, sob o Comando do General de Divisão JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES, Comandante da 1ª D.I.E., com a seguinte constituição:

- 1 - 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária
- 2 - Elementos não Divisionários:

A) - Tropa:

- 1º Batalhão de Trabalhadores
- 1º Escalão do Depósito de Pessoal
- Cia. de Depósito de Intendência

B) - Serviços:

a) - Serviço de Saúde:

- 1ª Cia. de Ambulância
- Secção de Hospital de Campanha, com a capacidade de 100 (cem) leitos.
- Hospital Primário nº 1 (semi-movel), com 400 (quatrocentos) leitos.
- Duas Secções Brasileiras para funcionar em Hospital Norte-Americano Secundário, com o total de 500 (quinhentos) leitos, sendo uma com 300 (trezentos) e outra com 200 (duzentos).
- Uma Sub-Secção Brasileira para funcionar em Hospital Norte-Americano de convalescentes, com a capacidade de 100 (cem) leitos.
- Uma Sub-Secção Brasileira para funcionar em Hospital Norte-Americano, de Base, com a capacidade de 100 (cem) leitos.

b) - Serviço de Fundos:

- Uma Pagadoria Fixa

c) - Serviço de Intendência:

- Depósito de Intendência



d) - Serviço Postal:

- Reguladora Postal de Ultra-mar

e) - Posto Regulador de Ultra-mar

II - Além dos meios acima discriminados, acompanharão o 1º Escalão da F.E.B. os seguintes órgãos do Serviço de Justiça:

- Conselho Superior de Guerra

- Duas Auditorias para a 1ª D. I. E. e, inicialmente, também os elementos não divisionários.

III - Os elementos não divisionários, integrantes do 1º Escalão da F.E.B. (item I), só passarão às ordens do respectivo Comandante após completada sua organização, continuando assim enquanto tal não acontecer - a cargo dos respectivos responsáveis, nas condições já fixadas (item II e IV do Aviso Reservado nº 217-195, de 3-V-944).

IV - Ao Comando do 1º Escalão da F. E. B. competirá prever e providenciar sobre todas as questões relativas ao embarque e transporte para ultra-mar, de seus diversos elementos constitutivos.

V - As atribuições do mesmo Comando, fóra do Continente, serão reguladas em instruções especiais, a serem baixadas oportunamente".

Dias depois, foi expedido o Decreto do seguinte teor que nomeia o Comandante do 1º Escalão da F. E. B..

" O Presidente da República resolve nomear o General de Divisão JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES Comandante do 1º Escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira, cumulativamente com as funções de Comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, ficando o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos, que se fizerem mister fixando-lhe as atribuições correspondentes.

Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1944, 123º da Independência e 56º da República.

Desta data até o embarque para além-mar do 1º Escalão da F.E.B., várias modificações se processaram na sua constituição, afim de melhor atender às necessidades da 1ª D.I.E..

Assim o Serviço de Saúde sofreu uma total remodelação com a criação, pela portaria 62-61, Reservada, de 24-VIII-44, dos 1º,



*levar*

2º, 3º e 4º Grupos Suplementares Brasileiros em Hospitais Americanos"; êstes Grupos vieram substituir todos os demais órgãos do Serviço de Saúde já extintos pelo Aviso 398-395, Reservado, de 23 de agosto de 1944.

O Aviso 332-298, Reservado, de 4 de julho de 1944, mandou incluir no 1º Escalão da F. E. B., como órgãos não divisionário do Serviço de Intendência, o 1º Pelotão de Sepultamento; e o Batalhão de Trabalhadores ficou sem efetivo, como determinou o Aviso 2200 de 9 de agosto do mesmo ano.

Desta maneira, após estas modificações o 1º Escalão da F. E.B. passou a ter a seguinte constituição, com a qual embarcou para além-mar:

- 1 - 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária
- 2 - Elementos não Divisionários :
  - A) - Tropa:
    - 1º Escalão do Depósito de Pessoal
    - Cia. de Depósito de Intendência
  - B) - Serviços:
    - a) - Serviço de Saúde:
      - 1º, 2º, 3º e 4º Grupos Suplementares Brasileiros em Hospitais Americanos.
    - b) - Serviço de Fundos:
      - Uma Pagadoria Fixa
    - c) - Serviço de Intendência:
      - Depósito de Intendência
      - 1º Pelotão de Sepultamento
    - d) - Serviço Postal:
      - Reguladora Postal de Ultra-mar
    - e) - Posto Regulador de Ultra-mar.

Finalmente a Nota Reservada 517-488 de 30-VI-44 do Exmo. Snr. Ministro da Guerra, remeteu as seguintes Instruções:

" Instruções que definem as atribuições do General Comandante do 1º Escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira", e que tinham sido aprovadas pela Portaria Ministerial 54-59, Reservada, de 29-VI-44.

1 - O Comandante do 1º Escalão da F.E.B., enquanto não for modificada a atual estrutura das Fôrças destinadas a atuar nos teatros de operações de ultra-mar, será o "Comandante das Fôrças em Campanha". A êle compete exercer o Comando do conjunto das fôrças constitutivas do referido 1º Escalão,



cumulativamente, com o da 1ª D.I.E..

*leant*

2 - Cabe-lhe, conseqüentemente, além do consignado na legislação em vigor:

- a - Realizar os estudos necessários, em ligação com os representantes do Comando Aliado e expedir as ordens ou instruções que se fizerem mister, para a realização, nas melhores condições, dos embarques e transportes das Forças Expedicionárias, sob seu comando, para ultra-mar.
- b - Promover os entendimentos indispensáveis com o Comando Aliado interessado, afim de assegurar, em tempo oportuno, a delimitação, o equipamento e o reaprovisionamento das Zonas de Concentração que lhe forem atribuídas em territórios de ultra-mar e tomar tôdas as medidas que se impunham para a instalação das Forças de seu Comando nessas Zonas.
- c - Dentro das "Zonas de Concentração", tomar as medidas necessárias e baixar as ordens ou instruções que se impuzerem, afim de assegurar o pleno exercício do seu Comando, no que se refere à vida e à disciplina da tropa, à administração das unidades e formações dos Serviços e à instrução nos seus múltiplos aspectos.
- d - Propor ao Ministro da Guerra as medidas ou providências que julgar oportunas para melhor assegurar a eficiência da tropa do seu Comando, sejam estas providências referentes ao conforto, ao equipamento, ao reaprovisionamento, à organização ou à instrução.
- e - Assegurar, por todos os meios ao seu alcance, o pleno exercício da Justiça Militar, na prevenção dos crimes e na aplicação das penas previstas no Código Penal Militar. Com êsse escôpo, procurar dirimir, mediante entendimento com os Comandos Aliados de Bases ou Teatros de Operações de ultra-mar, em que tiver de operar, os conflitos de jurisdição que, por ventura, possam ocorrer ou dúvidas surgidas em relação à caracterização dos crimes militares e aplicação dos códigos e sua inteligência.

Dar imediato conhecimento ao Ministro da Guerra dos entendimentos havidos e medidas tomadas, conseqüentemente.



- Dutra*
- 3 - Na qualidade de "Comandante das Fôrças em Campanha" nos Teatros de Operações de ultra-mar, representar o Ministro da Guerra nas reuniões para que for convocado pelo Comando Aliado e em nome da mesma autoridade tomar as decisões atinentes às fôrças sob seu Comando, em todos os aspectos acima mencionados, e, ainda sôbre o seu emprego em operações de guerra.

Dar imediato conhecimento ao Ministro da Guerra das decisões tomadas.

- 4 - No que se refere ao emprêgo das fôrças sob seu Comando em Operações de Guerra, cabe-lhe:
- a - Estudar, em ligação com o Comando Aliado a que estiver subordinado, e em todos os seus aspectos, as operações em que deverá tomar parte a F.E.B..
  - b - Preparar minuciosamente e dirigir essas operações no que se refere às fôrças do seu Comando ou outras que, por ventura, venham a ser postas à sua disposição pelo Comando Aliado, expedindo as necessárias ordens e instruções aos Comandos subordinados.
  - c - Propor ao Ministro da Guerra a promoção de oficiais das Armas e dos Serviços, mediante a citação pormenorizada das circunstâncias que justificam a medida.
  - d - Propor ao Ministro da Guerra o Comissionamento ao posto imediato dos oficiais superiores, capitães e subalternos, na forma do item anterior.
- 5 - Na qualidade de Comandante das Fôrças em Campanha, caberá ao General Comandante do 1º Escalão da F.E.B. a responsabilidade imediata pelas operações de guerra em que estas fôrças verham a tomar parte nos teatros de operações de ultra-mar e, por conseguinte, tôdas as medidas atinentes ao perfeito equipamento, preparação moral e material dessas fôrças passarão a constituir o seu primeiro, mais importante e indeclinável dever.
- 6 - O General Comandante do 1º Escalão da F.E.B. manterá o ministro da Guerra constantemente informado, mediante o envio de relatórios circunstanciados, seja periódicos, seja à medida que os fatos se produzam, de tudo o que ocorrer com a F.E.B. (a) General EURICO G. DUTRA."



*leone*

II

CONCENTRAÇÃO E PREPARAÇÃO

NA ITÁLIA

- 1 - ESTADO MAIOR ESPECIAL
- 2 - DESLOCAMENTO PARA ALÉM-MAR
- 3 - PREPARAÇÃO TÉCNICA E TÁTICA



41

## I - ESTADO MAIOR ESPECIAL

No dia 15 de maio de 1945, em reunião realizada no Gabinete Secreto do Ministro da Guerra, foi deliberada a constituição de um Estado Maior Especial, constituído de 4 oficiais brasileiros, sendo três expedicionários e integrantes do E.M. da 1ª D.I.E., e 2 Tenentes Coroneis do Exército Americano, sob a supervisão do General Adido Militar dos Estados Unidos *Lucas*

Esse Estado Maior Especial, assim designado pelo Ministro da Guerra, de existência, composição e missão absolutamente secretas, devia chamar a si imediatamente a preparação para o embarque da 1ª D.I.E. por escalões, devendo o primeiro seguir dentro de curto praço. Nenhuma Diretiva foi estabelecida para seu trabalho assim como era formalmente proibida a preparação de qualquer documento sobre suas atividades.

As medidas referentes às formalidades de sua missão deveriam ser cercadas do maior sigilo. Assim, as medidas de embarque, ficaram subordinadas à organização à dar instrução, acelerando-a, o que além de corresponder às necessidades reais de preparação para a guerra, tendo em vista o nível atingido pela tropa, permitiria desviar na medida do possível, o conhecimento generalizado da operação projetada.

Esse pequeno grupo de oficiais teve uma árdua tarefa, cujo grande mérito estava em conservá-la em segredo, pelo espaço quase de dois meses, exigindo, nesse meio tempo, a cooperação de todos demais orgãos da 1ª D.I.E. e das Diretorias, sem que se apercebessem de que estava iminente o embarque de uma parte da tropa expedicionária.

Depois da viagem do 1º Escalão, e com a partida dos oficiais integrantes da F.E.B., o Estado Maior Especial foi re completado e orientou, também, as outras operações de embarque.



12

## 2 - DESLOCAMENTO PARA ALÉM-MAR

### A - EMBARQUES PARA A ITÁLIA

*Luiz*

Com a criação do Estado Maior Especial, sentimos que estava iminente o nosso deslocamento e queurgia, por conseguinte, ultimar as providências anteriormente tomadas, principalmente a respeito do material a conduzir pela tropa, mas tudo sob o maior sigilo.

A seguir passaremos em revista as diversas fases que antecederam a operação referente ao 1º Escalão, cercada, sem dúvida de maiores cautelas que as demais, e quando tudo se fazia pela primeira vez.

Para os contingentes que se seguiram aquele, as medidas eram em linha gerais as mesmas e já não havia a preocupação de conservar o segredo inicial, uma vez que já eram esperados pelos seus componentes, além de ser difícil manter em reserva uma operação dessa ordem em um pôrto como o do Rio de Janeiro, depois de aguçada a curiosidade de popular com a viagem anteriormente realizada.

#### a - Preparação material e carregamento de bagagem

O plano inicial de transporte marítimo e ferroviário foi feito baseado nas possibilidades da marinha mercante nacional e na cooperação da Comissão de Rede nº 1. O plano de transporte marítimo não correspondeu ao estudo anterior, porque tivemos que aceitar os navios transportes americanos, mais velozes e de grande capacidade. Mas, em todo o caso, não ficou totalmente prejudicada a previsão do nosso Estado Maior no que se refere ao transporte da tropa por via férrea até o Cais do Porto. O navio esperado, agora, tinha uma capacidade para 5.300 homens.

A tropa, como já fôra estabelecido, não levaria armamento e, do material de estacionamento, apenas seria conduzido o equipamento próprio individual. A falta das barracas ao chegar ao pôrto de Nápoles, trouxe sérios aborrecimentos ao Comando Brasileiro que teve que se conformar em deixar sua tropa ao relento na primeira noite, porque os Depósitos americanos não estavam preñidos para esse fornecimento imediato. Já para os demais escalões foi determinado que conduzissem, também, aquelas peças indispensáveis a um acampamento.

A bagagem das unidades foi limitada para evitar excessos e complicações ao problema dos transportes, ficando reduzida ao seguinte:

Malas arquivo  
Cofres metálicos

Maquina de escrever  
Mesa de campanha



43

Bancos de campanha  
Cantinas  
Pavilhão Nacional

Instrumental de música  
Material sanitário

Com o fim de manter o sigilo a respeito dos Corpos do 1º Escalão, a bagagem de todas as Unidades, inclusive a individual, foi recolhida ao Depósito de Intendência da F.E.B., que embalou aos poucos os sacos "B" dos praças e "C" dos oficiais, de acordo com os embarques verificados.

A bagagem própria de unidade passou por uma censura no momento da entrega, para impedir que muita coisa inútil acompanhasse a tropa. Dessa forma, vários caixotes voltaram à sua origem, pois era grande o número de artigos que ultrapassava as relações estipuladas anteriormente.

A necessidade de limitar os diversos artigos a serem conduzidos pelo homem, bem como a sua distribuição pelas malas e sacos, de acordo com uma futura utilização, inclusive na viagem, levou o Comando a estabelecer um "Memento" largamente difundido e anexado por cópia ao presente Relatório.

O recolhimento antecipado da bagagem individual, forçado pelo sigilo que se exigia e pela embalagem que se tornara indispensável, trouxe alguns inconvenientes, apontando aqui como esclarecimento:

- Falta de adaptação da roupa ao homem, que não teve tempo de recortar os seus uniformes. Isso quanto ao 1º Escalão seria impossível, mesmo que as peças estivessem na posse do homem, pelo retardamento na confecção e precipitação do embarque.
- Roubo de peças de uniforme e calçado. Embora houvesse guarda do material, muitos sacos chegaram violados.
- Embarque de sacos de indivíduos que deixaram de seguir por vários motivos e o não carregamento da bagagem de elementos alertados para a viagem à última hora. A flutuação dos efetivos muito contribuiu para estes senões.

Os sacos das praças e os sacos e malas dos oficiais foram marcados com o nome, posto, graduação e número de identidade do respectivo detentor e com o código previsto para a Unidade. Esse sistema tornou-se familiar entre a tropa e facilmente um volume era identificado.

A carga a ser embarcada foi antecipadamente transportada para as docas e à estiva do Caís do Porto coube o encargo do transbordo para o navio, sob a fiscalização de oficiais e praças e por conta do Governo Americano.



LH

Em consequência da experiência do 1º embarque, foi tomado o cuidado de fazer no Armazem 10 uma arrumação adequada, de modo a facilitar o transbordo de toda a carga, dentro dos prazos curtos que foram concedidos pelo Serviço Americano de Transporte.

Para os demais escalões, providências semelhantes foram adotados.

b - Exercício de embarque

O embarque de grandes contingentes exige precauções especiais, para evitar acidentes e atropelos naturais e abreviar a operação.

Um aparelhamento especial foi construído no Morro do Capistrano na Vila Militar, contando com plataforma e grandes porticos representando amuradas e tombadilhos de navios e toda a tropa foi submetida a esses exercícios, incluindo entre eles o controle individual de cada elemento que tomava parte no embarque simulado.

Esses treinamentos tiveram a utilidade de desembaraçar o homem e possibilita-lo a descer pelas redes apropriadas instaladas nos cascos dos navios, por ocasião dos salvamentos.

O sucesso dos exercícios ficou comprovado com a obtenção de tempos verdadeiramente "records" nos nossos embarques e desembarques.

c - Sigilo nos embarques

É desnecessário salientar o interesse que havia em manter em sigilo o embarque da tropa, numa época em que se registravam ameaças de submarinos inimigos ao longo de toda a costa brasileira.

A título de intensificação da instrução, a Divisão foi repartida em três Grupamentos, de modo que o de nº 2 reunisse todo o contingente a embarcar.

Entre 20 e 30 de junho, esses Grupamentos realizaram intensa preparação para embarque, inclusive revistas de fardamento, equipamento e material de acampamento, revista sanitária, controle e aplicação da serie de vacinas determinadas pela Diretoria de Saúde, tudo sob o controle do Estado Maior Divisionário.

Em Diretivas Particulares foram fixadas a época das Manobras previstas na Diretiva Geral para a Instrução, datada de 31 de maio.

Na noite de 30 de junho, ainda em plena ignorância de toda a verdade, os tres Grupamentos partiram para as regiões das



manobras, anteriormente fixadas:

- Grupamento nº 1                      Região de Santa Cruz
- Grupamento nº 2                      Região de Nova Iguassú
- Grupamento nº 3                      Região do Recreio dos Bandeirantes

Os movimentos foram iniciados às 20 (vinte) horas.

O Grupamento nº 2, sob o Comando do General E Zenóbio da Costa, ao invés de rumar para Nova Iguassú, seguiu diretamente para o Caes do Porto em sete trens sucessivos, carros em "black-out", só sendo permitido abrir as janelas no instante do de embarque no "GEN. MANN" nome do navio americano utilizado nessa primeira viagem.

Ainda dentro da mesma ~~idéia~~ <sup>idéia</sup> de sigilo e para se manter um contrôle, o mais exato possível, das constantes oscilações, foi estabelecida a "Folha diária de informações de efetivo", pelas quais as unidades diariamente davam ciência de suas situações.

O isolamento da área de embarque permitiu segurança e concorreu para o segredo da operação.

Os elementos avulsos embarcados foram, com antecedência avisados de que viajariam de avião e, de fato, na noite do deslocamento seguiram em caminhões até o aeroporto e de lá, transferidos para lanchas especiais, encaminhados até o navio.

Dentro das circunstância do momento, manteve-se a necessária discreção de tão importante operação, pela primeira vez reali<sup>z</sup>ada em nosso país.

Para os demais escalões, providências similares foram adotadas, porém já num ambiente de expectativa geral, dado os comentários que surgiram após a chegada do 1º contingente a Nápoles.

#### d - Embarque do pessoal

No dia 28 de junho, também debaixo da maior reserva, em barcaram no "GEN. MANN" os elementos precursores, compreendendo oficiais do E.M da Divisão e cêrca de 600 (seiscentos) homens do 6º R. I., afim de tomarem pé nos serviços de bordo, para receberem a tropa.

Na noite de 30, com a chegada das composições férreas ao Caes, os contingentes eram encaminhados para bordo por meio de três pranchas e no máximo silêncio.

Os compartimentos do navio, de capacidade variável de 100 a 500 homens, foram previamente distribuídos, com o cuidado de se colocar juntos os elementos de uma mesma sub-unidade, o que faci



litou de muito o contrôlo durante a viagem.

As primeiras composições chegadas pertenciam a pessoal destinado aos compartimentos inferiores, de maneira que tudo era feito na maior ordem. Uma vez embarcados, os homens deviam se conservar próximos de suas macas e sob as vistas dos respectivos chefes.

O embarque iniciado às 20 (vinte) horas teve o seu fim às 3 (três) horas da manhã do dia 1º de julho.

Esta operação, controlada exclusivamente pelo E.M. da Divisão, sob a direção do respectivo Chefe, foi considerada impecável, pelos técnicos americanos presentes.

Na noite de 30, foi recebida a honrosa visita do Exmo. Snr. Presidente da República que levou suas despedidas à tropa e o testemunho de sua fé no destino daquele punhado de bravos, que, pela primeira vez, deixava sua Pátria para combater o inimigo audaz e traçoeiro, que trouxera a guerra até as nossas costas.

Com os contingentes que se seguiram ao primeiro, o processo de embarque foi sempre o mesmo e os tempos obtidos os melhores possíveis.

e - Efetivos embarcados

Todo o contingente da F.E.B. deslocado para além-mar utilizou dois meios de transporte: o marítimo por onde seguiram os chamados Escalões, constituídos na sua essência por unidades completas e o aéreo, por onde viajaram elementos avulsos, sobressaindo-se os médicos e as enfermeiras que iam formar as equipes brasileiras em hospitais americanos.

Os navios empregados foram dois: o "GEN. MANN" e o "GEN. MEIGS", fazendo aquele duas viagens e êsse três, todas diretamente a Nápoles. Ambos de características semelhantes e com uma capacidade aproximada de 5.200 homens, sem considerar as respectivas guarnições.

Os transportes aéreos eram feitos totalmente em aviões norte-americanos, tocando nos seguintes pontos: RECIFE, NATAL, DAKAR, CASA-BLANCA, ORAN e NAPOLES.

Os três primeiros escalões transportaram toda Divisão e outros elementos de órgãos não divisionários, sendo que a segunda viagem foi feita com os dois navios completando, assim, a concentração da 1ª D.I.E. no Teatro de Operações da Itália. Os dois últimos escalões constituíram-se de elementos do Depósito Pessoal.

Em resumo, os cinco Escalões de transporte da F.E.B. estavam, assim, constituídos:



ELEMENTOS EMBARCADOS		1º NAVIO		2º NAVIO		3º NAVIO		4º NAVIO		5º NAVIO		TOTAL	
		Of.	Pr.	Of.	Pr.	Of.	Pr.	Of.	Pr.	Of.	Pr.	Of.	Pr.
TROPA ESPECIAL	Q.G. da Ia. D.I.E.	27	32	29	-	23	144	-	-	-	-	79	176
	Cia. do Q.G.	-	-	2	33	3	75	-	-	-	-	5	108
	Cia. de Polícia	2	79	-	-	-	-	-	-	-	-	2	79
	Cia. de Transmissões	3	60	7	152	-	-	-	-	-	-	10	212
	Cia. de Intendência	3	56	3	58	1	61	-	-	-	-	7	175
	Cia. de Manutenção	7	111	-	-	-	-	-	-	-	-	7	111
	Dest. de Saúde	-	-	3	13	-	-	-	-	-	-	3	13
Banda de Música	-	-	-	-	1	56	-	-	-	-	1	56	
INFANTARIA	Q.G. da I.D./1	9	16	3	-	-	-	-	-	-	-	12	16
	1º R.I.	-	-	172	3276	-	-	-	-	-	-	172	3276
	6º R.I.	145	3139	-	-	-	-	-	-	-	-	145	3139
	11º R.I.	16	353	-	-	156	3110	-	-	-	-	172	3463
ARTILHARIA	Q.G. da A.D./1	-	-	19	-	-	-	-	-	-	-	19	-
	Bia. de Comando	-	-	4	113	-	-	-	-	-	-	4	113
	Dest. de Saúde	-	-	-	-	3	15	-	-	-	-	3	15
	I/1º R.O.Au.R.	-	-	-	-	36	489	-	-	-	-	36	489
	II/1º R.O.Au.R.	34	477	-	-	-	-	-	-	-	-	34	477
	I/2º R.O.Au.R.	-	-	36	540	-	-	-	-	-	-	36	540
I/1º R.A.P.C.	-	-	-	-	34	489	-	-	-	-	34	489	
SAÚDE	1º Btl. de Saúde	13	159	14	159	12	136	-	-	-	-	39	454
ENGENHARIA	9º Btl. de Engenharia	5	190	8	213	19	248	-	-	-	-	32	651
CAVALARIA	1º Esq. de Reconhecimento	2	28	6	121	-	-	-	-	-	-	8	149
S O M A . . . . .		266	4700	306	4678	288	4823	-	-	-	-	860	14201
O.N.D.	Q.G. dos O.N.D.	-	-	-	-	5	2	-	-	-	-	5	2
	Elementos de Ligação	-	-	-	-	4	6	-	-	-	-	4	6
	Pagadoria Fixa	6	12	-	-	-	-	-	-	-	-	6	12
	Banco do Brasil	11	-	4	1	-	-	4	-	-	-	19	1
	Correspondentes	3	-	1	-	2	-	1	-	1	-	8	-
	Avulsos	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-
	Conselho de Justiça(Auditorias)	-	6	4	8	-	-	-	-	-	-	4	14
	S.S. da F.E.B.	3	10	50	59	4	25	-	16	-	-	57	110
	1º Esq. de Lig. e Obs.	-	-	-	-	9	26	-	-	-	-	9	26
	Dep. Pessoal	-	-	-	-	-	-	280	4239	-	-	280	4239
	C.R.P.	-	-	-	-	-	-	-	-	246	4835	246	4835
	Correio Regulador	8	13	-	-	-	-	-	-	-	-	8	13
	Dep. de Intendência	7	30	3	22	2	20	-	15	-	-	12	223
Pelotão de Sepultamento	-	-	-	-	3	19	-	-	-	-	3	19	
T O T A L . . . . .		304	4771	368	4768	318	4921	285	4406	247	4835	1522	23701

OBSERVAÇÃO: Seguiram para além-mar, por via aerea: 50 oficiais, 60 enfermeiras e 1 praça, num total de 101 pessoas.



*Guar*

O contingente do 11º R.I. embarcado no 1º Escalão transformou-se em além-mar, até a chegada do 4º Escalão, em Depósito de Pessoal.

Nos órgãos não divisionários estão incluídos os elementos da Pagadoria Fixa, Depósito de Intendência, Banco do Brasil, Correio Regulador, Pelotão de Sepultamento, Grupos Suplementares Brasileiros em Hospitais Americanos e Correspondentes de Guerra.

B - VIAGENS

Com o 1º Escalão, o pôrto de destino era também, segredo e ele foi conservado até as vésperas da chegada a Nápoles. Já com os demais contingentes não foi possível manter em reserva, porque era do conhecimento geral o local do desembarque anterior.

Todas as viagens foram feitas diretamente aquele pôrto italiano, sendo a escolta fornecida por navés das Marinhas Brasileira e Americana.

Constituia para os elementos embarcados uma prova de confiança e de conforto ver a segurança do nosso transporte estar, também, entregue à intrepidez da brava maruja patricia. Momentos de verdadeira emoção foram as despedidas das belonaves brasileiras, quando a escolta era entregue exclusivamente aos norte-americanos, o que ocorria nas proximidades de Gibraltar.

As viagens foram realizadas em ótimas condições, estando os serviços de bordo a cargo do pessoal da F.E.B., mas dentro dos regulamentos de transporte norte-americanos.

A maior cordialidade sempre reinou entre o pessoal da guarnição dos navios e a tropa transportada.

A passagem do Equador era comemorada com as tradicionais festas em homenagem ao rei Netuno. Essas e outras diversões, inclusive cinema, foram proporcionadas à tropa, que soube manter a moral elevada e a mais exemplar conduta disciplinar em todas as travessias.

Trocas de saudações entre as autoridades de bordo e os comandos das unidades transportadas eram feitas nos instantes mais significativos das viagens, transformando-se essas solenidades em momentos de intensa vibração patriótica para todos nós.

Concluindo o embarque do 1º Escalão, o Comando da Divisão deu o Comando da tropa transportada ao GEN. EUCLYDES ZENOBIO DA COSTA, sob cuja responsabilidade decorreu toda a viagem. Os escalões seguintes (2º, 3º, 4º, e 5º) tiveram como comandantes, respectivamente, os GENERAIS OSWALDO CORDEIRO DE FARIAS e OLYMPIO FALCONIERE DA CUNHA,



19

CORONEL MARIO TRAVASSOS e TENENTE CORONEL IBÁ JOBIM MEIRELLES.

As viagens foram realizadas nas seguintes épocas: *Luiz*

ESCALÕES	NAVIOS	PARTIDA DO RIO	CHEGADA A NÁPOLES
1º	GEN. MANN	2 de julho	16 de julho
2º	GEN. MANN	22 de setembro	6 de outubro
3º	GEN. MEIGS	22 de setembro	6 de outubro
4º	GEN. MEIGS	23 de novembro	7 de dezembro
5º	GEN. MEIGS	8 de fevereiro 1945	22 de fevereiro 1945

Exercícios de alarme aéreo, completados com a ocupação dos postos de abandono do navio, feitos frequentemente, traziam a tropa em constante enquadramento e na mais severa disciplina numa viagem de características especiais, pelas apreensões que cercavam a ameaça de submarinos inimigos nas águas percorridas pelos transportes.

Não podemos deixar de registrar aqui a distinção sempre dispensada pelas autoridades americanas, que souberam conquistar a admiração de todos nós e serviram para aumentar mais ainda a sincera amizade que devotamos à grande nação amiga.

### C - DESEMBARQUE NA ITÁLIA

A chegada dos diversos escalões à Itália deu-se sempre no porto de Nápoles, o único até aquele momento em condições de receber a atracação de navios transportes com a capacidade dos "GEN. MANN" e "GEN. MEIGS". De Nápoles, as tropas tiveram vários destinos, conforme suas missões e a evolução dos acontecimentos na frente.

#### a - Desembarque do pessoal

À atracação do "GEN. MANN" em Nápoles no dia 15 de julho de 1944 seguiu-se a descida dos estacionadores que deveriam reconhecer a preparada área de acampamento - "Staging Area nº 3", situada na ampla cratera do vulcão extinto "ASTRONIA", na região de AGNANO (N.E. de Nápoles), próxima à estação de BAGNOLI - designada pelo Comando da P.B.S. (Peninsular Base Section).

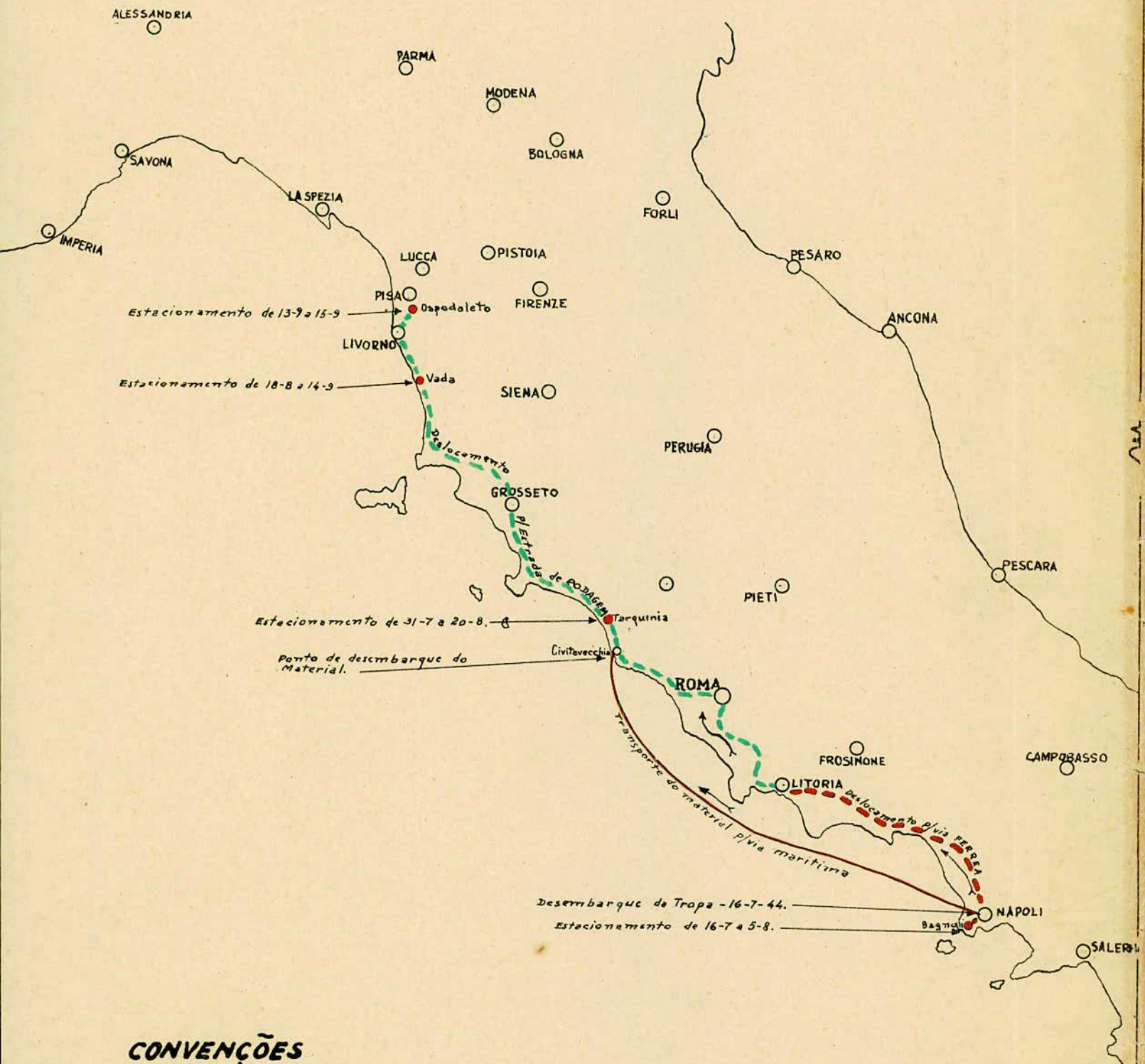
A tropa iniciou o desembarque às 13.15 (treze e quinze) horas e às 16.45 (dezesseis e quarenta e cinco) horas estava concluída a operação.

O deslocamento do cais até a área de estacionamento, num total aproximado de 25 quilômetros, foi feito da seguinte maneira:



**ROTEIRO DOS DESLOCAMENTOS E ESTACIONAMENTOS  
SUCESSIVOS DO ESCALÃO AVANÇADO DA 1ª D.I.E. NA  
ITALIA, NO PERÍODO QUE PRECEDEU O SEU EMPREGO  
TÁTICO (de 16-7 a 15-9-44)**

ESCALA - 1:2.600.000



**CONVENÇÕES**

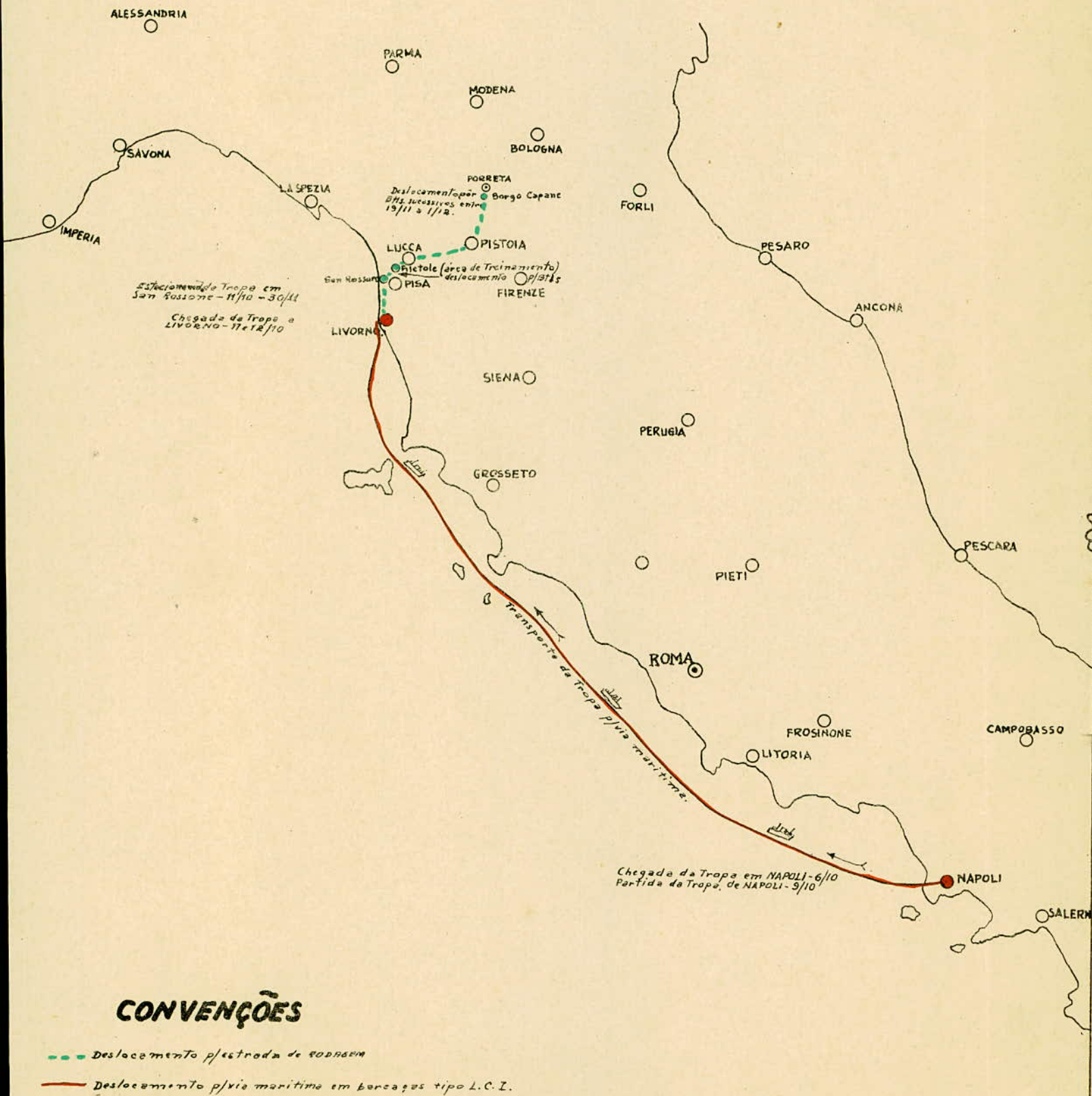
- - - Deslocamento p/ via FERREA.
- - - Deslocamento p/ Estrada de Rodagem.
- Transporte do material p/ via marítima.
- Areas de estacionamentos.



WV

**ROTEIRO DOS DESLOCAMENTOS E ESTACIONAMENTOS SUCESSIVOS DO 2º e 3º ESCALÕES DA 1ª D.I.E. NA ITALIA NO PERIODO QUE PRECEDIU O SEU EMPREGO TÁTICO (11/10 a 30/11)**

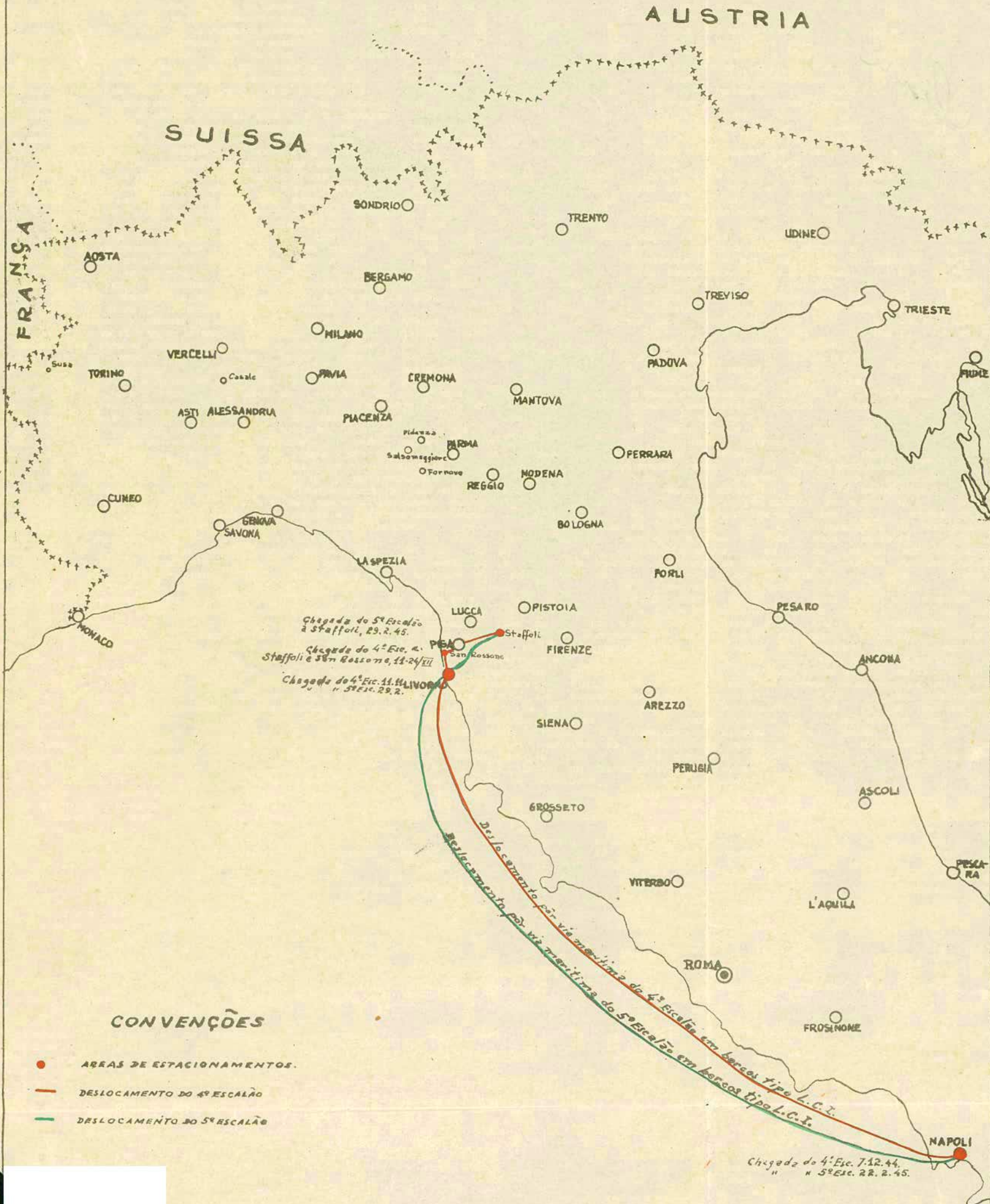
Escala - 1: 2.600 000.





VVV  
**ROTEIRO DOS DESLOCAMENTOS E ESTACIONAMENTOS SUCESSIVOS DOS 4º e 5º ESCALÕES, (Deposito de Pessoal) DA F.E.B., DESDE A SUA CHEGADA A ITALIA ATE O SEU ESTACIONAMENTO PERMANENTE**

Esc. 1: 2600 000



**CONVENÇÕES**

- ÁREAS DE ESTACIONAMENTOS.
- DESLOCAMENTO DO 4º ESCALÃO
- DESLOCAMENTO DO 5º ESCALÃO

Chegada do 4º Esc. 7.12.44.  
 " 5º Esc. 22.2.45.



- do cais à Est. Central de Nápoles, a pé;
- da Est. Central de Nápoles, a Est. de Bagnoli, de trem;
- da Est. de Bagnoli à Agnano, a pé.

Apesar dos 16 dias de viagem, a tropa resistiu bem a essa prova.

A área não estava preparada para receber a tropa, pois não dispunha de barracas e cozinha, tendo sido o estacionamento sob a forma de bivaque e a alimentação a ração de reserva tipo "C", americana. A noite, terrivelmente fria, foi mais uma rude prova para a nossa gente. No dia imediato, isto é, em fim da jornada de 17, já todo o acampamento estava montado e a vida tendia a normalizar, graças às providências da P.B.S..

Pode-se dizer que, a partir de 20 de julho, estava tudo normalizado, revelando os homens uma magnífica capacidade de adaptação e de assimilação, não só em relação aos hábitos da vida de campanha nos moldes americanos, como do consumo das suas rações.

Os 2º e 3º Escalões, chegados a Nápoles a 6 de outubro de 1944 no "GEN. MANN" e "GEN. MEIGS", só iniciaram o desembarque dois dias depois, sendo toda a tropa transferida para 60 embarcações pequenas - L.C.I. (Landing Craft Infantry) - e encaminhada, através um mar agitado e condições de tempo desfavorável, pelo espaço de 36 horas, para o porto de LIVORNO, onde, finalmente, desceram nos dias 11 e 12 do mesmo mês.

De LIVORNO, em caminhões fornecidos pela P.B.S., o pessoal foi todo transportado para a área de SAN ROSSORE (imediatamente ao N. de PIZA), nos terrenos do Palácio Real do mesmo nome. A zona, especialmente preparada pela P.B.S. para receber os brasileiros, apresentava um aspecto agradável e oferecia à tropa o máximo conforto. Dessa vez, diante dos acontecimentos verificados com o 1º Escalão, as unidades trouxeram as suas barracas, mas foi desnecessário, pois o acampamento estava preparado com material exclusivamente americano. A área escolhida estava o mais próximo possível da frente e do setor onde já lutavam os elementos integrantes do Destacamento F.E.B..

O 4º Escalão, constituído de elementos do Depósito de Pessoal do Exército da F.E.B. e criado pelo Dec. nº 6.268, de 24 de fevereiro de 1944, viajando no "Gen. Meigs", chegou a Nápoles no dia 7 de dezembro do mesmo ano e daí foi conduzido para o porto de LIVORNO, por via marítima, em navios tipo L.C.I. e num transporte da Frota da Liberdade de 10.000 toneladas, encerrando esse deslocamento a 11 de dezembro. Estacionaram, até o dia 24 de dezembro, na área de SANROSSORES, onde já tinham estado os 2º e 3º Escalões, sendo depois, transferidos para a área de STAFOLI, entre LUCA e PISTOIA,



num acampamento organizado pela P.B.S. *livno*

De igual forma, o 5º Escalão, constituído de elementos do Depósito de Pessoal, foi encaminhado à área de STAFFOLI em 28 de fevereiro, tendo chegado a Nápoles no dia 22 de fevereiro, a LIVORNO a 28 de fevereiro e concluído a concentração no acampamento no dia 12 de março.

A área reservada ao estacionamento do Depósito, dotado de recursos para vida normal de campanha e para toda espécie de treinamentos a que seria submetido, sofreu melhoramentos futuros, já sob a direção do respectivo Comandante, que muito concorreram para uma confortável instalação da tropa.

b - Descarga da bagagem

A carga transportada pelo "Gen. Mann", com o 1º Escalão, foi descarregada pela estiva italiana, sob as vistas do Pelotão do Depósito de Intendência, que também viajara. A continuação do serviço exigiu a guarda da nossa Polícia Militar, pois os volumes passaram a ser quebrados ou rasgados propositadamente pelo pessoal da estiva e violados. Isso deu motivo a serem tomadas medidas enérgicas que vieram pôr fim aos roubos iniciados. A carga mais pesada e os generos alimentícios ficaram em depósito em armazem dos Cais do Porto, até o seu conveniente destino.

Em Nápoles, a carga dos 2º e 3º Escalões foi transferida de bordo dos "Gen. Mann" e "Gen. Meigs" para um cargueiro norueguês, com a responsabilidade da P.B.S.

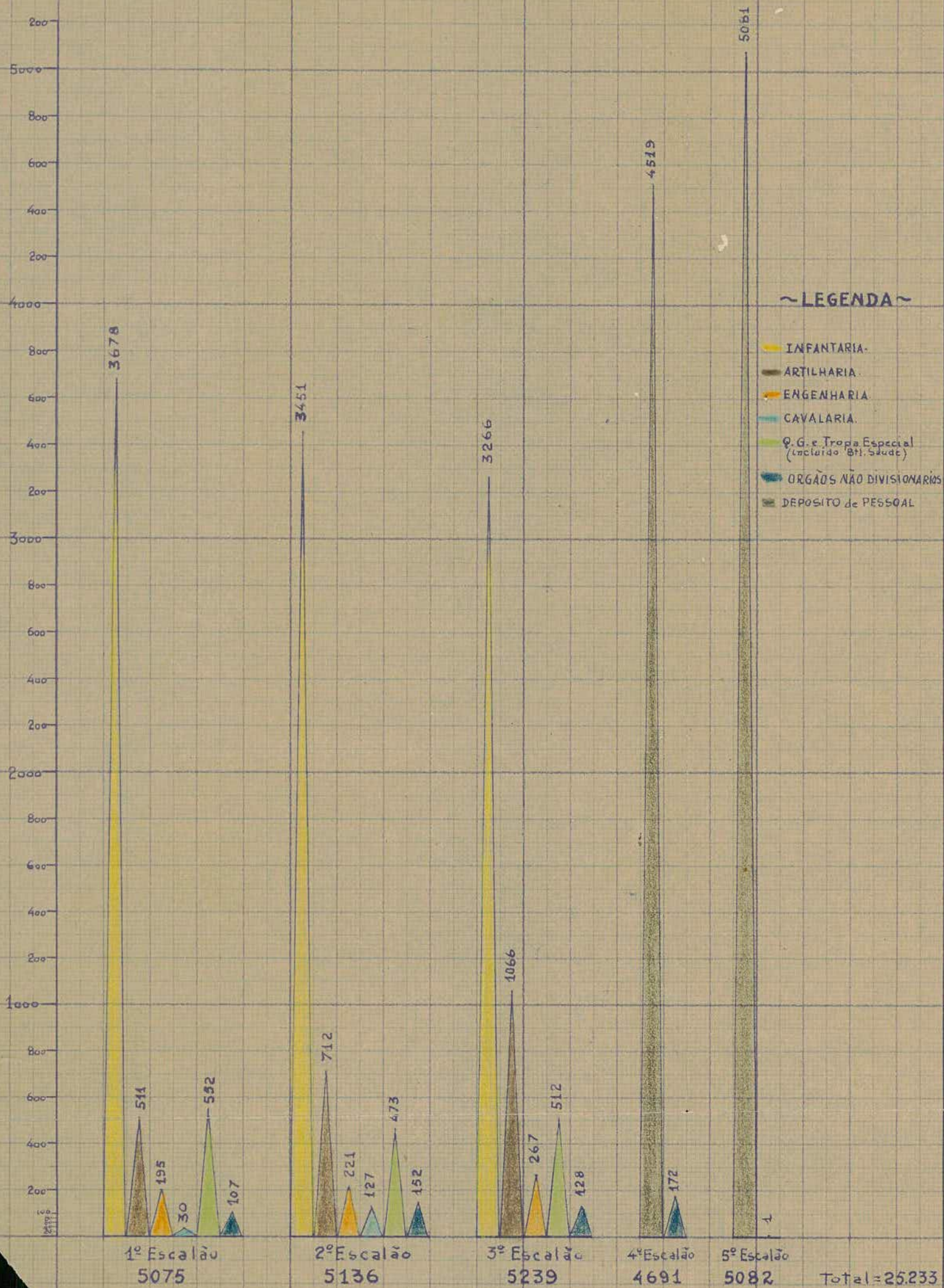
Já possuíamos, então, em Livorno, uma Secção de Base Brasileira, a quem foi atribuída a incumbência de receber toda a carga do cargueiro no porto e dar o devido destino. Suas possibilidades não eram muitas e, com um reforço dado pela Divisão, o trabalho foi desenvolvido em dias sucessivos sem descanso e às vezes sob um tempo inclemente.

Apesar da intensa fiscalização, não se evitou que os estivadores italianos tirassem objetos das bagagem individuais e das unidades, perdidas essa que felizmente não foram grandes, pois, no total, ficaram aquém de 1%. No que diz respeito à bagagem individual, cumpre notar que a maioria dos sacos violados, o foram no Depósito da F.E.B., ainda no Rio de Janeiro, onde estiveram recolhidos e ficaram diversos dias.

De maneira idêntica, foi também descarregada toda a bagagem dos 4º e 5º Escalões em Nápoles e Livorno, já agora sem os prejuízos dos primeiros.



# GRAFICO DO PESSOAL DA F.E.B., TRANSPORTADO PÔR VIA MARI- TIMA PARA A ITALIA



TRANSPORTADOS PÔR VIA AEREA

50 Officiais  
60 Enfermeiras  
1 Praça.  
TOTAL = 111

TOTAL GERAL = 25.334



### 3 - PREPARAÇÃO TÉCNICA E TÁTICA NA ITÁLIA

Com a chegada do nosso 1º contingente ao Teatro de Operações da Itália, uma nova fase ia ter início, mais dura e de maior responsabilidade, porém ansiosamente esperada por todos.

Para uma melhor facilidade de exposição e compreensão dos acontecimentos que se seguiram, vamos abordar essa fase, até a entrada em linha de nossos primeiros elementos, em capítulos, assinalados pelos diversos acampamentos ocupados pelo Escalão Avançado da 1ª D.I.E. (1º Escalão de embarque).

Idêntico estudo faremos das atividades dos 2º e 3º Escalões, desde o estacionamento de PIZA, sua preparação até ser empenhado no setor que lhe estava reservado.

Durante as operações, o preparo e o aperfeiçoamento da tropa não foi descuidado, de modo que, aqui também, diremos, em linhas gerais, o cuidado que o Comando dispensou a esse detalhe, para, depois então, relatarmos os fatos que se passaram durante a campanha propriamente dita.

#### A - PREPARAÇÃO DO ESCALÃO AVANÇADO DA 1ª D.I.E.

##### a - Estacionamento de BAGNOLI (16.VII - 5.VIII.944)

#### Instalações

O Escalão Avançado iniciou sua vida na Itália, no acampamento de AGNANO (Bagnoli), situado no fundo da cratera do vulcão extinto "ASTRONIA", sujeito à friagem e à densa neblina que caía às 21 (vinte e uma) horas e só desaparecia às 9 (nove) ou 10 (dez) horas do dia imediato. De dia o sol era rigoroso e a poeira sufocante. Foi um grande foco de gripe, onde a tropa brasileira passou 15 dias numa área pequena e de certo modo desconfortável.

A área foi preparada pelos americanos, numa região destinada, em tempos idos, às caçadas e distração de pessoas da alta linhagem italiana.

Existiam privadas, barracas para cozinha, torneiras, banhos quentes e sulfurosos e algumas barracas piramidais para oficiais.

A tropa partira do Rio sem barracas, por imposição da Missão Americana, pois deveria encontrá-las no estacionamento a ser ocupado na Itália. A surpresa foi geral quando se soube não ter



havido a necessária comunicação ao Comando do Teatro por parte da Missão. *Luc*

No dia da chegada não foi possível o fornecimento das barracas destinadas às praças e com isso a noite de 16 para 17 de julho a tropa, passou ao relento, sob forte neblina e intenso frio, dando em resultado um grande número de resfriados.

A 17, teve início a distribuição de barracas, mosquiteiros e outros utensílios de estacionamento, enquanto que as cozinhas não funcionavam por falta de fogões. Durante 4 dias, a tropa comeu ração "C", até que os fogões fossem instalados e entrassem em ação.

A situação dos suprimentos foi se normalizando aos poucos e a tropa passou a sentir os efeitos da alimentação com ração americana mal preparada pelos nossos cozinheiros, precariamente instruídos na sua confecção.

#### Suprimentos

As rações diárias eram sacadas pelo S.I. da 1ª D.I.E., representado por um único oficial que tinha em suas mãos todas as funções do Serviço.

Os fornecimentos do material de intendência ficaram a cargo do Depósito de Intendência da F.E.B., que, em ligação direta com a P.B.S., requisitava os materiais necessários ao equipamento inicial da tropa. O material de saúde não foi por sua vez encontrado em NÁPOLES, funcionando o Serviço com os meios de emergência, material do equipamento individual e material requisitado ao 4th. Medical Supply Depot, por empréstimo.

#### Transportes

As autoridades americanas puseram à disposição da tropa brasileira, 8 "jeeps" anfíbios e alguns caminhões que atingiram o total de 25, para o serviço do estacionamento. Dos 8 "jeeps", somente 5 foram utilizados, pois os 3 restantes estavam impossibilitados de trafegar.

#### Estado Sanitário

A tropa brasileira, apesar dos cuidados sanitários prescritos ainda no Brasil, embarcou levando um número regular de ho-



mens doentes e com os dentes em péssimas condições. Durante os 15 dias de julho baixaram 250 homens, por motivos vários.

Com as rigorosas exigências dos órgãos sanitários americanos, as revistas diárias da tropa foram descobrindo os homens com moléstias venéreas e os que apresentavam os dentes em precária situação.

Isso nos valeram desagradáveis admoestações por parte dos americanos e resultaram medidas junto às autoridades brasileiras, em benefício dos futuros contingentes a serem enviados à Itália.

As evacuações eram feitas para o 45th General Hospital, 132 th Station Hospital e 23th General Hospital, este último de venéreos.

#### Atividades

A 18 de julho, pela Diretiva Geral nº 2, o Comandante da 1ª D.I.E. declarou que manterá sob o seu Comando o Escalão Avançado no que se refere às questões de instrução, provimento de meios e às ligações com as autoridades aliadas e que o Comandante da I.D. controlaria o estacionamento (disciplina e condições de vida). Designou, também, os elementos que ficavam diretamente subordinados a um e a outro.

A Diretiva Particular nº 1, de 22 de julho, determinou que as unidades organizassem, em definitivo, os seus efetivos, distribuindo oficiais e praças nas funções constantes dos quadros adotados.

A 23 de julho, com a Diretiva Geral nº 3, prescreveu a Instrução Preliminar a ser ministrada enquanto não se fizer a distribuição do armamento (educação física, instrução geral, treinamento de marcha, instrução de oficiais, etc.).

O Comando americano pôs à disposição do Escalão Avançado vagas em diversos cursos para oficiais e praças - Pontes, Destruições, Transmissões e Combate e Comando de Pelotão. As turmas foram organizadas e a sua apresentação e frequência se realizaram corretamente.

Uma visita de autoridades americanas constatou o grau de instrução da tropa.

No dia 26, em resposta a constantes insinuações do Comando da 1ª D.I.E., as autoridades determinaram o deslocamento do Escalão Avançado da Divisão para a região de TARQUINIA, 18 Km. ao



N. de CIVITAVECCHIA e cêrca de 350 Kms. de NÁPOLES, já <sup>Mark</sup>relativa-  
mente próxima à frente de batalha. Aí foi designada a nossa pri-  
meira área de treinamento e onde deveríamos receber armamento,  
equipamento e materiais diversos.

#### Deslocamento

Dia 27 - Partida dos reconhecimentos da nova área.

Dia 29 - Partida das turmas de estacionadores.

Dia 1º de Agosto - Início do movimento.

A montagem detalhada de uma operação de tal vulto, a pri-  
meira que fazíamos em território estrangeiro e até dois meses  
antes ocupado pelo inimigo, foi estudada, montada e executada  
pelo E.M. da 1ª D.I.E., de acôrdo com diretivas dadas pelo Co-  
mando da P.B.S..

A tropa se deslocou em 4 escalões, em dias sucessivos,  
nas seguintes condições:

- de NÁPOLES a LITÓRIA, de trem;
- de LITÓRIA a TARQUINIA, em caminhões.

Os caminhões foram cedidos pela P.B.S. e dirigidos por  
motoristas brasileiros da Cia. de Intendência.

O material foi transportado:

- parte por mar, de NÁPOLES a CIVITAVECCHIA;
- parte por terra, em caminhões, diretamente a TARQUINIA,  
através 350 quilômetros.

O serviço foi por demais penoso para os motoristas, que  
faziam diariamente 700 quilômetros nas viagens de ida e volta,  
mas às 22 horas do dia 5 de agosto estava todo o Escalão concen-  
trado na nova área.

b - Estacionamento de TARQUINIA (31.VII - 20.VIII.944)

#### Instalações

O segundo estacionamento, em TARQUINIA, foi inteiramente  
preparado pela tropa brasileira, iniciado pelos destacamentos pre-  
cursores das diversas unidades e Q.G. e concluído com a chegada  
de todo o Escalão.

Localizado em área extensa e menos arborizado que o es-  
tacionamento anterior, o novo campo brasileiro era mais agradá-



vel e mais higiênico, pela sua amplitude e ausência das condições <sup>de</sup> desfavoráveis de AGNANO.

Toda a tropa acampou, com exceção dos elementos dos Q.G. da 1ª D.I.E. e I.D. que acantonaram.

#### Suprimentos

Os Depósitos Americanos estavam situados na região de CIVITAVECCHIA e os pedidos eram diretamente satisfeitos pelos órgãos respectivos, mediante as requisições feitas pelos diferentes Serviços.

A simplicidade dos processos e a adaptação dos elementos brasileiros ao sistema americano, fizeram com que todos os suprimentos corresse na melhor ordem e eficiência.

Os Depósitos Brasileiros de Material de Intendência e víveres estavam localizados, respectivamente, em CIVITAVECCHIA e TARQUINIA. Foi instalado um Reembolsável na área do estacionamento.

#### Transportes

Os transportes eram assegurados pelas mesmas viaturas anteriormente fornecidas por empréstimos e agora distribuídas às unidades, para os seus respectivos serviços. Com o recebimento, posterior, de todas as viaturas, as cedidas por empréstimo, foram devolvidas.

#### Estado Sanitário

Depois das providências tomadas pelo Serviço de Saúde no primeiro estacionamento, o estado sanitário da tropa melhorou sensivelmente, tanto que para os 15 dias de permanência em BAGNOLI com 213 baixas, tivemos em todo o mês de agosto apenas 121.

As evacuações eram feitas para o 145th Station Hospital, em CIVITAVECCHIA.

#### Equipamento do Escalão Avançado

Os grandes suprimentos de material foram iniciados neste estacionamento.

Os Serviços fizeram os primeiros entendimentos com os ór-



gãos provedores americanos, por intermédio dos nossos oficiais de ligação que se encontravam já há algum tempo na Itália. As unidades passaram então a receber o material que lhes cabia, dentro do que estava estabelecido entre o Governo Americano e a nossa Comissão de Compras, em Washington.

Dessa forma sofreram alterações os nossos quadros de dotações, organizados pelo E.M.E..

Armamentos e viaturas começaram a ser entregues e os Corpos iniciaram uma nova fase de atividades. A Cia. de Manutenção empenhou-se a fundo na montagem das viaturas dos diversos tipos e do armamento, com resultados os mais lisongeiros, tendo passado em "tests" rigorosos, por parte dos técnicos americanos. Isso serviu como proveitoso treinamento que se veio refletir vantajosamente em sua atuação futura. Os demais Serviços também receberam o material correspondente às suas necessidades - S.I., S.S., S. Trns., S.E. e S.G.Q. - e, dessa forma, o Escalão Avançado foi tomando novo aspecto, montando os seus órgãos de vida própria e iniciando contatos diretos com o novo material, dentro do curto prazo que lhe foi proporcionado. E essa entrega foi feita apressadamente, pois a demora prevista para 45 dias teve uma duração de 15 dias apenas.

Para referirmos sómente às viaturas, basta dizer que veículos entregues às 16 e 17 horas aos respectivos motoristas entraram em comboio e rodaram pelas estradas duas e três horas depois de recebidos pelas unidades. Já se vê que os resultados foram os mais desastrosos possíveis, pois acidentes sérios de perdas de vida e quebras de material foram registrados.

#### Atividades

No mesmo dia em que terminou sua reunião, 5 de agosto, a F.E.B. foi incorporada ao 5º Exército Norte-Americano, do Comando do General MARK CLARK, entrando em ligação com os representantes do seu Alto Comando.

A 8 de agosto, uma Diretiva de Conjunto do Comando estabeleceu uma nova articulação do Escalão Avançado da Divisão, bem assim dos demais elementos da F.E.B..

A nova organização compreendia:

- Q.G. do Escalão Avançado
- Tropa Especial



- Grupamento Tático, sob o Comando do Gen. EUCLYDES ZENÓ-BIO DA COSTA, com:

- Q.G. da ID/1E
- 6º R.I.
- II/1º R.O.Au.R.
- Pelotão do 1º Esq. Rec.
- Destacamento de Engenharia

*Luci*

Para os exercícios de conjunto o Grupamento poderia ter à sua disposição o Destacamento de Transmissões e o Destacamento de Saúde.

Enquanto o armamento não foi distribuído totalmente, a instrução conservou o mesmo ritmo de estacionamento anterior, com as prescrições da Diretiva Geral nº 3, de 23 de julho. Nova matrícula de oficiais e praças se verificou nos Cursos de Pontes e de Combate e Comando de Pelotão.

No dia 9 de agosto, o Comandante da 1ª D.I.E. avistou-se pessoalmente, e a especial convite, com o General CLARK, no seu Q.G. em CECINA.

Os entendimentos realizados, então, foram os mais proveitosos sob todos os pontos de vista. Amigo sincero dos brasileiros e com a sua alta característica de Chefe de grande descortínio e energia, o General CLARK adotou decisões importantes em relação à nossa tropa, visando o seu rápido aparelhamento e integração no âmbito das forças sob seu Comando.

No dia 12 recebeu a tropa brasileira a primeira inspeção dos Chefes Americanos. Uma equipe de oficiais do 5º Exército, da qual faziam parte seis Generais e doze oficiais superiores, chefiada pelo General BRANN, Chefe da 3ª Secção daquela Grande Unidade, tomou contato com o Comando e todos os órgãos subordinados, aumentando as relações de inter-dependência.

As continências prestadas por uma Cia. do 6º R.I. mereceram especiais referências dos Chefes presentes.

Em TARQUINIA, a tropa sofreu as suas primeiras baixas de Guerra, em consequência de minas deixadas pelos alemães nos nossos terrenos de instrução.

Em consequência dos entendimentos realizados com o General CLARK, ficou assentado que a tropa brasileira deveria se aproximar mais da frente de combate, a fim de ultimar seu treinamento. Foi escolhida a região de VADA-ROSIGNANO, cêrca de 200 quilômetros ao N. de TARQUINIA.



## Deslocamento

*hand*

Noites de 18/19 e 19/20 (das 19.30 às 4.30 horas) - Meios próprios.

O E.M. da Divisão foi incumbido de estabelecer e executar o Plano de Transporte, dentro da Ordem de Movimento em ligação com o E.M. do 5º Exército, sendo fixadas as condições acima.

Foi a fase mais aguda dos transportes realizados pela nossa tropa, porque em duas noites sucessivas, deveríamos deslocar cerca de 500 viaturas, em dois comboios, divididos em 8 unidades de marcha de 25 veículos, no máximo.

As viaturas entregues dias antes e até no próprio dia do movimento, 3 e 4 horas antes da partida das primeiras unidades de marcha, teriam que ser dirigidas por motoristas não familiarizados com seus veículos, destreinados e sem a prática de tráfego intenso; de marcha em comboio; desconhecendo a disciplina e regra de trânsito; desabituaados dos deslocamentos noturnos e conduzindo uma tropa sem hábito de longos percursos e sem a disciplina que as operações de guerra exigem, pois a cada momento uma incursão aérea poderia perturbar os acontecimentos e ocasionar sérios danos, já que se caminhava para a frente de combate.

A ordem foi cumprida integralmente, com uma série de falhas naturais diante de tais perspectivas, aumentadas pela falta de noção de responsabilidade de alguns oficiais e praças e tivemos a lamentar, entre pequenos acidentes comuns, um desastre com um caminhão do 6º R.I., ocasionando a morte do motorista e ferimentos de 24 outros homens, inclusive um capitão.

Pessoal, material de toda espécie, armamento e munições, foram transportados nas condições impostas pelo escalão superior. No dia 20, em fim de jornada, estava todo o Escalão Avançado da 1ª D.I.E. estacionado na região de VADA.

c - Estacionamento de VADA (18.VIII - 17.IX.9/4)

## Instalações

Este estacionamento obedeceu a características mais severas, pois aí nos encontravamos a menos de 25 quilômetros da frente de combate no rio ARNO.

A disseminação e a camuflagem das barracas e demais dependências do acampamento foi feita numa grande área cultivada e



no meio de videiras carregadas. Sómente o Q.G. da 1ª D.I.E. e o P.C. da I.D. ficaram em prédios requisitados. *hand*

Como sempre, a poeira fina e incômoda constituiu uma das notas desagradáveis do estacionamento.

Pela Cia. de Engenharia foi instalado o primeiro "Ponto Dagua" para abastecimento da tropa.

### Suprimentos

Nessa região, já próxima da frente, os Depósitos Americanos eram em maior número e distribuídos por pontos diversos, de acordo com as suas especialidades.

Além dos suprimentos normais para a vida da tropa, outros foram recebidos, pois os corpos continuaram a pedir material para o seu equipamento, assim como munições para instrução, agora em fase de grande intensidade.

As nossas ligações com os órgãos do 5º Exército passaram a ser feitas, com a incorporação do Escalão Avançado à Grande Unidade Americana.

As visitas de Oficiais de Ligação americanos e de Chefes de Serviço eram diárias, de modo que as nossas necessidades iam sendo apuradas e satisfeitas com mais presteza, uma vez que a tropa deveria ter emprêgo em prazo curto.

Os Depósitos Americanos de classe I (víveres e forragens), II (fardamento em geral, equipamento individual, viaturas, material de acampamento, de engenharia, transmissões e armamento) e III (gasolina e lubrificantes) estavam situados em CECINA; os Depósitos Brasileiros de material de intendência em CIVITAVECCHIA e o de víveres, assim como Reembolsável, em VADA.

### Transportes

O recebimento, por parte do Escalão, de cerca de 400 viaturas colocou a tropa em suas condições normais de transporte.

Alguns órgãos divisionários, ainda sem a sua organização completa ressentiam-se de certas falhas que, pouco a pouco, foram sendo sanadas.



## Estado Sanitário

*Sum*

A região de VADA era salubre, tanto que se pode calcular em 106 o número de doentes baixados no mês de estacionamento.

Das 121 baixas de agosto e 193 de setembro, num total de 314, 80 foram devidas a acidentes, principalmente de tráfego com a nossa entrada em linha e tivemos os primeiros 21 feridos em combate.

As evacuações eram feitas para o 64th General Hospital, de ARDENSA e, depois, para o 38th Evacuation Hospital, de SANTA LUCE.

## Atividades

No dia seguinte à nossa chegada a VADA, 19, recebemos a honrosa visita do Snr. WINSTON CHURCHIL, formando uma Cia. do 6º R.I., juntamente com a tropa do 5º Exército, que lhe prestou guarda de honra.

A Diretiva Geral nº 4, de 20 de agosto, preparou a tropa para a inspeção do 5º Exército, no dia seguinte, que visava "tomar contato com todos os comandos subordinados, particularmente no que diz respeito à situação geral da tropa-organização e instrução".

Um documento de 22 de agosto, do 5º Exército, apresentou uma série de recomendações, consequentes da inspeção e o Comando da Divisão, em Diretiva Particular nº 3, de 23 de agosto, transmitiu-as e fez outras a propósito das mesmas.

A Diretiva Geral nº 5, de 21 de agosto, estabeleceu, em consequência de diretrizes do 5º Exército, um Período Final de Instrução para o Escalão Avançado, iniciado no dia 22 e com a duração de 2 semanas (antes da terminação da 2ª semana, o período foi acrescido de mais uma semana).

O objetivo geral constitui "em completar a instrução dos quadros e da tropa, tendo em vista a sua próxima incorporação às forças do 5º Exército que se acham em linha". Foram prescritos e realizados exercícios de todos os escalões até Batalhão e Grupo de Artilharia. O período seria concluído a 9 de setembro.

A 25 de agosto foi feita uma formatura para comemorar o Dia do Soldado, havendo, então, uma apresentação do Escalão Avançado ao General CLARK e assistida por altas autoridades militares, entre elas o General CHADEBEC DE LAVALLADE, do Exército Francês.



A 26 começou a funcionar uma Escola de Motorista. *Luiz*

A Diretiva Geral nº 6 regulou o estágio na linha de frente de numerosos oficiais e praças e declarou que o mesmo "tinha por objetivo proporcionar a elementos da tropa brasileira, antes de ser empenhada, o conhecimento do ambiente de combate, no escalão correspondente às suas respectivas funções".

No dia 7 de setembro realizou-se, com solenidade, a comemoração da data de Independência.

Como coroamento do Período Final de Instrução, foi montado um exercício de conjunto para o Grupamento Tático, assistido pelo Gen. CLARK, que se realizou durante as jornadas de 10 e 11 de setembro. No dia imediato, o Comando da Divisão fez a crítica do exercício, no que se referia ao comando do Grupamento Tático e escalões subordinados, ajuntando às suas observações as que foram feitas pela arbitragem americana.

Com a seguinte organização foi constituído o Destacamento F.E.B., como unidade de emprêgo, sob o Comando do General EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA:

UNIDADES	Oficiais	Praças	OBSERVAÇÕES
E.M. Destacamento...	14	26	
6º R.I. ....	149	3.110	
II/1º R.O.Au.R. ....	34	479	
Dest. Engenharia ...	8	196	A Cia.de Eng.mediante ordem do IV Corpo.
Dest. Saúde .....	13	156	
Dest. Transmissões..	2	70	Reforçado por 30 homens do Depósito
Pel. Intendência ...	3	56	
Cia. Manutenção ....	7	110	
Pel. Pol. Militar ..	3	50	25 homens do Pel. ficaram com a D.I.
Pel. Sepultamento ..	1	16	
Pel. Reconhecimento.	2	31	
<b>T O T A L .....</b>	<b>236</b>	<b>4.297</b>	

O Destacamento de Transmissões que viajou com o 1º Escalão sendo de pequeno efetivo, impôs-se reforçá-lo, com elementos do Depósito, para atender às necessidades do Q.G. da D.I. E. e do Destacamento F.E.B.



A Cia. de Engenharia foi inicialmente empenhada como Unidade do IV Corpo.

Foi, também, organizado um Pelotão de Sepultamento, mais tarde absorvido com o criado no Brasil e embarcado com os 2º e 3º Escalões.

A Diretiva Particular nº 9, de 14 de setembro, prescreveu a instrução do Depósito de Pessoal, para uma fase de 18 daquele mês a 7 de outubro. Esse Depósito fôra organizado com elementos remanecentes do 11º R.I. já na Itália, e, posteriormente foi incorporado ao que constituiu o 4º Escalão de transporte, chegado em dezembro de 1944.

Resolvido o emprêgo do Destacamento F.E.B., como força integrante do IV Corpo, do Comando do General WILLYS CRITTENBERGER, dentro do 5º Exército Americano, General MARK CLARK (Bol. da 1ª D.I.E. de 12 de setembro de 1944), a fim de tomar a seu cargo especial um Setor na ordem de batalha, foi determinado o seu estacionamento em OSPEDALETTO, região situada a 2 quilômetros ao S. de PIZA e a 50 quilômetros de VADA.

O Q.G. da 1ª D.I.E., também, teria que se deslocar, a fim de acompanhar o movimento, e o fez para a área de S. ROSSORE, vizinho a PIZA, onde mais tarde veio estacionar o grosso da Divisão, chegado com os 2º e 3º Escalões no mês de outubro.

#### Deslocamento

O deslocamento do Destacamento F.E.B., chamado pelo americano de "6th Combat Team", de VADA para a região de OSPEDALETTO, onde a tropa brasileira deveria iniciar as suas ações de guerra, foi feito a 13 de setembro, em ordem e com resultados práticos mais sensíveis.

Não é necessário encarecer a significação desta última ordem de movimento, que significava ao mesmo tempo:

- confiança na preparação técnica da nossa tropa e na solidez do seu moral;
- necessidade de sua urgente cooperação na frente de batalha, na iminência do assalto à famosa LINHA GÓTICA ALEMÃ.

Dois lances se impunham:

- de VADA a OSPEDALETTO (ponto de 1º destino), numa extensão de 50 quilômetros;



- de OSPEDALETO, através do rio ARNO, até as proximidades das posições ocupadas pelas tropas a substituir.

Os dois lances foram executados de forma impecável, com todas as precauções impostas pela vizinhança do inimigo, nos dias 13 e 14.

A experiência, embora pequena, mas convincente dos movimentos anteriores, foi de grande utilidade e aconselhou maior prudência por parte dos comandantes e oficiais dos corpos, que melhor assistiram sua tropa e com mais vigor cuidaram de seus comboios.

Não é possível a organização de qualquer unidade de transporte e execução de um movimento, em boas condições, se a tropa não estiver instruída e não se submeter aos preceitos regulamentares que regem a constituição e os deslocamentos dos comboios.

O movimento foi feito por unidades constituídas e os resultados foram melhores que os anteriores colhidos nos dois deslocamentos precedentes.

#### d - Estacionamento de OSPEDALETO (13 - 15.IX.9/44)

O estacionamento foi uma parada de um dia e meio apenas, para reajustamento e base de partida para as unidades brasileiras que, recebendo missão, substituíram unidades americanas em linha.

No dia 15 de setembro de 1944, data verdadeiramente histórica para o Exército Brasileiro, entre 19.00 (dezenove) horas e 22.00 (vinte e duas) horas, a tropa havia substituído integralmente as forças americanas da Task Force 45 e da 1ª Divisão Blindada, ficando inteiramente responsável por um grande setor de 9 quilômetros de frente, normalmente atribuído a uma D.I. completa numa situação defensiva. No entanto, concluída a substituição, a tropa brasileira recebeu ordem para retomar a progressão, numa atitude ofensiva sem restrições.

Para que o Cmt. da 1ª D.I.E. pudesse cumprir a missão que lhe fôra atribuída pelo 5º Exército - a supervisão e assistência técnica das atividades do Comando do Grupamento Tático - o Q.G. da Divisão deslocou-se em dois escalões, nos dias 16 e 17 de setembro e acampou em S.ROSSORE, na região de PIZA. A apreciação sobre este acampamento faremos quando relatarmos as atividades do 2º e 3º Escalões.



e - Apreciação sôbre a preparação técnica e tática do  
Escalão Avançado na Itália

A instrução da tropa no Brasil não teve, como já dissemos, um ambiente propício a uma verdadeira preparação para a guerra, pelos motivos já apontados e que nunca será demais repetir:

- flutuações dos efetivos, inclusive dos quadros;
- recompletamento só conseguido nas vésperas dos embarques;
- falta de armamento moderno de infantaria;
- condições psicológicas desfavoráveis, criadas pelo "quinta-colunismo" impenitente e persistente.

O primeiro mês passado na Itália se caracterizou pela falta absoluta de armamento e de material de instrução.

Nessas condições, tudo o que se podia fazer para conservar o vigor físico e a disciplina da tropa era intensificar a instrução geral, a educação física e o treinamento das marchas.

E isto foi executado nos acampamentos, de AGNANO e TARKINIA, sendo a preparação técnica e tática reduzida a uma modesta conservação do que já fôra obtido no Brasil.

Em VADA, tudo tomou feição diferente.

No dia 22 de agosto foi realizada, por uma grande equipe de mais de 40 oficiais sob a chefia de um Coronel do Exército Americano, uma minuciosa inspeção visando o estado de treinamento da tropa, a conservação do material, os preceitos de higiene do campo de batalha, etc.. E a 23, isto é no dia imediato, teve início a instrução no âmbito das unidades de todas as armas.

Uma boa parte do armamento de Infantaria, como morteiros de 60 m/m, canhões anti-carros de 57 m/m, Obuzes de Infantaria de 105 m/m, sub-metralhadora de 45, lança-rojão (Bazooka), etc., do aparelhamento de transmissões, de engenharia e de manutenção ainda não era conhecido.

Isso não impediu, entretanto, que, distribuído o material a partir de 16 de agosto, já no dia 23, uma semana depois, fosse iniciado o treinamento tático, com inteiro êxito, em todos os escalões de tropa, sob as vistas dos oficiais americanos presentes, como órgãos de consulta, em cada unidade ou sub-unidade.

De 23 de agosto a 4 de setembro realizaram-se os exercícios preliminares, indicados na Diretiva Geral nº 5, do dia 21.



No dia 5 de setembro começou a execução dos "Tests", visando o treinamento do Comando e dos seus Estados Maiores no combate, empregando os meios disponíveis. *hmc*

Esse período culminou num grande exercício com a duração de 36 horas nos dias 10 e 11 de setembro, com a assistência do General CLARK e oficiais do seu Estado Maior.

O exercício de combate, propriamente, empregando exclusivamente munição de guerra em todas as armas, foi realizado em terreno montanhoso difícilíssimo, antecedido de uma marcha de 36 Kms., durante o qual houve apenas 8 homens retardatários em cerca de 4.000. Foi comandado pelo General EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA.

A arbitragem numerosíssima, composta de 270 militares norte-americanos de todos os postos, chefiados por um Tenente Coronel do IV Corpo, apesar de rigorosa no seu julgamento, opinou favoravelmente.

O General CLARK, pessoalmente, felicitou a tropa e o General ZENÓBIO, pelo êxito obtido.

A tropa, desde o encerramento desse exercício, foi considerada apta para entrar em combate.

Verifica-se, assim, que não foram certamente as duas semanas de treinamento que deram o grau de instrução básica demonstrada. E, como outra preparação não foi feita depois que partimos do Brasil, é bem confortador concluir que o grau de instrução da tropa brasileira é normalmente elevado, se considerarmos que a 1ª D.I.E. não teve tempo, no país, de bem se preparar, pelas circunstâncias apontadas.

É necessário ressaltar que, grande parte do êxito alcançado nesse treinamento, se deve à abundância de recursos postos à disposição da tropa, em particular os campos de instrução, as munições de todas as armas e uma quantidade de combustível sem restrições para os diversos veículos.

A propósito, ainda, da preparação técnica e tática dos nossos quadros subalternos, é oportuno citar os cursos de pequena duração (duas semanas no máximo) nas chamadas escolas de "Leader-Ship", "Bailey Bridge" e Minas. A matrícula, por turmas sucessivas abrangeu oficiais (capitães e 1ª Tenentes) e praças. Todos os nossos representantes alcançaram resultados muito compensadores e alguns mereceram mesmo especial menção. Essas escolas, providas de instrutores retirados do campo de batalha, visam retocar o comando de patrulhas, uso de todas as armas, construção de pontes e remoção de minas.



Convém recordar, ainda, que, entre 26 de agosto e 4 de setembro, turmas de oficiais de todos os postos, graduados e praças foram enviados à frente de combate, onde estagiaram no II Corpo de Exército dias seguidos, junto à 88ª D.I., participando de todas as atividades da luta, ao passo que outros oficiais, inclusive o General ZENÓBIO e elementos do E.M., estiveram com a 85ª D.I., em fase de repouso, para tomar contato com os órgãos de Comando e com os Serviços.

O Comandante da 1ª D.I.E., a 3 de setembro, esteve em visita a todos os órgãos da 88ª D.I., inspecionando os postos em que trabalhavam oficiais e praças brasileiras, para constatar o ânimo de que se achavam possuídos nesse primeiro contato com o inimigo.

Ao se iniciar assim, a fase do emprêgo tático da tropa brasileira, o ambiente já não era de surpresa para uma grande parte dos seus componentes.

## B - PREPARAÇÃO DOS 2º e 3º ESCALÕES DA 1ª D.I.E.

### a - Estacionamento de S. ROSSORE

#### Instalações

Em caminhões transporte americanos, os primeiros elementos dos 2º e 3º Escalões foram conduzidos, no dia 11 de outubro, para o estacionamento, adrede preparado pela P.B.S., na região de S. ROSSORE, nas vizinhanças de PIZA.

A zona reservada aos 10.000 homens nos terrenos do Palácio Real daquele nome, estava situada ao longo de uma alameda, onde se instalaram um conjunto de barracas piramidais, para os oficiais e de áreas sucessivas, em número de 52, destinadas as sub-unidades e unidades.

À frente, próximo à estrada, encontrava-se, em cada área, uma barraca piramidal, com armação de madeira e piso de pedra britada, destinada á cosinha; três outras barracas do mesmo tipo, junto a da cosinha, faziam de depósito de gêneros e alojamento dos oficiais das sub-unidades e unidades que mais diretamente devesses ficar em contato direto com a tropa. Depois, houve uma ligeira modificação para atender melhor o serviço.

Ao fundo de cada área parcial, estavam localizadas as privadas, em casinhas de tela de arame, papel alcatroado, cobertas de zinco.



Junto de cada cosinha, existia uma fossa de detritos e de aguas de lavagem do vasilhame.

Entre as cosinhas e as privadas ficava o espaço onde foram armadas as barracas das praças e cavados os abrigos individuais contra os ataques aéreos.

Na outra margem da estrada, 4 grandes caixas dagua de lona, em cima de suportes de madeira, permitiam o suprimento de agua para cosinha e uso individual. Ainda um banheiro com 32 chuveiros atendia à higiene da tropa, incluindo o banho quente diário.

Desse mesmo lado, foi instalado o dispensário para os doentes, a cargo dos próprios americanos, que assistiam os interessados e encaminhavam os baixados ao 7th Hospital, em LIVORNO, e ao 890th Clearing Station e ao 38th Evacuation, em PIZA.

A Cia. de Intendência acampada no lado fronteiro ao estacionamento, organizou o seu Ponto de Distribuição para atender às necessidades da tropa, em alimentação e em material.

O Q.G. da Divisão, como já dissemos, ficou instalado próximo, a uns 400 metros da tropa, em um bosque de carvalhos, coberto das vistas aéreas, tendo aí acampado nos dias 16 e 17 de setembro. Suas instalações foram montadas pelo contingente brasileiro quasi um mês antes, portanto, da chegada dos 2º e 3º Escações. Dispunha de luz elétrica e telefone para ligações internas.

Não havia agua corrente, nem caixas dagua no seu acampamento. Em camburões de 20 litros era trazido o líquido para o consumo.

### Suprimentos

Os suprimentos diários da classe I (viveres) eram assegurados pela Cia. de Intendência, que os recebia nos Depósitos Americanos, situados na região de VIAREGGIO. Os de classe II (fardamento em geral, equipamento, individual, viaturas, etc.) eram recebidos em FLORENÇA e os da classe III (gasolina e lubrificantes) na própria região do estacionamento, em posto montado pelos americanos, tendo sido inicialmente distribuídos em VIAREGGIO.

Os demais suprimentos, a cargo dos outros Serviços, eram praticamente inexistentes, com exceção das munições para instrução de armas portáteis, que o Serviço de Material Bélico retirava dos respectivos depósitos. Os Depósitos Brasileiros de material de intendência e viveres estavam em LIVORNO.



## Transportes

*lume*

Os Corpos de tropa dos 2º e 3º Escalões receberam rapidamente as suas viaturas, pois os cálculos estabelecidos pelos americanos previam um prazo de 15 dias para que o novo contingente brasileiro estivesse completo em material de toda espécie. Imediatamente, foram conhecidas das tropas as medidas de trânsito para a circulação de seu grande número de veículos dirigidos por motoristas, ainda não familiarizados com o material e desconhecedores das regras estabelecidas no "Código de Tráfego", em uso no Teatro de Operações.

## Estado Sanitário

Com a chegada desse contingente, de efetivo superior a 10.000 homens, os movimentos dos hospitais aumentou, não só na parte de doentes, como de acidentados. Assim, no mês de outubro, o movimento foi de 234 doentes, 81 acidentados e 77 feridos, computando-se, nestes números, os pertencentes ao Destacamento F.E.B., empenhado no Vale do SERCCHIO.

Pode-se considerar como muito bom o estado sanitário da tropa, nesse período, pois as estatísticas referem-se ao efetivo integral da 1ª D.I.E. no mês de outubro. Dos 392 baixados, foram evacuados para os hospitais americanos 257 homens.

## Equipamento dos 2º e 3º Escalões

Também a P.B.S. do 5º Exército equipou este contingente. Todas as previsões foram feitas para que o recebimento do material principal estivesse terminado 15 dias após a chegada da tropa, o que não se verificou por motivos estranhos á nossa vontade.

De cada Serviço provedor, um oficial recebia o equipamento diretamente dos Depósitos Americanos e o fazia chegar à tropa, de acôrdo com o estipulado entre o Governo dos Estados Unidos e a Comissão Brasileira, em Washington. Por êle, seria fornecido material novo e reconicionado, conforme as possibilidades do Teatro de Operações.

Vários navios chegaram a LIVORNO conduzindo material destinado à tropa brasileira e a demora do recebimento correu, em grande parte, por conta do atraso dos transportes.



Embora a tropa brasileira tivesse precedência sobre a 92ª Divisão Americana que se equipava na mesma época, os prazos foram dilatados e as justificativas diversas e numerosas.

Dessa forma, os trabalhos se alongaram pelo espaço de 35 dias, mais do dobro do tempo previsto e anunciado. Houve materiais, como o de Guerra Química, que dado o seu estado de conservação e tipo antiquado, foi aceito com ressalvas formais no recibo passado pelo Serviço respectivo, depois de reclamações e ajustes preliminares.

Ignora-se se o material dessa espécie nos foi enviado novo, da América e distribuído para outra Unidade. Assim como, se a falta no momento justificou o recebimento apressado de máscaras usadas e recondicionadas, com o argumento de premência de tempo e de necessidade da tropa se equipar rapidamente para entrar em ação, quando se temia o emprêgo do gaz.

O que não resta dúvida é que esse material usado e recondicionado, quase todo marcado com o nome de seus antigos detentores, trouxe uma certa desconfiança aos homens que o receberam para uso ocasional.

Viaturas e armas recondicionadas foram, também, recebidas, porém em ótimo funcionamento.

Mas, apesar destas pequenas alterações, o contingente foi convenientemente equipado e pôde entrar em ação em boas condições de aparelhamento.

Houve modificações nas dotações primitivamente estabelecidas, pois vigoraram os quadros americanos e as possibilidades do Teatro. O equipamento da Tropa Brasileira foi feito na base da "Tabela do Equipamento" de 15 de julho de 1943 e suas alterações. No caso de certos materiais que a Comissão de Compras, em Washington, havia adquirido em excesso daquela dotação, o fornecimento seria, também, em excesso.

Uma condição, no entanto, foi imposta pelo 5º Exército - a não constituição de depósito de material de origem americana. Ou a Divisão usava o material ou o deixava nos próprios Depósitos Americanos.

Os trabalhos sofreram alternativas em sua execução e podem ser assim apreciados:

1ª fase - 10 dias - Trabalho lento - adaptação - desconhecimento do mecanismo americano de suprimentos - falta de planos preestabelecidos e peque-



no fluxo de material nos depósitos.

2ª fase - 15 dias - Trabalho intenso - entrada de material em abundância nos depósitos. *front*

3ª fase - 10 dias - Progressiva lentidão - final dos fornecimentos - pouca entrada do material para completar as dotações.

Uma das razões de demora no fornecimento do material às unidades foi a dificuldade de transporte feito pelas próprias viaturas que iam sendo distribuídas aos Corpos, pois estes, além de seus transportes normais, já estavam em franco período de instrução.

Outra razão ponderável, era a irregularidade do fluxo de material e, mais ainda, parte dele não tinha a sua embalagem original, por ser recuperado. Havia caixões que traziam a marcação de determinado material, mas, na realidade, as espécies e as quantidades não conferiam.

Enfim, as exigências burocráticas retardaram a operação, pois a peregrinação por vários órgãos americanos era coisa comum e frequente.

As unidades não receberam carabinas calibre 30, porque, no momento não havia. Foram substituídas por fuzis "Spring field", em número correspondente, com visível prejuízo para a tropa.

Dessa mesma forma não foram distribuídas as pistolas "Colt" 45, trocadas por metralhadoras de mão. Daí a razão do 6º R.I. dispôr de armamento diferente dos 1º e 11º R.I..

Posteriormente, foram trocadas pistolas por metralhadoras de mão com o 6º R.I., com o fim de armar os oficiais do Estado Maior e outros órgãos, que, por suas funções, deveriam usar aquela arma.

A tropa recebeu, também, algumas peças para inverno, como cobertores americanos e nacionais, além dos demais pertences já distribuídos ao Escalão Avançado: capacetes, perneiras, capotes, etc..

O repletamento continuou já com as Unidades empenhadas, por não ter sido possível concluir os fornecimentos nas datas estabelecidas. O trabalho de recebimento de material foi dado por concluído, na área de S. ROSSORE, no dia 22 de novembro.

Uma vés reunida a Divisão no vale do RENO, continuou a distribuição do equipamento da tropa, agora dependente diretamente



dos órgãos provedores do 5º Exército e, dessa forma, foram cobertas e as faltas e os diversos elementos da 1ª D.I.E., considerados convenientemente supridos para sua entrada em ação. Não foram fáceis os fornecimentos finais dada a situação especial e o tempo em que as várias unidades iam sendo enviadas para as primeiras linhas. Mas apesar de todos os contratempos, as dificuldades foram sanadas e paulatinamente a vida normal da tropa se estabeleceu.

### Atividades

A Diretiva Geral nº 7, de 11 de outubro, em consequência de ordem do 5º Exército, de 7 do mesmo mês, organizou a instrução do contingente recém-chegado, que começava a se concentrar na região de PIZA. Além da duração do Período de Instrução (cêrca de 15 dias), prescreveu os exercícios principais a realizar e a zona de estacionamento e treinamento. O seu início ficou na dependência, porém, da distribuição do armamento.

Em virtude da demora do fornecimento, o Comando, na Diretiva Particular nº 12, de 23 de outubro, determinou que uma instrução preliminar fosse imediatamente iniciada, constando de instrução técnica, inclusive tiro, minas, motoristas, marchas, etc., aproveitando o reduzido material distribuído.

A área de treinamento seria a região de FILÉTOLE

Havendo dois R.I. para armar e instruir, era preciso que isto corresse sob a responsabilidade do próprio Comandante da I.D., General EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA. Do mesmo modo, a A.D. (menos um Grupo) deveria reiniciar seu treinamento sob as vistas do respectivo Comandante, General OSWALDO CORDEIRO DE FARIAS. Nessas condições, dispoendo de todos os meios para comandar, viver e combater, só restava ao General Cmt. da 1ª D.I.E. assumir o controle direto das operações do Destacamento F.E.B., empregando os meios no âmbito da Divisão, até que fosse possível engajá-la toda.

Pela Diretiva Geral, de 25 de outubro, foram fixadas as condições dessa reintegração, prescrita a reorganização do Comando e repartida as atribuições. Essas ordens estabeleciam:

- O Gen. Zenóbio deixará o Comando do Destacamento F.E.B. que operava no Vale do SERCCHIO e reassumirá o da I.D., com o P.C. em LE CORTI, para dirigir a revisão e os "tests" de instrução do 1º e do 11º R.I..



- O Gen. Cordeiro terá idêntica incumbência em relação à A.D., com o P.C. em MASSACIUCCOLI. *Luiz*

A todas as outras unidades, das armas e serviços, sob o controle dos respectivos chefes, foram atribuídos novos estacionamentos na área de treinamento e, ao passo que recebiam o material, deslocavam-se para lá e iniciavam seus trabalhos em ritmo acelerado.

A liberação dessas tropas para entrar em linha, após o período de intensivo de treinamento, dependeria dos instrutores americanos que formulariam o juízo definitivo sobre o seu aperfeiçoamento técnico.

Foram determinados, também, estágios de oficiais e praças no Destacamento F.E.B. e de oficiais junto a unidades de Artilharia americana em posição e uma turma foi matriculada no Curso de Pontes.

A roçada dos elementos empenhados no Vale do SERCCHIO para o Vale do RENO, determinada pelo Exército, com o emprêgo de toda a Divisão, veio prejudicar a preparação das Unidades dos 2º e 3º Escalões, que ainda se encontravam em fase de instrução e recebendo o material. O reagrupamento da 1ª D.I.E. no Vale do RENO, iniciado na noite de 19/20 de novembro, foi concluída na madrugada de 1º de dezembro.

As unidades que deveriam entrar em linha e que ainda não estivessem equipadas, receberiam das outras que aí ficassem o que lhe faltasse. Em consequência, o último Batalhão a sair da área de treinamento chegou na zona de combate desparelhado.

As ordens dadas pelo Cmt. do 5º Exército para equipar a 1ª D.I.E. não foram cumpridas no prazo fixado, pelas razões já expostas no item Suprimentos. Afim de atender as solicitações do escalão superior, muitas armas foram recebidas pelos Batalhões, na véspera da partida para a frente, sem haver tempo para uma limpeza ou um estudo mais aprofundado, dando lugar a inúmeros incidentes e até mesmo inutilização de algumas delas.

#### Deslocamento

Veremos aqui os movimentos feitos para a área de treinamento, em FILÉTOLE, depois, a concentração das Unidades dos 2º e 3º Escalões no vale do RENO e o deslocamento do Q.G. da Divisão para atender as ações na região de SERCCHIO. Teremos, assim, re-



capitulados os acontecimentos que precederam o emprêgo reunido da 1ª D.I.E. em campanha.

O transporte dos 1º e 11º R.I. da área de S. ROSSORE para a de treinamento em FILÉTOLE, foi feita com os meios das próprias unidades, reforçados com os da A.D. e Cia. de Intendência.

A A.D., o 1º B.S. e o 9º B.E. deslocaram-se com seus recursos e por infiltração.

Concluído apressadamente o treinamento iniciado em FILÉTOLE, a A.D. reuniu seus meios no vale do RENO, por escalões, sendo o seu Comandante responsabilizado pela direção do movimento.

O 1º B.S., o 9º B.E., a Cia. de Trns. e o 1º Esq. Rec. realizaram seus deslocamentos entre os dias 9 e 18 de novembro, por infiltração e com seus recursos.

Relativamente aos 1º e 11º R.I. houve necessidade de fornecer meios de transporte aos dois Regimentos, bem como se organizar os respectivos quadros de movimento e solicitar ao IV Corpo de Exército o crédito nas estradas, para os múltiplos comboios que foram organizados.

Esses transportes para a zona de combate, foi feito ao mesmo tempo em que se processavam substituições na linha de frente, o que tornou muito difícil a operação, pois a maioria dos deslocamentos teve lugar à noite e com escurecimento total, sendo que algumas partes do percurso eram permanentemente batidas pelo inimigo. Além disso, o mau tempo, a necessidade imperiosa de serem mantidos os movimentos normais de reabastecimento e remunição, bem como os de evacuação, vieram tornar mais complexa a operação.

Considerando o vulto dos transportes a efetuar e a premência do tempo, houve necessidade de ser solicitado um reforço de caminhões do IV Corpo, o que foi conseguido em parte sómente, porque, no momento, havia outras solicitações urgentes a atender.

O ritmo da entrada em linha dos R.I. foi a seguinte:

19 de novembro	II/1º R.I. para BORGIO CAPANE
20 de novembro	III/1º R.I. para BORGIO CAPANE
	II/1º R.I. de BORGIO CAPANE para RIOLA
21 de novembro	I/1º R.I. para BORGIO CAPANE
	III/1º R.I. de BORGIO CAPANE para RIOLA
23 de novembro	I/1º R.I. de BORGIO CAPANE para SILLA



27 de novembro	III/11º R.I. para SILLA <i>liane</i>
29 de novembro	II/11º R.I. para LUSTROLA
30 de novembro	I/11º R.I. para GRANAGLIONE
	II/11º R.I. de LUSTROLA para SILLA
1º de dezembro	Órgãos/11º R.I. para BORGO CAPANE.

Os 1º e 11º R.I. tiveram, como ponto de primeiro destino, a região de BORGO CAPANE e circunsvizinhanças de onde saíram os Btls. para entrarem em linha, pois era uma área não batida pela artilharia inimiga.

As condições de acesso ao local escolhido eram precárias, pois havia uma única estrada que permitia o tráfego num só sentido e com rampas bem acentuadas.

Afim de acompanhar melhor as atividades do Destacamento F.E.B., a 18 de outubro o Comando da 1ª D.I.E. e alguns elementos do Q.G. deslocaram-se da região de PIZA, onde se instalara um mês antes, para QUIESA, tomando a característica de um P.C. Avançado, permanecendo o grosso, agora aumentado com os oficiais e praças chegados com os 2º e 3º Escalões, naquela área.

Determinou, então, o Cmt. da 1ª D.I.E. que o próprio Q.G. da Divisão se articulasse em dois escalões - um Avançado e outro Recuado, de modo a aliviar, no máximo, o órgão que tivesse a seu cargo a condução das operações. O primeiro, sob o controle do Chefe do Estado Maior e o segundo, sob o Comando do Ajudante Geral da Divisão.

A 28 de outubro, o Q.G. Avançado fez novo deslocamento de QUIESA para PONTE A MORIANO, esta última localidade no Vale do SERCCHIO. O objetivo era cerrar mais à frente possível, para assumir o controle direto das operações do Destacamento F.E.B..

O Q.G. Recuado mudou-se para PISTOIA no dia 9 de novembro de 1944.

#### C - APRECIÇÃO SUMÁRIA SOBRE A PREPARAÇÃO TÉCNICA E TÁTICA DA 1ª D.I.E. NA ITÁLIA

Pelo que acabamos de apreciar, a Divisão não foi mais feliz nos campos de instrução da Itália do que havia sido no Brasil. Tudo conspirou contra um preparo perfeito, como exigia a missão que fôra atribuída à tropa brasileira. Se no país, as dificuldades da organização, a seleção física, etc. impediram que se alcançasse os objetivos finais da instrução, no Teatro de Operações,



o retardamento na entrega do material, e a necessidade <sup>franc</sup> em atender a frente de combate que exigia novas unidades, forçaram à nossa entrada em linha num estado de aperfeiçoamento reconhecidamente incompleto.

Houve, na verdade, porém um esforço apreciável dos quadros e dos orientadores americanos para desenvolver o preparo da tropa.

Mas, forçoso é que se diga que a 1ª D.I.E. foi, no Teatro de Operações da Itália, a única grande unidade que não havia sido submetida ao indeformável ciclo de instrução das divisões americanas. E isso determinou também, conseqüências na formação da Divisão para o combate. Completamos a nossa instrução na própria zona de combate.

Uma compensação de grande valia que a Divisão recebeu foi, sem dúvida, a frequência de oficiais e praças nos cursos mantidos pelo Comando americano na Itália e os estágios na linha de frente. Além do conhecimento que praticamente angariaram de particularidades locais de campanha, constituíram uma feliz oportunidade para que os nossos aliados se certificassem da sólida base profissional de nossos quadros.

#### D - INSTRUÇÃO DA 1ª D.I.E. DURANTE AS OPERAÇÕES

A Diretiva Geral nº 8, de 9 de novembro, chamou a atenção da tropa para uma série de aspectos da conduta no combate (patrulhas, objetivo conquistado, ligação Infantaria-Artilharia, etc.). O Comando, com êsse documento, teve mais em vista definir responsabilidades e reavivar determinados conhecimentos profissionais.

A defesa anti-aérea foi objetivo da Diretiva Geral nº 9, de 11 de dezembro, que conteve uma série de observações e recomendações, todas referentes à conduta da tropa e, ao mesmo tempo, a um reajustamento de conhecimentos sobre o assunto em aprêço. A 25 de dezembro, o Comando, pela Diretiva Geral nº 11, reiterou alguns aspectos da conduta no combate e prescreveu uma série de medidas para se conseguir maior eficiência da tropa em ação.

Tendo em vista o recompletamento dos corpos de tropa já determinado, a Diretiva Geral nº 10, de 23 de dezembro, consignou a instrução a ser ministrada às novas praças.

Uma série de recomendações para as tropas em reserva, não só quanto às condições de vida, como também em relação ao mínimo de instrução a realizar (patrulhas, jogos, etc.), foi feita pelas Diretivas Particulares nº 18 e 20, de 23 de dezembro de 1944 e 9



de janeiro de 1945.

Um curso de "Skis" foi ministrado, em cumprimento à Diretiva Particular nº 21, de 14 de janeiro, e uma nova turma de oficiais fez os Cursos de Combate e de Comando de Pelotão (Diretiva Particular nº 22, de 17.I.).

O 9º B.E. realizou, para a tropa de Infantaria, um Curso de Minas, obedecendo a nota de Instrução de 12 de fevereiro.

Uma nota de Instrução, de 24 de fevereiro, organizou exercícios de tropas de Infantaria com refletores.

A Diretiva Geral nº 11, de 1º de fevereiro, prescreveu para todas as Armas, quadros e tropa, um período intenso de instrução, "preparatório das operações ofensivas de 1945", visando, em resumo, o aperfeiçoamento da capacidade de comando em todos os escalões, o aumento da capacidade combativa dos executantes e o desenvolvimento do moral da tropa.

No P.C. da Divisão, realizou-se uma série de conferências para oficiais, girando todos os temas em torno do combate ofensivo. A primeira e a segunda foram proferidas, respectivamente, pelos Comandantes do 5º Exército e do IV Corpo e, as demais, por oficiais americanos e brasileiros.

Os oficiais de estado maior e da tropa assistiram a vários exercícios de combate ofensivo da 1ª Divisão Blindada (Carros, Infantaria e Engenharia) e a outras demonstrações (levantamento de minas, novas espoletas, transposição de cursos d'água, etc.).

Terminada a ofensiva local do IV Corpo, o Comando cuidou ainda de melhorar as condições de eficiência da tropa. Para isso, expediu a Diretiva Geral nº 13, de 23 de março, salientando a necessidade de se desenvolver a resistência física da tropa e robustecer a sua instrução referente às ações ofensivas.

Ao mesmo tempo, uma série de conferências para oficiais foi realizada, todas elas visando o combate ofensivo, e várias demonstrações de novos armamentos e de blindados foram também realizadas.



*Sum*CAMPANHA DA ITÁLIA (1944/1945)

- 1 - O TERRENO DAS OPERAÇÕES
- 2 - OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO F.E.B. (11.IX - 31.X.944)
- 3 - DEFENSIVA NO VALE DO SERCCHIO - ROCADA PARA O VALE DO RENO (31.X - 9.XI.944)
- 4 - DEFENSIVA NO VALE DO RENO (10.XI.944 - 16.II.945)
- 5 - OFENSIVA DO IV CORPO DE EXÉRCITO - (Ações preliminares da Ofensiva da Primavera) - (17.II - 9.III.945)
- 6 - DEFENSIVA TEMPORÁRIA (10.III - 8.IV.945)
- 7 - OFENSIVA DA PRIMAVERA (9.IV - 2.V.945)
- 8 - OCUPAÇÃO (3.V - 20.VI.945)
- 9 - CONCENTRAÇÃO EM FRANCOLISE



## 1 - ESTUDO DO TERRENO DAS OPERAÇÕES

Operou a Divisão Brasileira em uma porção de terreno, cujos limites em profundidade podem ser balizados pelo córte do ARNO, em seu baixo curso, e pela calha do PÓ.

Entre esses dois cursos d'água, intromete-se a cadeia dos APENINOS, de particular significação e valor indiscutível nas operações.

E por compreender e sentir a vital importância do elevado índice industrial e econômico da ITÁLIA setentrional, o comando inimigo resolveu transformar a citada cadeia em uma formidável barreira ao avanço das forças aliadas, explorando ao máximo as vantagens que essa massa orográfica poderia proporcionar às ações defensivas e de retardamento. É a grande dorsal apeninista balizada, a grosso modo, pela linha geral: M. ROMECCHIO - M. GIOVO - M. RONDINAIO - LIBRO APERTO - CORNO ALLE SCALE - PRUNETTA traceja os lindes de duas regiões bem distintas: a região dos apeninos toscanos e a região dos apeninos setentrionais.

### A - REGIÃO DOS APENINOS TOSCANOS

Ao fim da extensa planura pisana, nas visinhanças do lago de MASSACIUCCOLI, o terreno passa a crescer de altitude á medida que se afasta desse lago, por léste e nordéste.

A progressiva ascensão que se observa nesses terrenos tem o seu rítimo quebrado, quando esbarra com os maciços, elevados e abrutos, que se disseminam logo ao norte da linha STAZ ZEMA - PESAGLIA e que configuram o limiar da área montanhosa dos apeninos toscanos.

Eriçado de píncaros inacessíveis, essa área, sob o ponto de vista operativo, comporta-se completamente passiva.

Dada a peculiaridade deste trecho montanhoso, qualquer movimento importante para o norte, uma vês atingido o paralelo de PESAGLIA, terá que se processar segundo a planície costeira e os vales dos rios SÉRCHIO e dos tributários setentrionais do ARNO.

Dentre esses trechos permeáveis á penetração aliada, cum pre destacar o vale do SÉRCHIO, por ter sido um trato de terreno em que tropas brasileiras atuaram por algum tempo.



Confinando a bacia do SÉRCHIO, respectivamente por oeste e leste, os Alpes da APUÂNIA e os contrafortes destacados do conjunto MONTE CUSNO - MONTE RONDINAIO apresentam duas vertentes bem diferentes de aspectos.

Enquanto que os píncaros apuânios se mostram agudos e despidos de vegetação, as elevações dos APENINOS, no trecho em apreciação, geralmente tendem para as fôrmas arredondadas, cobrem-se de castanhais e suas encostas não se apresentam tão íngremes.

A vertente oriental do SÉRCHIO, mais conhecida pela designação de GARFAGNANA, oferece um panorama mui pitoresco e agradável.

A outra vertente, de oeste (Alpes de APUÂNIA), impressiona pela paisagem selvática, com seus vales se esgueirando através rochas talhadas a pique.

Os apertados vales dos tributários do SÉRCHIO, ao norte da linha geral MONTE PIGLIONE - BAGNI DI LUCCA, canalizam e limitam, por completo, os movimentos de tropas; qualquer progressão através das partes altas é extremamente difícil e estafante.

Finalmente, qualquer operação visando alcançar a cumeada apeninista, necessariamente será atraída pelos passos montanhosos, destacando-se os de LA CISA, RADICI, ABETONE, COLINA e FUTA.

Estes passos, por constituírem pontos de passagem obrigatória, condicionam os traçados das estradas abaixo:

- Estrada nº 62: MASSA - PASSO DE LA CISA - FÓRNOVO DI TARO - PARMA.
- Estrada s/número: BORGIO a MOZZANO - CASTELNUOVO DI GARFAGNANO - PASSO DI RADICI - MÓDENA;
- Estrada nº 12: LUCCA - PASSO DE ABETONE - MÓDENA - VERONA;
- Estrada nº 64: PISTÓIA - PASSO DE COLINA - VERGATO - BOLONHA; e
- Estrada nº 65: FLORENÇA - PASSO DE FUTA - BOLONHA.

#### B - REGIÃO DOS APENINOS SETENTRIONAIS

O modelado, na vertente em apreciação, assegura realmente uma paisagem característica, principalmente nas bacias do PANARO e RENO.

Os contrafortes vários, que se estendem na direção geral de S.S.W. para N.N.L., oferecem declives geralmente unifor-



mes e exibem dorsos arredondados, sómente aquí e ali interrompidos pelo afloramento de estratos mais compactos ou crateras dos desmoronamentos.

A vestimenta das suas elevações distingue-se por uma flora marcadamente raquítica, mormente na faixa compreendida entre a cumeada apeninista e a linha geral PAVULLO NELL FRIGNANO - ZOC CA - M. VIGNOLA - MARZABOTTO, constituindo exceção alguns trechos em que bosques vasqueiros e castanhais esparsos modificam a paisagem local.

Esboçado um panorama rápido da região, cabe-nos agora fazer uma apreciação do terreno em que atuou a Divisão Brasileira, quando no vale do RENO e por ocasião da Ofensiva da Primavera.

#### a - Setor brasileiro no vale do RENO

Devido ás condições de relevo e ás instabilidades dos terrenos, os traçados das penetrantes rodoviárias, de algum valor, ajustam-se aos vales, e os movimentos, por essa razão, ficam subordinados á posse das alturas que, comandando os vales, impedem a utilização dessas estradas.

Revelaram-se tirânicos os fatores acima, mormente na faixa de terreno situada entre o curso do RENO, no trecho PORRETA TERME - VERGATO, e o arco montanhoso de M. BELVEDERE - M. DELLA TOR RACCIA - M. DELLA VEDETTA, exatamente onde se localizara a Divisão Brasileira no inverno de 1945/46 e por ocasião da chamada Ofensiva do IV Corpo de Exército.

O mencionado arco, divisor das bacias do PANARO e RENO, exerce absoluto comandamento sôbre a estrada nº 64 (PISTÓIA - VERGATO - BOLONHA), desde PORRETA TERME até às imediações de SIL LA, dada a conformação estreita do vale do RENO e a circunstância da citada rodovia ter sido locada ao longo desse talweg.

Prolongando a profundidade de domínio sôbre essa rodovia, o maciço M. DELA CROCE - TORRE DE NERONE - CASTELNUOVO, que se interpõe entre os vales do MARANO e ANEVA (tributários ocidentais do RENO), domina direta e francamente o vale do RENO, de tal forma que o trecho MARANO - MALPASSO fica ao alcance eficiente de morteiros e armas automáticas nele localizados.

O espigão de SOPRASASSO, ramificação do maciço supra, de difícil acesso a tropas de infantaria, projetando-se ameaçadoramente sôbre a localidade de RIOLA, espia por completo as zonas



de MARANO - VOLPARA - ÁFRICO, e, convenientemente utilizado, seria capaz de deter esforços bem importantes ao longo da estrada nº 64 (PISTÓIA - VERGATO - BOLONHA.)

Ademais, as estradas que de GAGGIO MONTANO procuram tornar pelo norte e pelo sul o conjunto BELVEDERE - GORGOLESCO - TORRACCIA ficam ao alcance de armas automáticas nêle instaladas, e os caminhamentos que de MARANO se dirigem para MONTESE e CASTEL D'AIANO são inteiramente dominados pelo M. DELLA CROCE, nó orográfico do arco BELVEDERE - TORRACCIA, de onde se desprende o maciço de TORRE DE NERONE - CASTELNUOVO.

Como corolário inevitável surgiu o imperativo da conquista do maciço BELVEDERE - GORGOLESCO - TORRACCIA, e, depois, a da crista de CASTELNUOVO, com a eliminação do SOPRASASSO por desbordamento ou envolvimento, tudo visando assegurar o tráfego aliado na estrada nº 64, rumo a BOLONHA.

O maciço supra, face a sudeste, no trecho BELVEDERE - GORGOLESCO apresenta-se mui escarpado: entretanto, de CAPPELLA DI RONCHIDOS até às ramificações meridionais de LA TORRACCIA, parecia possuir encostas menos íngremes.

Neste último trecho, destacava-se pelo seu valor e situação, o MONTE CASTELLO, garupão meridional do maciço DELLA TORRACCIA.

De encostas traiçoiamente mais brandas, MONTE CASTELLO comporta-se como baluarte de valor no conjunto BELVEDERE - TORRACCIA, em virtude dos excelentes flanqueamentos recíprocos que faculta.

Deante do exposto, cumpre ainda assinalar o papel de MONTE CASTELLO, em face do valor vital do conjunto BELVEDERE - TORRACCIA e da situação especial de M. DELLA CROCE.

Realmente, a conquista de MONTE CASTELLO, precedida da do conjunto BELVEDERE - GORGOLESCO - MAZZANCANA, reforçaria de muito a ação principal sôbre TORRACCIA, com o desbordamento deste último maciço na direção de BELLA VISTA - LA SERRA.

Finalmente, as conquistas de MONTE CASTELLO e CASTELNUOVO, com a eliminação do SOPRASASSO, asseguraram uma bôa base de partida para a Ofensiva da Primavera.

#### b - Zona de ação brasileira na Ofensiva da Primavera

Às vésperas do início da grande ofensiva a linha brasileira é balizada pela linha geral CAPPELLA DI RONCHIDOS - MONTEFORTE - SASSOMOLARE - M. NUVOLETTI.



A nova zona de ação em que iria atuar a Divisão Brasileira situava-se, de um modo geral, na porção levantina da bacia panareza, servindo o próprio leito do PANARO como seu limite oeste.

Fáce às posições brasileiras, destacava-se pela sua importância e se sobressaia pela sua significação particular para as operações, o maciço de MONTESE.

Este maciço, em cuja encosta sudoeste está encravada a localidade de MONTESE, é a grande massa, que, desprendendo-se do conjunto orográfico do RONDINAIO, interpõe-se entre os vales do S. MARTINO e RIVELLA, qual uma protuberância destinada a barrar uma progressão sobre o leito do PANARO e procedente de CAMPO DEL SOLE - SASSOMOLARE.

Sobressaiam-se, nesse maciço, as regiões de cota 927 e MONTELLO, por serem áreas excelentes que devassavam o interior das posições da 10ª Divisão de Montanha, então operando à direita (leste) da 1ª D.I.E.

A prevalecer, unicamente, as imposições do terreno, repon-tava a necessidade de um desbordamento da vila de MONTESE, segundo o divisor dos rios S. MARTINO e RIVELLA, e a conquista do triângulo de alturas, definido por MONTESE - cota 888 - MONTELLO, parecia figurar como um marco de situação, porque o atacante dêle se assenhoreando, ficaria com efetivo domínio sobre o córte do rio PANARO.

As ações de limpeza, após a conquista do maciço de MONTESE, processaram-se inicialmente, até a linha PAVULLO NELL FRIGNANO - ZOCCA - M. ALBANELLO, exatamente a faixa caracterizada por uma disposição caótica de elevações sensivelmente arredondadas e onde os vales são mui cavados pela vasta rapina das águas.

O movimento ofensivo realizou-se segundo a estrada que passava por SASSOMOLARE - CASTEL D'AIANO - ZOCCA - GUIGLIA - VIGNOLA, cujo traçado acompanhava, em geral, o divisor oriental da bacia panareza. Essa estrada, de leito de terra batida e circulação dupla, oferecia numerosos pontos sensíveis, capazes de proporcionar boas vantagens às destruições e obstruções.

Nessa faixa, sobressaía-se, pela sua situação de demorar nas cercanias de um importante colo e circunstância de ser um bom centro rodoviário, a localidade de ZOCCA. Era um objetivo de particular importância para as operações a cargo das tropas brasileiras.



Transposta a linha de M. DELLA NIVA - ZOCCA - M. ALBANELLA, o terreno apresentava-se sob a forma montuosa, tendendo para as colinas, e a rêde viatória já aparecia mais rica.

E dada a presença de maior revestimento, os terrenos já não se apresentavam tão desmoronáveis e tão propícios às destruições.

E assim se chegava a área de VIGNOLA, a encruzilhada operativa da Divisão.

A partir de VIGNOLA, a Divisão Brasileira passou a atuar no rumo de noroeste e o seu eixo de marcha ajustou-se à fímbria colinosa que demarca as extremas do taboleiro emílio-piemontês, separando-o dos contrafortes apeninistas.

De VIGNOLA, o eixo se dirigia para SASSUOLO, prosseguia para MONTECCHIO - EMÍLIA e alcançava as márgens do rio TARO na localidade de COLECCHIO. Prosseguia depois por PIACENZA e ALESSANDRIA, atingindo finalmente a importante cidade de TURIM.

O novo eixo de marcha da 1ª D.I.E., paralelo à VIA EMÍLIA (BOLONHA - MÓDENA - PIACENZA), até o corte do TARO, e depois coincidente à estrada nº 10 (PIACENZA - ALESSANDRIA - TURIM), varava os vales do SÉCCHIA, CRÓSTOLO, ENZA, PARMA, TARO, ARDA, NURE e TRÉBBIA e cortava as importantes estradas: nº 12 (LUCCA - MÓDENA - VERONA), nº 62 (MASSA - FÓRNOVO - PARMA), nº 63 (CARRARA - RÉGGIO NELL EMÍLIA - MANTUA), nº 45 (GÊNOVA - BOBBIO - PIACENZA).

As pontes sôbre os rios já mencionados estavam destruídas.

Um rápido adoçamento das márgens foi o suficiente para que os transportes de tropa e material prosseguissem para noroeste, com relativa rapidez.

As estradas, formando uma intrincada trama viatória, percorrem, em geral um terreno pouco movimentado, com a evidente tendência do plano.

A planura ora descrita, na zona rural, comporta-se como um belo e cuidadoso e variado pomar.

Apresenta um bom índice de riqueza, mesmo industrial. A parte baixa desse taboleiro, já nas proximidades do leito do PÓ, possui os caracteres de planície aluvional dos grandes rios de pequena extensão. O declive quasi insensível do solo e a grande quantidade de limos que os rios e torrentes conduzem nos períodos das enchentes, tornam tortuoso e incerto o curso das águas e frequentes as inundações.



Um rápido estudo dessa planície permite focalizar <sup>três</sup> pontos interessantes e de real importância para as operações:

- a existência de boas cidades, tais como BOLONHA, PARMA, MÓDENA, PIACENZA, ALESSANDRIA e TURIM, polarizando todas as atrações, sejam marítimas provenientes de LA SPEZZIA, GÊNOVA, RÍMINI, COMÁCCHIO, sejam as procedentes da região toscana;
- a existência da VIA EMÍLIA (estrada nº 9), a grande via histórica e econômica que liga o mais adiantado centro industrial da ITÁLIA - MILÃO - ao porto adriático de RÍMINI; e
- a presença de passágens sôbre a calha do PÓ em TURIM, CASALE, VALENZA, PIACENZA, S. BENEDETTO e CREMONA, possibilitando o carreamento de meios importantes para os grandes centros localizados ao norte do mencionado curso d'agua.



2 - OPERACÕES DO DESTACAMENTO F.E.B. (11.IX - 31.X.9/44)

A - ORGANIZAÇÃO

Como dissemos anteriormente, concluído o Período Final de Instrução do Escalão Avançado da 1ª D.I.E., foi organizado o Destacamento F.E.B. que, sob o Comando do General EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA, seria empregado nas operações em curso ao Norte do rio ARNO.

Desde o dia 6 de setembro, a 1ª Companhia de Engenharia, do 9º B.E., estava à disposição do IV Corpo de Exército, conforme ordem do Comandante do 5º Exército e trabalhava ativamente numa das passagens do ARNO. Foi, assim, a primeira tropa brasileira a receber missão de guerra no Teatro de Operações da Itália.

Depois de organizado o Destacamento F.E.B., passou aquela companhia a integrar o seu efetivo e com êle operar.

Composição do Destacamento F.E.B.: -

Manifestado pelo Comandante do 5º Exército, General MARK CLARK, a intenção de empregar um contingente de tropas brasileiras no mais curto prazo, foi o Comandante da 1ª D.I.E. convidado a comparecer no dia 9 de setembro ao Q.G. do IV Corpo, em cujo âmbito teria de atuar aquele contingente, para entender-se com o seu respectivo Comandante, General WILLYS D. CRITTENBERGER, sendo então nessa ocasião assentadas as condições de execução. O Q.G. do IV Corpo estava instalado em PIANORE (8 Kms. ao S. de ALTOPASCIO).

A organização da tropa brasileira para o combate era uma questão delicada que exigia uma solução serena e despida de qualquer aspeto pessoal. Atendendo à responsabilidade de que se revestia particularmente o problema do Comando, entendeu o Comandante da 1ª D.I.E. de afetar sua solução ao Comandante do 5º Exército, propondo-lhe duas modalidades: -

1º) - Emprego da tropa com a composição de "Combat Team":

- 6º Regimento de Infantaria
- II/1º Regimento de Obuzes Auto Rebocado
- 1ª Companhia de Engenharia, do 9º B.E.
- Companhia de Evacuação, do 1º B.S.

O Comando, dentro da organização normal norte-americana, caberia ao Comandante do 6º R.I.. Êsse "Combat Team" (Grupamento Tático), seria empregado no âmbito de uma só Divisão Americana.



2º) - Emprêgo da tropa, diretamente subordinada ao IV Corpo de Exército, compreendendo, então, os elementos acima citados, reforçados ainda por:

- Uma Companhia de Manutenção
- Um Pelotão de Reconhecimento
- Um Pelotão de Transmissões
- Um Pelotão de Intendência
- Um Pelotão de Polícia
- Um Pelotão de Sepultamento.

Neste caso, o Comando do Destacamento caberia ao General EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA, competindo ao Comandante da 1ª D.I.E., enquanto não chegasse o restante de sua Divisão, a supervisão de todas as atividades da tropa brasileira, sob cujo contrôle deve ser feito obrigatoriamente o emprêgo, por delegação do Exmº Snr. Ministro da Guerra.

A consulta feita ao Comandante do 5º Exército produziu seus efeitos e a ordem expedida teve o seguinte teor: -

"O Destacamento F.E.B., sob o Comando do Gen. ZENÓBIO, ficará adido e subordinado ao IV Corpo de Exército. Isto entrará em vigor em 13000 LB de setembro. Instruções continuam de acôrdo com o plano normal. O Q.G. da Divisão ficará subordinado ao Exército; deslocar-se-à ao mesmo tempo que o R.C.T. (Destacamento F.E.B.) e manterá a supervisão da administração e a assistência peculiar à F.E.B."

A 1ª Cia. do 9º B.E. reverterá ao contrôle do Comando correspondente desde a chegada da F.E.B. à zona do IV Corpo.

Ficou, assim, resolvida a questão do emprêgo da tropa brasileira, absorvendo todos os elementos disponíveis do Escalão Avançado da 1ª D.I.E.

Tratava-se, evidentemente, de acionar meios mais complexos do que o simples Grupamento Tático (Combat Team) Americano, desde que lhe atribuíram elementos divisionários excepcionais. Passavam à sua responsabilidade os problemas de remunciação, de reabastecimento, de evacuações, de manutenção, etc.

O Estado Maior da ID/1E já não tinha possibilidade de enfrentar todos êsses assuntos com o efetivo que trouxera do Brasil; foi necessário reforçá-lo fortemente. Foram-lhe atribuídos mais:

- 2 Majores, com o curso de E.M.
- 2 Capitães e 1 Tenente do Q.G. da 1ª D.I.E.



- 1 Chefe do S.S. do Destacamento
- 1 Chefe do S.I.
- 1 Chefe de Polícia
- Alguns graduados e praças.

*Luci*

Em consequência, o Comando da 1ª D.I.E. expediu a Diretiva Geral nº 6, de 11 de setembro, na qual se encontra, em resumo:

- organização do Destacamento F.E.B., sob o Comando do General ZENÓBIO, a partir das 18.00 (dezoito) horas do mesmo dia;
- que esse elemento ficasse diretamente subordinado ao comando do IV Corpo, salvo sob aspecto disciplinar, no que tem dependência do comando brasileiro;
- que, na ocasião da chegada dos demais elementos da 1ª D.I.E., será recuperado para a integração da Grande Unidade expedicionária brasileira.

Foram adidas, ainda, para as operações do Destacamento os seguintes elementos pertencentes ao Exército Norte-Americano:

- Cia. C, do 701 Batalhão de Tanks Destroyers
- Cia. C, do 751 Batalhão de Tanks Médios
- Um Pelotão de Transmissões.

#### Comando da 1ª D.I.E.

O General Comandante da 1ª D.I.E., juntamente com o seu Q.G. e o Depósito de Pessoal, organizado como já foi dito anteriormente, permaneceu em VADA e, mais tarde, a 16 de setembro, transferiu-se para S. ROSSORE, nas vizinhanças de PIZA, para cumprir a missão que lhe foi atribuída pelo 5º Exército - a supervisão e assistência técnica das atividades empreendidas pelo Destacamento F.E.B..

E, quando as operações do Destacamento F.E.B. se tornaram mais intensas, foi lançado um P.C. Avançado para GINORI, quase justaposto ao P.C. do Destacamento em QUIESA, onde estacionaram alguns elementos do E.M. da D.I.. A 18 de outubro, o Q.G. Avançado da Divisão acantonou em QUIESA e a 28 em PONTE A MORIANO.

O Depósito de Pessoal, organizado em VADA, com elementos do 11º R.I., constituiu-se no nosso primeiro núcleo de recombate e destinava-se:

- a receber, por transferência, todos os baixados do Destacamento F.E.B.;



- a fornecer, devidamente fardados e em boa forma física, os homens necessários para manter estável o nível do Grupamento.

Essa dupla missão obrigava o Depósito:

- manter "em forma" um efetivo razoável para atender, a qualquer momento, uma requisição de homens;
- manter um serviço de coleta de doentes e convalescentes, dos hospitais, para recuperá-los e logo transferí-los para a categoria anterior.

B - ENTRADA EM LINHA:

Com a finalidade de ambientação tática e a título de informação, preliminarmente foi enviada pelo IV Corpo de Exército a Ordem Geral de Operações (O.G.O.) nº 11, de 5.IX.944, que precisava a missão e continha outros pormenores interessantes às operações.

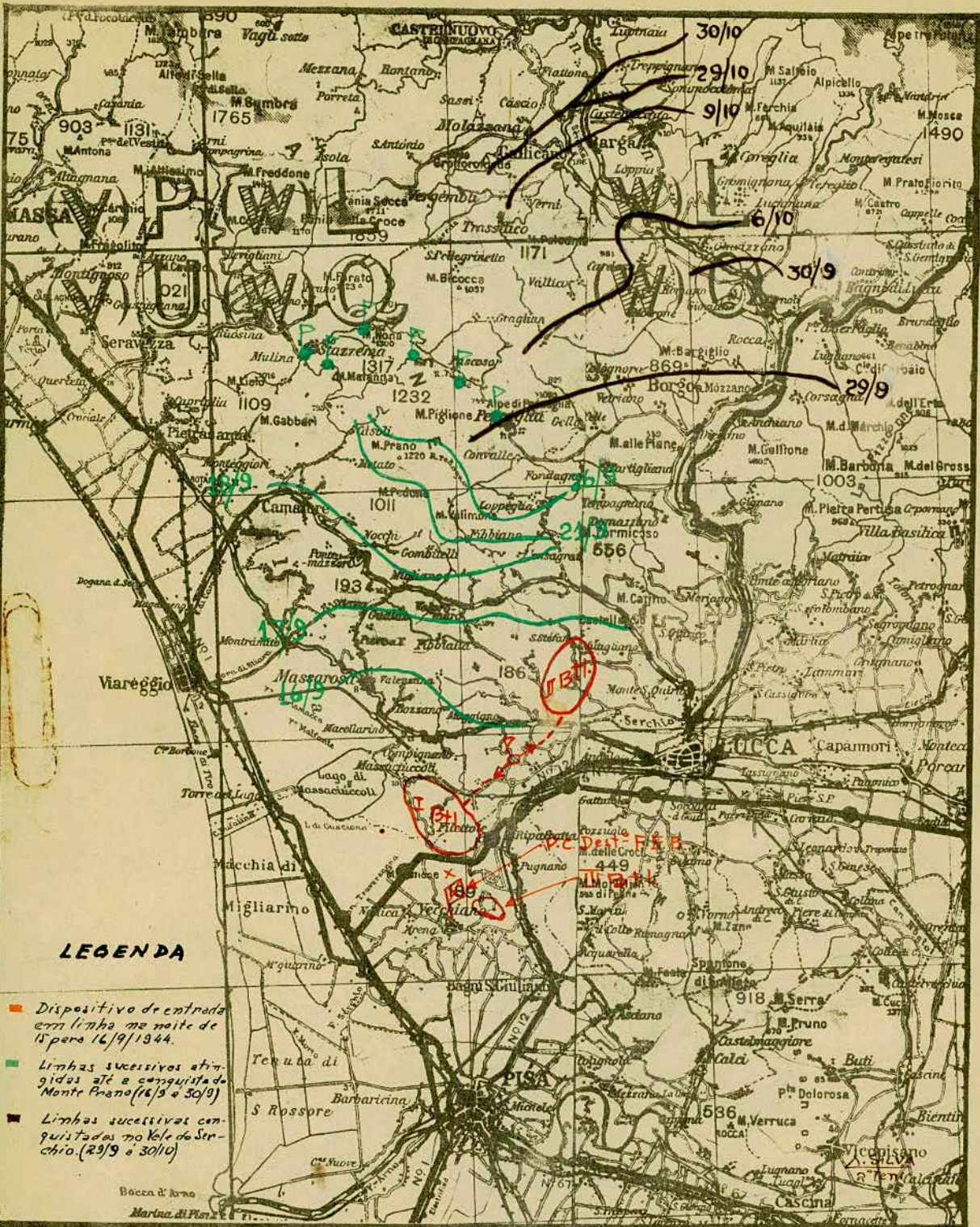
Em Ordem Particular de 11, o IV Corpo deu a primeira missão de guerra do Destacamento F.E.B. "deslocar o 6º C.T.B.E.F. (Combat Team Brazilian Expeditionary Force) a 13 para uma zona de reunião ao S. de PIZA". A 12, foi expedida a Ordem de Movimento nº 1 e, em consequência, efetuado o deslocamento para a região de OSPEDALETTO, a S.E. da cidade de PIZA, cêrca de 50 quilômetros distante de VADA, onde estacionava a tropa. Conforme relato anterior, a 13 estava concluído o movimento e, na mesma noite, chegou a O.G.O. nº 12 do IV Corpo, datada do dia anterior, que precrevia as seguintes missões:

- 1º - Substituir os elementos do II Btl./370º R.I. às 19 (dezenove) horas de 15 (quinze) de setembro.
- 2º - Substituir o 434 A.A.A. Bn. às 19 (dezenove) horas de 15 (quinze) de setembro.
- 3º - Manter contato com o inimigo e sondar-lhe o dispositivo por meio de vigorosa ação de patrulhas.
- 4º - Caso o inimigo se retire, perseguí-lo mediante ordem do Q.G. do IV Corpo.
- 5º - Manter contato com a 1ª Divisão Blindada (que opera a L.)".

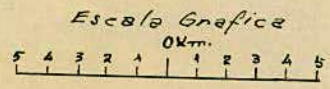
No dia imediato, 14, foram feitos os necessários reconhecimentos, de acôrdo com a respectiva Ordem, e, a 15, o Destacamento deslocou-se de OSPEDALETTO para a região de VECCHIANO, onde se articulou, substituindo à noite os elementos americanos em posi-



# OPERAÇÕES do Destacamento de F.E.B. (de 15/9 a 31/10)



ESCALA APX. 1: 250 000





ção, tudo de conformidade com a O.G.O. nº 1, daquela data, que regula:

- Na 1ª Parte - o movimento OSPEDALETTO-VECCHIANO.
- Na 2ª Parte - a articulação em fim de movimento.
- Na 3ª Parte - a substituição.

C - PRIMEIRA FASE DAS OPERAÇÕES - CONQUISTA DE MONTE PRANO -  
(16 - 26.IX.944)

Substituíramos uma tropa disposta em larguíssima frente e com contatos esporádicos e profundos de patrulhas. Grande brecha existia no nosso dispositivo, tendo o Cmt. do Dest. proposto verbalmente ao IV Corpo para retificá-lo, colocando mais um Btl. em linha e, em seguida, prosseguir rumo ao N., afim de buscar um contato com inimigo.

O Corpo de Exército, que já pusera à disposição do Destacamento 1 Cia. de Tanks Médios (Cia. C), 2 Cias. de Tanks Destroyers (Cias. A e C) e o reforço de fogos de Artilharia do 71 H.AA. (Ordem Particular nº 13, de 13), prescreveu, então, em sua O.G.O. nº 54, de 16, como missão, o seguinte:

- "1 - Ocupar MASSAROSA, Cota 467, Cota 354 e continuar a progressão na zona de ação.
- 2 - Intensificar o patrulhamento na zona de ação".

Vejamos as reações do inimigo.

Ao entrar em linha, o inimigo procurava retardar nossos elementos em contato no seu flanco direito.

Patrulhas de reduzido efetivo (5 a 6 homens) ou pequenos grupos, agiam à noite, na linha geral CAMPIGNANO - Norte do Lago MASSACINCOLI-VIAREGGIO. Pouca ação da Artilharia.

A situação do inimigo e suas possibilidades eram assim avaliadas:

- Não está em condições de oferecer séria resistência na linha MASSAROSA-CHIATTRI-STEBIANO-ST. STEFANO.
- Parece que a linha QUIESA-MAGGIANO-S.MACARIO IN LIANO, está desocupada.

Em consequência e de acôrdo com a O.G.O. nº 2, de 16, todo o Destacamento progrediu, no mesmo dia, rumo ao N., em busca de contato com o inimigo, retificando, em fim de jornada, o seu dispositivo, com a entrada em linha de mais 1 Btl. e conquistando as



alturas MONTE COMUNALE - ILMONTE. MASSAROSA foi, também, ocupada, por uma Cia. reforçada e transportada em caminhões. No dia 17, não se tendo obtido informações sobre qualquer resistência organizada inimiga, o Destacamento, precedido por fortes elementos moto-mecanizados, continuou a progressão para o N., apossando-se dos maciços de GHILARDONA, IL VECOLI e C.S. LUCIA, tudo conforme a O.G.O. nº 3 e Parte de Instalação. O Pelotão de Reconhecimento alcançou STIAVA.

O inimigo limitou suas manifestações a tiros de Artilharia sobre as regiões de QUIESA e MASSAROSA.

Impunha-se, então, uma tomada rápida de contato com os primeiros elementos da denominada Linha Gótica à altura do paralelo 90, balisada pelo M. PRANO, M. VALIMONO, M. ACUTO e M. PRUNO.

A 18, o Destacamento F.E.B., por meio de um grupamento especial, com base moto-mecanizada, num golpe de ousadia, ocupou e manteve a cidade de CAMAIORE, que foi transformada em um ponto forte, tudo de acordo com a O.G.O. nº 4 do dia anterior. Simultaneamente, cumprindo a O.G.O. nº 5, o Destacamento lançou-se para o N. e em toda a frente, afim de apossar-se da linha Cotas 297 (MESCHINO), 304, 319 (CASTELLO), 431, 472, 356 (MIRIGILANO), 404, C. DI COLLICELO, MONSAGRATI e entroncamento de CUCO, linha essa que domina a importante estrada transversal LA RENA-PATTORIA, o que só foi conseguido no flanco direito a 19, com o ataque de um Btl.. Sofremos, então, as primeiras baixas de combate em solo italiano.

Ainda a 19, de acordo com a Ordem Particular nº 55, do IV Corpo, foram modificados os limites da nossa zona de ação.

No dia 20, estávamos face aos P.A. da Linha Gótica, balisados pelas alturas M. PRANO - (Cota 1.220) - M. VALIMONO - M. ACUTO - M. PRUNO - Cota 540 e com o contato cerrado.

Capturamos os primeiros prisioneiros, 4 desertores da 7ª/25º Regimento, da 42ª D.I. Alemã.

O ataque às linhas alemãs foi decidido para 21, conforme a O.G.O. nº 5, com a seguinte ideia de manobra:

- 1ª fase - Tomar M. PRANO, por envolvimento, cobrindo-se à esquerda e fixando na direita o inimigo em contato.
- 2ª fase - Conquistar a linha M. VALIMONO - M. ACUTO - Cota 540.
- 3ª fase - Conforme informações, retificar a linha na altura de M. PRANO.



M. PRANO era a chave do sistema defensivo inimigo. As operações tiveram início a 21 e findaram a 26 e os pormenores constam dos B.I. de nº 1 a 6 e dos calcos das Situações Diárias, do Destacamento F.E.B.

A 23, a Artilharia foi reajustada e a 24 a Cia.A/701 Btl. de Tanks Destroyers desligada do Destacamento.

O Pelotão de Reconhecimento, a 26, foi lançado na direção de STAZZEMA para retomar contato, que o inimigo batido havia rompido retraindo-se para suas posições na montanha, mais ao N.. Entretanto, o Pelotão não conseguiu ultrapassar PIETRASANTA, devido ao fortíssimo bombardeio de Artilharia sobre a localidade e ao insucesso dos ataques ingleses desse dia sobre MASSA.

Nossas patrulhas atingiram, na mesma tarde, sem nenhum contato os pontos IL COLETO - FORIELCOETTI e PALAGNONI.

Uma forte patrulha, após dois dias de audaz e difícil marcha, galgando montanhas, surpreendendo os defensores da posição, ocupou, a 26, MONTE PRANO, principal observatório do inimigo no setor da praia.

A conquista de MONTE PRANO constituiu uma bela vitória alcançada, principalmente pela manobra, e que teve grande repercursão para as armas brasileiras. A refrega custara-nos, apenas 5 mortos e 17 feridos, tendo sido capturados 31 prisioneiros.

Os arquivos existentes no 6º R.I. poderão esclarecer as minúcias da operação nos escalões Btl. e Cia..

Na noite de 25/26, o inimigo, que já ficara com parte do dispositivo comprometido, rompe o contato, entregando-nos as posições de M. VALIMONO e M. ACUTO, em alguns pontos fortemente organizados. Era o resto da frente que caía pela manobra. As reais dificuldades que o terreno oferece, erizado de píncaros e de vales profundos, nos impediram de manter o contato.

No fim desta fase, as possibilidades do inimigo assim se apresentavam para nós:

"Parece estar se retirando para o Norte, seja para ocupar suas posições na Linha Gótica, seja para outra posição mais ao Norte, ou ainda para o vale do PÓ.

Ter possibilidades de perturbar nosso avanço mediante a ação de pequenos grupos e com fogos de Artilharia e Morteiros até o contato da Linha Gótica".

O Destacamento F.E.B., em dez dias, progrediu cerca de 18 quilômetros, em tomada de contato e ataques, numa frente aproximada de 10 quilômetros.



D - SEGUNDA FASE DAS OPERAÇÕES - ATAQUE À LINHA GÓTICA  
(27.IX - 31.X.944) - REINÍCIO DA PROGRESSÃO *WMC*

A jornada de 27 foi tóda empregada em ações de patrulha que, exaustivamente, procuraram o adversário, sem o encontrar, conforme determinava a O.G.O. nº 7, do mesmo dia. Estávamos já no interior dos contrafortes S. dos Apeninos. À noite, a zona de ação do Destacamento foi aumentada e deslocada para Leste até o Rio SERCCHIO, inclusive, o que forçou a um reajustamento no dispositivo e a expedição da O.G.O. nº 8.

O III/6º R.I. substituiu o III/370º R.I. americano, mediante ordens verbais do IV Corpo.

Nossas patrulhas, entre 08.00 (oito) e 24.00 (vinte e quatro) horas, vasculharam, sem lograr contato, os itinerários POMEZZANO - STAZZEMA - PROCINTA - POLOGRAMA - MONTE PIGLIONA. Grupos de "Partigiani" haviam dado combate a alemães nas regiões de FORNOVOLASCO e PETROCIANA.

Havia impressão, nesse dia, de que o inimigo tinha possibilidade de oferecer resistência na linha MONTE CORCHIA - PANIA DELLA CROCE - PANIA SECCA - VERGENOLI.

E - ROCADA PARA O VALE DO SERCCHIO

Pela O.G.O. nº 12, de 28, do IV Corpo, o Destacamento recebeu a missão de:

"1 - Na nova zona de ação (conforme o calco), progredir na direção de CASTELNUOVO DI GARFAGNANA, conduzindo o esforço ao longo do vale do SERCCHIO.

2 - Ligar-se com a T.F. (Task Force) 92".

Esta missão perdurou durante tóda a 2ª fase de operações.

O III/6º R.I., como dissemos, substituiu o III/370º R.I., que, com a modificação de limite, ficaria em nossa zona de ação; o I/6º R.I. seria deslocado para o eixo de esforço e a zona do II/6º R.I. ampliada, efetuando a cobertura das ações que se processavam no vale do SERCCHIO. O II/1º R.O.Au.R. prepararia novas posições em VAL D'OTTAVA.

A impressão era de que o inimigo estava em condições de retardar nosso avanço para o Norte, mediante a ação de pequenos grupos, de destruições maciças e de fogos de artilharia, particularmente, no eixo BORGO A MAZZANO - GALICANO.



Em consequência, a 29, de acôrdo com a O.G.O. nº 9, o Destacamento atingia, com seus elementos avançados, a linha STAZZEMA - FORNOLI, tendo, durante a progressão, se apossado das cidades de PESCAGLIA e BORGO A MOZZANO.

F - RETOMADA DE CONTATO FACE A CAMPANI E OSTERIA *lml*

A 30, foi retomado o contato com o inimigo face às localidades de CAMPANI e OSTERIA, no vale do SERCCHIO. PRUMACI já estava abandonada e as possibilidades do inimigo pareciam sem alteração.

Nos dias 1 e 2 de outubro foi feita a roçada do grosso para o vale do SERCCHIO, sub chuvas torrenciais, que tornaram mais precárias ainda as variantes construídas e retardaram o movimento.

A O.G.O. nº 10, de 3, baseada sobretudo nas informações aéreas de que o inimigo parecia só poder oferecer séria resistência organizada na linha PANIA DELLA CROCE - PANIA SECCA - VERGEMOLI - COLOMINE - FAETO - GALICANO - BARGA BEBBIO, regulou o movimento que deveria processar-se, cujo início ficaria subordinado ao restabelecimento das estradas.

Era intenção do Comando do Destacamento:

"Numa 1ª fase, orientar o Destacamento na direção de CASTELNUOVO DI GARFAGNANA e para isso:

- 1º tempo - avançar com o flanco direito até dominar a transversal FABRICHE - CORREGLIA ANTELMINELLI.  
(01)
- 2º tempo - progredir em toda a frente até 02, afim de facilitar os reabastecimentos dos elementos das montanhas pela transversal FABRICHE - CORREGLIA - ANTELMINELLI.
- 3º tempo - continuar a progressão até a linha 03, ficando face à linha de alturas que cobre CASTELNUOVO.

Numa 2ª fase, a ser regulada posteriormente, conquistar CASTELNUOVO pela manobra".

A partida das Unidades para os objetivos seriam feitas por ordem do Comando.

a - Conquista de CHIVIZZANO, BOLOGNANA, CORREGLIA, ANTELMINELLI e FORNACCI

O inimigo rompe o contato em FORNOLI e efetua novas destruições no eixo LUCCA-CASTELNUOVO. Restabelecidas as comunica-



100

ções, a 5 de outubro, de acôrdo com a O.G.O. nº 11, o Destacamento progride rapidamente no Vale do SERCCHIO, cobrindo-se com fracos elementos nas montanhas, e no mesmo dia, com uma progressão difícil de cêrca de 6 quilômetros, apodera-se dos povoados de CHIVIZZANO e BOLOGNANA. Ainda nessa jornada, conforme a Ordem Particular nº 62, do IV Corpo, os nossos limites com a T.F. 92, foram mais uma vez modificados.

A 6, eram conquistadas as localidades de CORREGLIA ANTELMINELLI e FORNACCI, esta com a importante Fábrica de Munições de CATAROZZO, que estava sendo utilizada pelos alemães até poucos dias atrás, e que não puderam destruir. O contato foi retomado.

Na madrugada, uma patrulha inimiga aproximou-se de FORNACCI e recebida por fogos, retrocedeu, deixando 4 mortos e 1 ferido. A ação da artilharia adversa aumentava a cada hora.

Nossas patrulhas entraram em GALLICANO, FABRICHE e CARDOSO a 7, sem encontrar o inimigo.

Dia 8, foi precisado o contato, reconhecida a posição defensiva e prosseguiram os trabalhos de restabelecimento das comunicações, não continuando o movimento porque a Ordem do Cmt. do IV Corpo determinava a manutenção das linhas atingidas, subordinando qualquer progressão à ordem superior.

Ao mesmo tempo, prescrevia a ordem que o II/1º R.O.Au.R. (menos uma Bia.) passasse ao contrôle da Artilharia do Corpo e que o nosso Btl. reserva ficasse à sua disposição na região de CAMAIORE.

Os pequenos efetivos atribuídos ao IV Corpo, justificavam essas decisões, uma vez que estava empenhado na solução favorável de certas ações ofensivas no litoral (T.F.92) e para as quais previa a eventualidade de um refôrço.

b - Conquista de BARGA e GALLICANO - Manutenção do Contato

Ativa ação de patrulhas teve, então início, afim de precisar o contato e, assim, a 9, elementos nossos alcançaram, sem dificuldades, a cidade de BARGA e a região S. de GALLICANO, tendo nesta última recebido intenso fogo de metralhadora e morteiro.

No dia seguinte, patrulhas lançadas para FOCE DI CELLO, CASTELVECCHIO e MORROVANO não fizeram contato, mas as de TREPIGNANA, SONNOCOLONIA e MTE.RENAIO regressaram sem alcançar esses pontos devido à ação dos morteiros e metralhadoras inimigas.

Determinadas regiões eram, continuamente, batidas pela Artilharia, inclusive do calibre 280 m/m.



Parecia que o inimigo oporia resistência a uma nossa progressão nas elevações que dominam a estrada de GALLICANO - CASTELNUOVO, particularmente em MONTE FAETO, MOLAZZANA, CAMPANI, LAMA e FASCINDORA, considerada esta última como sua defesa avançada, mantida por Infantaria apoiada com Artilharia.

Obtida permissão do Corpo para prosseguir no avanço, a 10 foi determinado o lance pela O.G.O. nº 13 e, a 11, a operação realizou-se com êxito, sendo conquistadas as cidades de BARGA e a localidade de GALLICANO e dominada a estrada que as une.

c - Manutenção das posições e atividade dos reconhecimentos

Na jornada de 12 um ativo patrulhamento, procurou colher informações e, no dia seguinte, progredimos cerca de 1 Km.,5 a L. do SERCCHIO, numa frente de 5 Kms., afim de cerrar o contato.

A 14, retornaram ao Destacamento o I/6º R.I. e o restante do II/1º R.O.Au.R. e uma ativa ação de patrulha permitiu contato cerrado.

De 15 a 17 foram feitos reconhecimentos de posições inimigas, sendo reveladas as de M. S. QUIRICO, LAMA DI SOTTO e outras. As unidades recuperadas fizeram seus deslocamentos sob más condições do tempo e das estradas. A Engenharia trabalhou intensamente na reparação de rodovias e concluiu o lançamento de uma ponte na região NO. de CASTELLACIO, facilitando-nos extraordinariamente os movimentos na margem O. de SERCCHIO.

Em Ordem Particular de 18, o IV Corpo determinou a manutenção das posições e considerou o I/6º R.I., novamente, como sua reserva.

O inimigo intensifica seus reconhecimentos e a ação de sua artilharia.

Patrulhas nossas para CASSIO e MOLAZZANA não chegaram a destino e, outras, em meio de missão, retraíram-se em contato com o inimigo.

Como conclusão, nesse dia, estabeleceu-se que:

- o inimigo está em condições de resistir na linha SASSI - MOLAZZANA - CAMPIO - FIATTONE - LAMA DI SOTTO;
- tem possibilidades de ser reforçado para manter as posições acima;
- pode realizar golpes de mão sobre nossos elementos avançados.



A 19, reconstituía-se o Agrupamento de Artilharia, reunindo a Cia. de T.D. do 701 e o II/1º R.O.Au.R., o que já dera bons resultados, e o dispositivo ofensivo tornava-se coeso e consistente.

A O.G.O. nº 14, de 20, previa a tomada de CASTELNUOVO DI GARFAGNANA, fixando, preliminarmente, a posse das alturas de CALOMINI - MOLLAZANA - TREPIGNANA - LAMA DI SOPRA para 21, devendo o restante da operação ser regulada depois. Tendo em vista, porém, o reforço da posição inimiga pelo 1044 R.I., da 232ª D.I. alemã, o IV Corpo, que já autorizara a execução, determinou o adiamento e restituiu ao Destacamento o I/6º R.I..

Intenso patrulhamento é feito a 21 e o dispositivo se articula melhor.

O Pelotão de Reconhecimento, como reserva, cerra à frente e estaciona em BORGO A MOZZANO.

O IV Corpo que, a princípio, nos impusera, verbalmente, conservar uma Cia. do II/6º R.I. no flanco O. da zona de ação, resolve desembaraçá-la e, assim, é também encaminhada para BORGO A MOZZANO, onde chegada a 22. Todos os recursos disponíveis convergiam para o centro de gravidade do Destacamento.

Até 27 continuam os ativos reconhecimentos e, mediante pequenos movimentos, ocupa-se SOMMOCOLONIA a 24 e as regiões de TRASSILICO e VERNI a 25.

Os trabalhos de restabelecimento das comunicações e das ligações foram realizados e executados numa operação para ulteriores ações ofensivas.

d - Ataques na frente Leste do SERCCHIO e ação de patrulhas a Oeste

Conforme Ordem Particular de 27, foi determinado ao 6º R.I. ocupar e conquistar a linha M. FAETO - cota 451 - cota 437 e lançar a O. do SERCCHIO ativos reconhecimentos, como preparativos e cobertura da ação principal prevista pela O.G.O. nº 15, de 28.

Nesta ação principal, era intenção do Comando:

"Numa 1ª fase - Com esforço pela direita (margem Leste do rio SERCCHIO), conquistar a linha CALOMINI - C. CASELLA - S. QUIRICO - COLLE - Cota 906 - LAMA DI SOPRA.



Numa 2ª fase - Conforme informações e mediante ordens, continuar metódicamente a progressão a cavaleiro do SERCCHIO ou progredir, sem perda de tempo, diretamente sôbre CASTELNUOVO e, neste caso, com esforço pela esquerda".

Nas operações de 28 foi ocupada a linha M. FAETO e cota 437.

Adiado para 30 o prosseguimento, a 29 ocupou-se CALOMINI e articulou-se o dispositivo na base de partida.

Antes de estudarmos a operação, vejamos a ordem de batalha do inimigo na manhã de 30:

Na frente compreendida entre BRUCCIANO e LAMA DI SOTTO, parece ocupar uma posição defensiva o 2º R.I. Alpino da Divisão Monte Rosa (Exército Republicano Italiano), presumivelmente de fraco valor combativo, que substituiu, no dia 23, o I/40º R.I. alemão.

Na frente entre MONTE ALTISSIMO e PERPOLI, acha-se instalado defensivamente o I/2º R.I. (Alpino).

De S. QUIRICO a LAMA DI SOTTO parece estar o II/2º R.I. (Alpino).

A Oeste de BRUCCIANO parece conservar suas anteriores posições o II/25º R.I. (Alemão).

Entre COLLE DI VENTO e ALPETRE POTENZE foi identificado o I/104º R.I. (Alemão).

#### Conclusões:

- a - O inimigo está em condições de oferecer resistência na linha GROTTA RONDO - MONTE ALTISSIMO - CAMPO - FIATONE - S. QUIRICO - LAMA DI SOTTO, com Infantaria apoiada por Artilharia.
- b - Tem possibilidades de ser reforçado para manter as posições acima.

Chuvas torrenciais caídas na madrugada de 30, retardaram a partida do ataque, só iniciado um pouco antes das oito horas o movimento determinado para as sete.

De acôrdo com o estabelecido, o ataque generalizou-se em toda frente a Leste do SERCCHIO, com fortes ações de patrulha diversionárias a Oeste.

Pela manhã, foram conquistados, sucessivamente, Cota 906, LA ROCHETTO e LAMA DI SOTTO e, à tarde, LAMA DI SOPRA, PRADOSCELLO, PIAN DE LOS RIOS, COLLO e S. QUIRICO, conforme determinava a O.G.O.,



*line*

após árdua progressão sôbre terreno escarpado e escorregadio, em consequência da abundante chuva desabada o dia inteiro e, assim, o primeiro tempo da manobra para a posse de CASTELNUOVO DI GARFAGNANA fôra atingido.

No dia 31 pela madrugada, o inimigo, de frente e de flanco, surpreendeu-nos com um contra-ataque na região de PIAN DE LOS RIOS, reconquistando-a e, à tarde, retoma as Cotas 906 e 1048. O retraimento dessas cotas foi mediante ordem do R.I., em vista de uma Cia. haver esgotado suas munições em árduo combate e outra ficar ameaçada de envolvimento.

Como consequência, o Destacamento foi obrigado, no seu flanco direito, a retrair-se para a linha imediatamente à retaguarda do objetivo conquistado (S. PIERS-CAPRONI-CATAGNANA-SOMMO-COLONIA), linha esta, porém muito à frente da posição que servira de base de partida. (Relatório da ID/1E).

E, assim, encerrou-se a ação do General EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA como Comandante do Destacamento F.E.B., uma vez que a chegada dos 2º e 3º Escalões exigiam sua presença no preparo dos demais elementos (1º e 11º R.I.) da Infantaria Divisionária, com o P.C. em LE CORTI.

Nessa 2ª fase das operações, de 27 de setembro a 31 de outubro, o Destacamento progredira, em longa frente, cêrca de 22 quilômetros de profundidade ao longo do Vale do SERCCHIO, perfazendo um total de 40 quilômetros desde 15 de setembro, quando entrara em linha.

Ficara-nos, porém, um duro ensinamento do desprêso a co-mesinhas prescrições regulamentares.

Habituará-nos a levar de vencida o adversário alemão, e, agora, frente a remanescentes do exército italiano, esfacelados e de pouco valor combativo, não cogitamos de articular conveniente sistema de segurança, nem mesmo de estabelecer metuculoso plano de fogos, arremates naturais ao coroamento de um objetivo.

Apesar das insistentes recomendações do IV Corpo, secundadas pelas do Cmt. do Destacamento, aprenderíamos com a própria experiência que o alemão contra-ataca sempre, uma vez desalojado do terreno, que decidiu defender, sistemática e obstinadamente.

Hoje, podemos assegurar que êsse aspeto da doutrina germânica é, em quaisquer circunstâncias, rigorosamente obedecida, como constatamos nas operações futuras.



105

*h*

G - FUNCIONAMENTO DOS SERVIÇOS E SUPRIMENTOS EM GERAL NAS  
OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO F.E.B.

Durante a fase das operações do Destacamento F.E.B., o seu Estado-Maior tinha a incumbência de solucionar, também, os problemas referentes a suprimento.

Os mais próximos depósitos do Exército estavam situados, da frente, uma distância média de 50 a 70 Kms. Posteriormente, e com certa morosidade, devida às destruições maciças executadas pelos alemães, foram deslocados mais para o Norte. Um depósito de Munição foi instalado a Leste de CARRAIA, distante 35 Kms. dos centros dos nossos de remuniamento. Não fôra o terreno acidentado em que operávamos e a absoluta ausência de estradas na zona de ação, a partir do paralelo 90, o problema ficaria simplificado.

A progressão da tropa, depois da tomada de BARGA, exigiu um novo desdobramento dos Serviços, uma vez que o ponto de distribuição de víveres já estava muito recuado e também o Serviço de Saúde não podia mais, em prazo oportuno, agir eficientemente.

A organização americana não prevê a criação de depósitos divisionários, mas as distâncias e o tempo perdido no recebimento da munição justificavam uma estocagem próximo da tropa, afim de colocá-la a coberto de uma surpresa, em consequência de maior consumo, por qualquer motivo imprevisto.

O Exército Americano tem o seu material de fornecimento distribuído em 5 classes, a saber:

Depósito classe	I	- Víveres e forragens.
"	"	II - Fardamento em geral, equipamento individual, viaturas, material de acampamento, de engenharia, transmissões e armamento.
"	"	III - Gazolina e lubrificantes.
"	"	IV - Material pesado para engenharia, construções e materiais ainda não padronizados.
"	"	V - Munições, guerra química, artifícios pirotécnicos, etc.

Façamos, agora, uma exposição da maneira como funcionaram os Serviços nesta fase da campanha.



a - Serviço de Intendência

Finalidade: - Prover a tropa dos artigos das classes I, II e III, além de assegurar o transporte de pessoal e material, inclusive o remuniciamento.

Direção: - Como Chefe, funcionou o 1º Ten. Cmt. do Pelotão de Intendência.

Execução: - À cargo do Dest. de Intendência, com:

- 1 Pelotão de 20 viaturas;
- 1 Secção de Serviço, constituída de 24 homens encarregados da estiva.

A partir de OSPEDALETO, pelos seus meios, os artigos eram recebidos nos Depósitos do 5º Exército em BIENTINA a 45 Kms. dos nossos Centros de Reaprovisionamento, que, acompanhando a tropa, chegaram a distar cerca de 50 Kms.

Nas épocas de grandes chuvas, as pontes sobre o SERCCHIO não permitiam passagem às viaturas de 2,5 T., obrigando a percurso caprichoso de 125 Kms.

Além do reabastecimento de víveres, que era diário, a tropa recebeu, também, uma grande variedade de artigos, como fogões, ferramentas de sapa grossa, sacos de esterilização de água, calçado americano, capotes, cobertores etc., e ainda gêneros procedentes do Brasil e estocados em PIOMBINO, tendo sempre funcionado muito bem, podendo-se mesmo afirmar que não houve falha no serviço.

A ampliação da zona de ação do Destacamento até o rio SERCCHIO, inclusive, dificultou grandemente o reabastecimento, devido à extensão da frente, por assim dizer compartimentada em duas direções - CAMAIORE e CASTELNUOVO, a precariedade das estradas e, sobretudo, por coincidir com a época das chuvas. O período de crise durou apenas alguns dias, sendo normalizado com o restabelecimento da direção única de CASTELNUOVO DI GARFAGNANA.

b - Remuniciamento

Com as viaturas restantes e algum reforço de elementos do trem de munições da Artilharia foi feito o remuniciamento.

O depósito que reaprovionava o Destacamento estava situado na região de VICOPIZANO, que, de início, distava 76 Kms. do Centro de Remuniciamento; com o aproveitamento de novas estradas entregues à circulação, essa distância encurtou de 23 Kms.



*Brasil*

As obras de arte de emergência, que não permitiam tráfego seguro, as irregularidades de entrega e a procura de certa espécie de munições em depósitos mais afastados, que obrigavam a percursos superiores a 125 Kms., levaram-nos a manter uma estocagem próxima à frente.

O funcionamento do serviço de um modo simples, estava reduzido ao seguinte: o Destacamento transportava a munição dos depósitos do Exército ao Centro de Reaprovisionamento do R.I.; os Btls. faziam, então, entrega às Cias.. A Artilharia, com suas próprias viaturas, recebia diretamente.

O problema do remuniamento nos escalões Btl. e Cia. assumia um aspeto delicado em face do terreno em que atuávamos. Acima do paralelo 85, uma só penetrante se dirige a CAMAIORE e, no restante da frente, apenas caminhos cargueiros, aumentado a dificuldade com a nossa progressão. As solicitações insistentes do Cmt. do Destacamento, levaram o 5º Exército a fornecer 29 muares que melhoraram as condições, mas não apresentaram solução definitiva.

c - Serviço de Material Bélico

Finalidade: - Suprir, reparar e substituir veículos, armas e instrumentos de observação e de tiro.

Direção: - Capitão Cmt. da Cia. de Manutenção

Execução: - Companhia de Manutenção Leve, com:

- Pelotão de Suprimento - que coleta e distribui todos os suprimentos referentes a armamento, viaturas, material de observação e de tiro.
- Pelotão de Reparação Automóvel - com uma secção de recuperação e uma de reparação.
- Pelotão de Reparação de Armamento - para a substituição de peças e pequenas reparações no armamento e instrumentos de observação e de tiro.

Pequenas turmas diariamente percorriam os Corpos com a finalidade de conhecer as suas necessidades, e executar, no próprio local, os reparos que não reclamavam os recursos da Companhia. Os de maior vulto, então, por intermédio daquele órgão, mereciam atenção da Companhia de Manutenção Média do 5º Exército, estacionada a 9 Kms. a N.O. de PIZA. O material era fornecido diretamente pelo Depósito do Exército de FLORENÇA.



Não há palavras que exprimam a perfeição na execução e o controle sempre mantido pela nossa Companhia de Manutenção.

*Amé*

d - Serviço de Saúde

Finalidade: - Recolher, prestar os primeiros socorros, evacuar feridos e doentes na zona de combate; fazer a triagem dos evacuados das diversas Unidades; preparar doentes e feridos para novo lanço de evacuação; hospitalar e tratar feridos e doentes recuperáveis em curto prazo (3 a 4 dias); prestar assistência médica a prisioneiros feridos e doentes, nas condições anteriores e à população civil nas zonas ocupadas.

Direção: - Um Capitão Médico.

Meios: - Destacamento do Btl. de Saúde, com:

- 1 Grupo de Comando;
- 1 Cia. de Evacuação;
- 1 Pelotão de Tratamento.

Destacamentos de Saúde Regimentais:

- do 6º R.I.
- do II/1º R.O.Au.R.
- da Cia. de Engenharia.

Passando pelos Postos de Saúde dos escalões subordinados, o ferido ia ter ao P.S.D. (Pôsto de Saúde Divisionário) e, por intermédio das ambulâncias da Companhia de Evacuação, chegavam ao P.T.D. (Pôsto de Tratamento Divisionário). Aí era feito o tratamento do choque e, no caso de não ser recuperável em 4 dias, evacuado para hospitais americanos, com os recursos do IV Corpo de Exército.

Dos 551 doentes e feridos entrados no P.T.D., 209 foram recuperados, o que corresponde a 30% de homens restituídos ao próprio Pôsto às fileiras, si considerarmos que mais de 100 estrangeiros (militares e civis) foram, também aí medicados.

Apenas um homem faleceu no P.T.D.

Os dados acima são suficientes para dizer do excelente funcionamento do Serviço e o estado sanitário da tropa, sempre muito bom, corroboram nesta afirmativa. Nenhum mal epidêmico foi registrado, como, também, não surgiram as terríveis complicações de ferimento de guerra: tétano ou gangrena gasosa. Para 5.000 homens de efetivo em quasi dois meses de campanha, tivemos 2 casos de cachumba, 9 de sarna, 1 de sarampo e 1 de pneumonia. Os brasileiros reagiram bem contra as ingratas condições climáticas duma guerra de montanha, nos pródromos da estação fria européa.



e - Serviço de Engenharia

A 1ª Companhia de Engenharia teve um papel de enorme relevância na campanha. Todo terreno abandonado pelos alemães era inteiramente destruído, podendo-se mesmo afirmar que nenhuma obra de arte foi respeitada. As minas e os "bobby-traps", colocados traiçoeiramente sobre as estradas, nas margens dos rios e nas orlas das localidades produziram numerosas baixas. As destruições sistemáticas obedeceram a um plano rigorosamente estudado e habilmente executado e foram a grande arma dos alemães para retardar a progressão do 5º Exército.

E, no nosso setor, à Cia. de Engenharia, dotada de 3 Secções de Sapadores e 1 Secção Extra, coube atender a tôdas essas missões, adiantando-se, muitas vezes, à Infantaria, ou trabalhando lado a lado com ela.

20 quilômetros de estradas foram reparados, 50 conservados e outros 20 alargados; inúmeras pontes lançadas e outras construídas; retirada de 16 cargas explosivas, algumas com 100 Kls. e remoção de mais de 1000 minas, eis um resumo expressivo de sua incansável ação.

Enquanto a Companhia executava êsses serviços, outros elementos seus, simultaneamente, atendiam aos seguintes trabalhos:

- fornecimento de material de engenharia;
- abastecimento de água;
- manutenção das próprias viaturas.

f - Serviço de Polícia

Finalidade: - Executar quaisquer medidas ou ordens baixadas pelo Comando e referentes à disciplina; reprimir a sabotagem e a espionagem; guardar prisioneiros de guerra; capturar os ausentes e desertores; fornecer informações sobre localização de unidades, P.C., Q.G., depósitos, praticabilidade de estradas etc. a todos os militares.

Direção: - Chefia de Polícia, exercida por um Major.

Execução: - 1 Pelotão de Polícia Militar, com:

- 1 Secção de Polícia;
- 1 Secção de Tráfego.

Para execução dos serviços, a Polícia Militar (P.M.) trabalhou em inteira ligação com tôdas as Secções do Estado-Maior



e tratou de todos os crimes e transgressões cometidas por qualquer pessoa sujeita à lei militar.

No cumprimento integral de sua missão, que soube desempenhar com disciplina e energia, a P.M. manteve estreito contato com as unidades de P.M. vizinhas e, bem assim, com a do escalão superior, de forma a inteirar-se de tôdas as ordens de serviço existentes.

#### g - Recompletamentos

Já dissemos, no início dêsse capítulo, como foi organizado o primeiro núcleo de recompletamento na Itália, depois incorporado ao Depósito de Pessoal que viajou, em dezembro, com o 4º Escalão e, bem assim, o fim a que se destinava.

Não houve propriamente um "Plano de Recompletamento" em funcionamento. O homem baixado por morte, doença ou ferimento, era, logo em seguida no mesmo dia se possível, substituído por outro vindo do Depósito, processo que só podia subsistir enquanto fossem fracas as perdas (como de fato aconteceu) e enquanto o Depósito se mantivesse em PIZA, muito próximo dos Hospitais de PISTOIA e de LIVORNO, que atendiam à tropa brasileira. As baixas um pouco maiores verificadas nos combates de BARGA, nos últimos dias de outubro foram suficientes para esgotar os recursos do Depósito que, a partir dêsse momento, só podia atender a pedidos com grandes restrições e devolver às unidades homens ainda não completamente recuperados, com prejuízo portanto para a eficiência física e estado moral da tropa que, até fins de dezembro, só viu decrescer seus efetivos.



///

3 - DEFENSIVA NO VALE DO SERCCHIO - ROCADA PARA O VALE DO RENO  
(31.X - 9.XI.1944)

A - PRELIMINARES

Em cumprimento à ordem do IV Corpo, o Comando da 1ª D.I.E. assumiu às 00.00 (zero) horas de 1º de novembro de 1944, com a chegada das demais unidades da Divisão, o controle da totalidade de seus meios, inclusive das operações que se desenrolavam no Vale do SERCCHIO.

O General EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA, deixando o Comando do Destacamento F.E.B., que se tornou extinto, passou a dirigir do seu P.C., em LE CORTI, com o Q.G. da ID/1E, a instrução dos dois R.I., o 1º e o 11º, recém instalados no estacionamento de PIZA.

O General OSWALDO CORDEIRO DE FARIAS, em consequência da extinção dos 2º e 3º Escalões, que comandava, reassumiu o Comando da AD/1E e ficou responsável pelo preparo dos três Grupos de Artilharia, o I/1º R.O.Au.R., o I/2º R.O.Au.R. e o I/R.A.P.C., que fizeram parte dos mesmos escalões.

Os demais elementos de tropa ficaram diretamente subordinados ao General Cmt. da 1ª D.I.E., que, também, como Comandante do 1º Escalão da F.E.B. tinha sob sua ação todos os órgãos não divisionários e já chegados à península italiana, como:

- Secção de Base Brasileira, em LIVORNO, com  
Pagadoria Fixa  
Depósito de Intendência  
Correio Regulador
- Serviço de Saúde da F.E.B., com a chefia junto ao Q.G. em PIZA e responsável pelas atividades dos Grupos Suplementares Brasileiros em Hospitais Americanos.
- Pelotão de Sepultamento, recém criado no Brasil e integrante dos 2º e 3º Escalões, em período de adaptação em PIZA.
- Depósito de Pessoal, organizado em VADA com elementos do 11º R.I., estacionado em PIZA.
- Agência do Banco do Brasil, com um escritório em NÁPOLES e os elementos ultimamente chegados ainda em PIZA.
- Todos êsses órgãos passariam, depois, a serem comandados pelo General OLYMPIO FALCONIERE DA CUNHA.



112

- Conselho Supremo de Justiça, com sede em NÁPOLES.

As atividades desses diferentes elementos serão abordados em capítulo especial.

Passemos, agora, a estudar os acontecimentos que se seguiram e referentes a êste período da nossa participação direta na campanha da Itália.

Desde o dia 30 de outubro que o Comandante da 1ª D.I.E., chamado ao P.C. Avançado do 5º Exército, no PASSO DE FUTA (ao N. de FLORENÇA), sabia do futuro deslocamento para o vale do RENO, para continuação da ofensiva sôbre BOLOGNA. Nessa reunião, a que também estiveram presentes os Generais Comandantes do IV Corpo de Exército, da 1ª Divisão Blindada Americana, 6ª Divisão Blindada Sul-Africana e da 92ª Divisão de Infantaria Americana, o General MARK CLARK transmitiu ordens e instruções regulando um reagrupamento de fôrças no âmbito do 5º Exército, em face das novas decisões tomadas.

Êsse reagrupamento considerava a 1ª D.I.E. já reunida e de posse de todos os seus meios, o que infelizmente, naquela data, não era ainda uma realidade.

No que interessava a 1ª D.I.E., as decisões eram as seguintes:

- A 6ª Divisão Blindada Sul-Africana, a 1ª D.I.E. e a Task Force (T.F.) 45 passavam a constituir o IV Corpo de Exército, sob o Comando do General WILLYS D. CRITTENBERGER;

- Transferir a 1ª D.I.E. do vale do rio SERCCHIO para o do rio RENO, tendo por eixo a estrada 64, de PORRETTA-TERME para o Norte, em substituição, nessa zona de ação, às tropas da 1ª Divisão Blindada Americana, abreviadamente conhecida por C.C.B. (Combat Command B), que defendiam a linha: RIOLA-TORRE DI NERONE-VOLPARA-BOMBIANA-CROCIALE-CASTELUCIO.

- A 1ª D.I.E. seria enquadrada a L. pela 6ª Div. Sul-Africana e a Oeste pela T.F. 45.

- A 1ª D.I.E. será substituída na sua atual zona (Vale do SERCCHIO) pela 92ª D.I.

- Os movimentos devem se processar com urgência e os entendimentos entre os Cmts. da 1ª D.I.E., 92ª D.I. e C.C.B. sem perda de tempo.

- O Cmt. da 1ª D.I.E. iniciará, desde já, o estudo para a montagem do seu novo dispositivo no vale do RENO.



113

Esse conjunto de ordens fragmentárias, transmitidas verbalmente, não teve a confirmação imediata por uma ordem escrita, concorrendo para que o aodamento da transmissão e a exigência de uma execução pronta, gerassem numa certa balbúrdia, exigindo um completo domínio para o trabalho simultâneo nos dois setores - SERCCHIO e RENO.

B - DEFENSIVA NO VALE DO SERCCHIO (1º - 4.XI.944)

A missão atribuída ao Destacamento F.E.B. no Vale do SERCCHIO, determinava:

"Na linha SOMMOCOLONIA-ALBIANO-SAN PIETRO-GALICANO-M. FAETO-CALOMINI, impedir a progressão do inimigo de S. DE LAMA, S. QUIRICO e sobre a região Oeste do SERCCHIO. Barrar a penetração inimiga para Leste, cobrindo este flanco em SOMMOCOLONIA e BARGA e a Oeste nas regiões de CALOMINI e TRASSILICO.

Reconhecer ativamente as posições inimigas de LAMA-S. QUIRICO-FIATORE-MONTE ALTISSIMO-BRUCCIANO.

Barrar de qualquer maneira a progressão inimiga entre SERCCHIO e o TOGLEORA".

Em consequência, também, da rocada prevista para o RENO, foi expedida, dia 1º de novembro, a O.G.O. nº 1, com a seguinte idéia de manobra:

"Manter essencialmente as regiões de BARGA, SOMMOCOLONIA e as alturas imediatamente a N.O. de GALICANO".

Alterava esta ordem o dispositivo do extinto Destacamento, que, no conjunto, passou a ser:

- 6º R.I. (menos o II Btl.), guarnecendo o Sub Setor Leste;
- II/6º R.I. e um Pelotão da Cia.C/751 Tanks, guarnecendo o Sub Setor a Oeste do SERCCHIO;
- II/1º R.O.Au.R., Cia.C/701 T.D. e a Cia.C/751 T.M. em apóio direto aos Sub Setores, contra-bateria e ações afastadas.
- Pelotão de Reconhecimento na cobertura do flanco N.E. (O.P.O. nº 2).

A O.P.O. nº 1, também de 1º.XI, determinou a substituição do II/6º R.I. pelo I/370º R.I. na noite 1º/2; êsse Btl. americano passaria à disposição da 1ª D.I.E. e aquele ao C.C.B.. Todas as operações previstas foram realizadas.



114

O III/370º R.I. passou à disposição da 1ª D.I.E. na noite 3/4, substituindo o III/6º R.I. às ordens agora, do C.C.B. (O.P.O. nº 3, de 3.XI).

Os demais elementos empenhados: II/1º R.O.Au.R., 6º R.I. (menos II e III Btls.), Pelotão de Reconhecimento e 1ª Cia./9º B.E., deslocaram-se para o Vale do RENO, sucessivamente. O nosso Grupo de Artilharia foi substituído pelo 598 F.A.Btl.

O Gen. Cmt. da 1ª D.I.E. passou o Comando do Setor do SERCCHIO às 12.00 (doze) horas do dia 4 de novembro.

Durante este período no Vale do SERCCHIO não ocorreu nenhum acontecimento de relêvo a registrar. O contato foi mantido e nenhuma operação ofensiva realizada, quer pela tropa amiga, quer pelo inimigo. Os 50 prisioneiros feitos eram todos desertores pertencentes à tropa italiana.

#### C - ROCADA PARA O VALE DO RENO (4 - 9.XI.944)

Os elementos da 1ª D.I.E. que primeiro chegaram ao Vale do RENO, entraram em linha ainda sob o Comando do C.C.B., mas já debaixo das vistas do nosso Estado-Maior, que mantinha oficiais de ligação junto ao Q.G. dessa Grande Unidade:

- II/6º R.I. deslocou-se na jornada de 2 de novembro para a região de PORRETTA-TERME e ocupou suas posições em TORRE DE NERONE na noite de 3 para 4.
- III/6º R.I. movimentou-se a 4 para a área de MARANO e entrou em linha na noite de 5/6 na região de AFRICO-VOLPARA.
- O Cmt. do 6º R.I. assumiu o Comando do setor (II e III Btls. e elementos de Tanks Americanos em refôrço) no dia 7.
- I/6º R.I. reuniu-se na jornada de 8 de novembro em BORGO CAPANE e, nessa noite, destaca a sua 2ª Cia. para C. DI CRISTO, em reserva da Divisão (O.P.O. nº 4, de 8).
- O Pelotão de Reconhecimento acantonou dia 8 na região de BORGO CAPANE.
- A 1ª/9º B.E. foi incorporada ao seu Batalhão.
- O II/1º R.O.Au.R., depois do seu deslocamento, foi incorporado à Artilharia do C.C.B.
- A 3ª/6º R.I. passou à disposição da Força Gardner (americana), adida à 1ª D.I.E., na jornada de 9 (O.P.O. nº 7, do mesmo dia).



O 1/6º R.I. (menos a 3ª. Cia.), em reserva da 1ª. D.I.E., se articulou em C. DI CRISTO E VALPARAÍSA (O.P.O. nº 6, de 9).

A 9 de novembro, o Gen. Cat. da 1ª. D.I.E. assumiu o Comando do Setor (RIGLA-MARANO), que compreendia a Força Gardner e o 6º R.I. (O.P.O. nº 7 e 8, de 9). A Força Gardner compunha-se da 3ª/1/6º R.I. e da Cia. A. do 13 Dn Tanques americanos.

Nenhum acontecimento de monta foi registrado durante a montagem do dispositivo.

Conforme já vimos, o Comando da Divisão havia articulado o seu Q.G. em dois escalões, um Avançado e um Recuado.

O Q.G. Avançado, sob a direção do Chefe do E.M., de PONTE A MARIANO, para onde fôra a 28 de outubro, a fim de controlar as operações no Vale do SERCCHIO, iniciou sua reunião em PORRETA-TERME, setor do RENO, a 2 de novembro e concluiu a li. Compunham o Q.G. Avançado:

- Comando da 1ª. D.I. E.
- Chefe do E.M. e Oficiais de Ligação
- 1ª. Secção (com elementos também no Recuado)
- 2ª. Secção
- 3ª. Secção
- 4ª. Secção (com elementos no Recuado).
- Serviço de Transmissões.
- Serviço de Engenharia.

O Q.G. Recuado, sob a direção do Ajudante Geral, com os demais elementos, instalados inicialmente em PIZA, visinho ao acampamento dos Corpos da 1ª. D.I.E. chegados com os 2º e 3º Escalões, transferiu-se para a cidade de PISTOLA, no dia 9 de novembro.

O transporte das unidades do SERCCHIO para o RENO foi executado em 5 dias, porque ficou subordinado às substituições da tropa brasileira que estava em linha pelo 370º R.I., da 92ª D.I. Americana, que chegou ao Vale do SERCCHIO, por Batalhões em dias sucessivos.

A distância percorrida pelos comboios de tropa e material atingiu, em média, a 120 kms. e o itinerário seguido, inclusive a travessia da serra entre PISTOLA e PORRETA-TERME, a 900 mts. de altitude, acidentado e difícil, foi o seguinte: Estradas 12.27 e 12.21 - LUCA - Auto estrada 1.1 - PISTOLA - Estrada 6h - PORRETA.

O controle do tráfego, na zona da 1ª. D.I.E., no Vale do SERCCHIO, ficou à cargo da Polícia Militar Brasileira, enquanto



que no Vale do RENO pertenceu à Americana.

A tropa brasileira, depois de roçada, para o Vale do RENO, continuou, por algum tempo, a receber suprimentos em VIAREGGIO, o que representava um esforço excessivo para os transportes da Divisão, pois o percurso das viaturas era da ordem de 160 Kms. ida e volta.

O ponto de distribuição de víveres deslocou-se da região ao S. de PONTE A MORIANO para PISTOIA, o que ainda não era uma boa solução, porque PISTOIA ficava a 35 Kms. da frente e distava de VIAREGGIO cêrca de 50 Kms.

Com a mudança dos Depósitos de Exército para FLORENÇA e PISTOIA, o ponto de distribuição de víveres passou a ser em LE PIEVE, ao S. de PORRETTA e a 5 Kms. da frente.

NOTA ESPECIAL - Para facilitar a identificação das nossas Unidades de Artilharia e simplificar as ordens de Comando foi resolvido que as mesmas, seriam doravante, assim designadas:

- I Grupo - I/1º R.O.Au.R.
- II Grupo - II/1º R.O.Au.R.
- III Grupo - I/2º R.O.Au.R.
- IV Grupo - I/1º R.A.P.C.



4 - DEFENSIVA NO VALE DO RENO - (9-XI-944/16-II-945)

## A - PRELEMINARES

Estava, agora, a 1ª D. I. E. empenhada em um setor, cujo terreno o inimigo disputara encarniçadamente com a 1ª Divisão Blindada (C. C. B.), mantendo-se sob ação ininterrupta dos seus fogos de artilharia e morteiros.

O inimigo, de posse das principais alturas que encerram o vale do rio RENO (ao N. e N. E. de PORRETA TERME) na sua margem Oeste, tinha vistas completas e profundas sobre o nosso setor exercendo, assim, um quasi completo comando.

Todas as posições entregues à 1ª D. I. E. pelo C. C. B., com exceção de TORRE DE NERONE (3 Kms. N. de MARANO), eram inteiramente devassadas pelos observatórios inimigos e sofriam, em consequência, o domínio dos seus fogos.

Nas mesmas condições, achavam-se, também, a estrada 64, desde PORRETA até RIOLA e as de MARANO para o Norte e do vale do rio SILLA, que serviam o seu interior.

A ordem de batalha do inimigo indicava a existência da 232ª D. I. alemã na nossa frente, com a totalidade dos seus meios.

Passariamos aí uma fase aguda da nossa atuação na campanha da Itália, suportando os rigores do inverno europeu, cuja temperatura atingiu por vezes a 18º abaixo de zero, e enfrentando um inimigo audaz e astucioso que nos castigava diariamente com seus certos tiros. Os duros insucessos sofridos, entretanto, longe de abaterem o moral do soldado brasileiro, encorajaram-no para brilhantes feitos futuros, que cooperaram eficientemente para a vitória alcançada pelas armas aliadas na Itália.



## B - DEFENSIVA AGRESSIVA - (10-XI/21-XII-944)

a - Situação inicial - (10/14-XI-944)

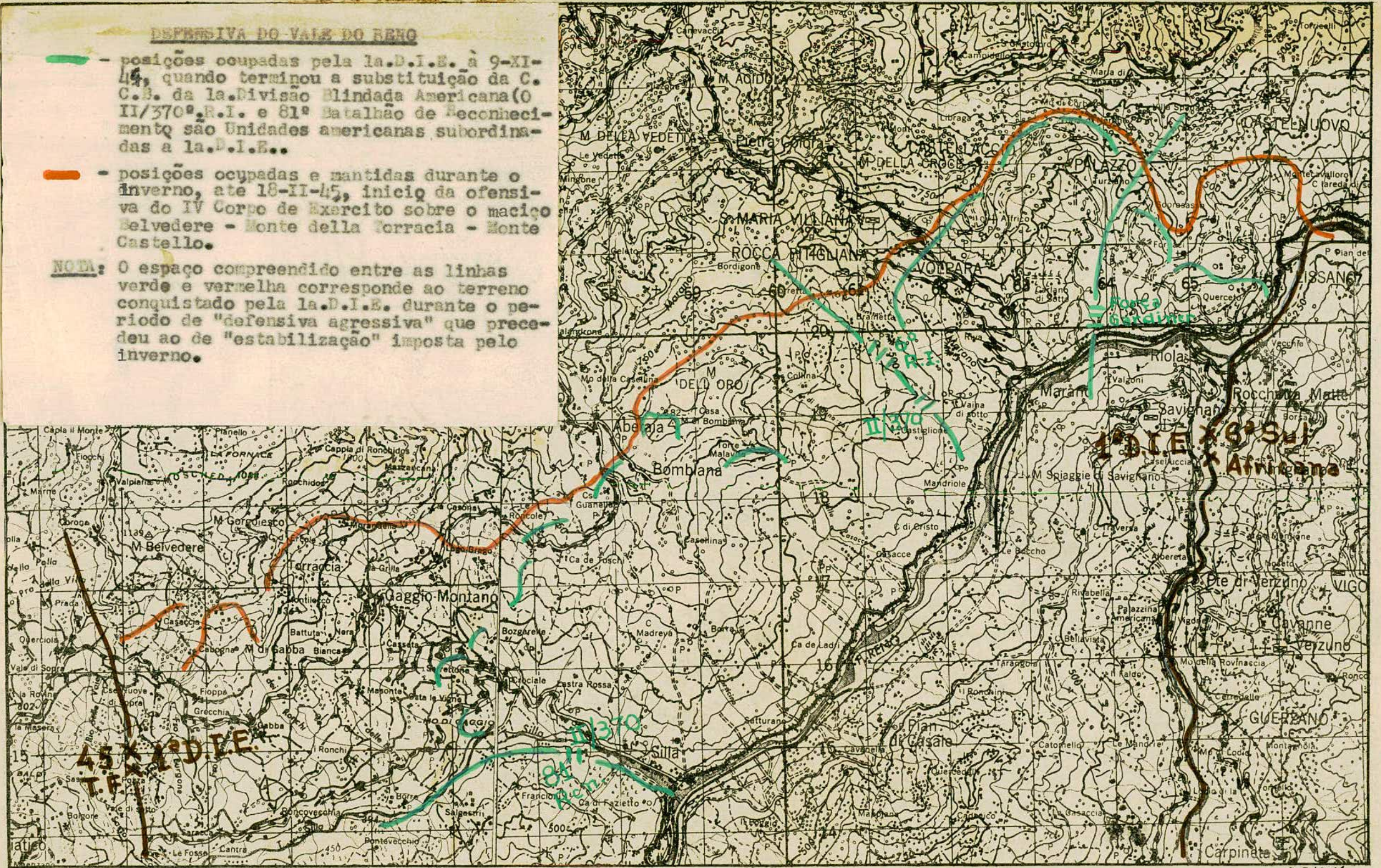
O Comando da Divisão, já instalado em PORRETA TERME (Q. G. Avançado), tem a si subordinado o setor RIOLA - MARANO, onde seus elementos se adaptaram definitivamente ao dispositivo traçado, com a determinação de continuarem as missões prescritas pelo C. C. B., sob cujo comando permaneceu sete (7)



### DEFENSIVA DO VALE DO BENO

-  - posições ocupadas pela 1ª D.I.E. à 9-XI-44, quando terminou a substituição da C. B. da 1ª Divisão Blindada Americana (O II/370º R.I. e 81º Batalhão de Reconhecimento) são Unidades americanas subordinadas à 1ª D.I.E..
-  - posições ocupadas e mantidas durante o inverno, até 18-II-45, início da ofensiva do IV Corpo de Exército sobre o maciço Belvedere - Monte della Terraccia - Monte Castello.

**NOTA:** O espaço compreendido entre as linhas verde e vermelha corresponde ao terreno conquistado pela 1ª D.I.E. durante o período de "defensiva agressiva" que precedeu ao de "estabilização" imposta pelo inverno.



Esca 1:50000

A. SILVA  
2º Ten.



119

dias.

A 11 de novembro, o setor foi ampliado para o Sul, passando à subordinação do Cmt. da 1ª D.I.E. as unidades americanas que guarneciam as regiões de BOMBIANA, N.O. e O. de SILLA e O. de PORRETA - TERME. Nesta data, o Cmt. da 1ª D.I.E. tinha sob seu comando direto as seguintes tropas combatentes:

- 6º R. I.
- 2º Pel./1º Esc. Rec.
- II Grupo
- 9º B. E., já se transferindo para zona de combate.
- 1ª Cia. de Transmissões, substituindo elementos do C. C. B.
- II/370º R. I. (U. S. A.)
- 13 Bn. Tanks (U. S. A.)
- Cia. D/81 Rcn. (U. S. A.)
- 751 Bn. Tanks (menos Cia. C e um Pel. da Cia. D -U. S. A.).
- 68 Bn. A Bl. (U. S. A.)

Pela Instrução de Operações nº 65, de 6 de novembro do IV Corpo de Exército, a 1ª D. I. E. recebeu a seguinte missão:-

- "1) Preparar planos com o IV C. Ex., afim de conquistar CASTELNUOVO.
- 2) Continuar a substituição das unidades do C. C. B. na zona designada.
- 3) Preparar planos para seguir o inimigo em qualquer retirada.
- 4) Manter contato com a 6ª Divisão Blindada Sul-Africana."

O Comando, em consequência, estabeleceu a seguinte idéia de manobra na O. G. O. nº 2, de 11 de novembro:-

"Defender fortemente as regiões de LA SERRA - PALAZZO - AFRICO; cobrir esta posição face a Oeste, com maior esforço nas regiões de BOMBIANA e de CROCIALE; exercer vigilância a Oeste de PORRETA - TERME - VENTURINA ao Sul do rio SILLA".

Passando o dispositivo da Divisão a ser:

- Quartelão de L.: Cia. A/13 Bn Tanks (U. S. A.) e 3ª Cia./I/6º R.I.
- Sub-Setor N.: 6º R. I. (menos o I Btl.), um Pel. e uma Sec. do 2º Pel. da Cia. D/751 Bn Tanks (U. S. A.) e um Pel. da Cia. B/13 Bn Tanks (U.S.A.)
- Quartelão de O.: II/370 R. I. (U. S. A.)



- Quartelão de S.: 81 Rcn. (U. S. A.) e 2º Pel./1º Esq. Rec.
- Artilharia (ainda sob o comando do IV Corpo): II Grupo, em apóio direto ao Sub Setor N; 68 Bn. A em apóio direto ao Quart. O. em refôrço ao II Grupo.
- Reserva: I/6º R.I. (menos a 3ª Cia.) em C. de CRISTO E VAIARANA.
- Sub-Cmt. da Divisão: O Gen. Cmt. da I.D. foi designado para exercer esse cargo, com o seu Q.G. já em PORRETA - TERME.
- A 1ª Cia. de Trns. iniciou a substituição dos meios do C. C. B., segundo o eixo de transmissões PORRETA - TERME - SILLA - MARANO - RIOLA.

Começou, assim, a Defensiva no vale do RENO. O grosso da Divisão ainda se encontrava em instrução e alguns elementos começavam já a se deslocar para o RENO, tendo em vista a fase de operações de Defensiva Agressiva a ser iniciada.

Nos entendimentos realizados no P. C. do General CLARK em 30 de outubro, ficou assentado que todas as providências seriam adotadas junto às autoridades da P. B. S. para que se apressasse a entrega do armamento às unidades dos 2º e 3º Escalões devendo estar concluída até 7 de novembro. Tal, porem, não se verificou. A P.B.S. não tomou conhecimento dos desejos e das necessidades do Comando, apesar dos esforços dos nossos órgãos de Serviço que diligenciavam a tempo e a hora, mas sem proveito. A entrega do material continuava a se processar mo rosamente.

O 9º B. E. completou a sua reunião em SUVIANA na jornada de 13, deslocando-se com os seus próprios meios, e foi empregado nas reparações e melhoramentos das estradas no setor da Divisão.

A 12, também com seus meios, a Bia. de Cmdo. da AD/IE, o III Grupo e a 1ª Bia. do IV Grupo iniciam o seu estacionamento na região de CASTEL DE CASSIO e o 1º Esq. de Rec. (menos o 2º Pel.) em GRANAGLIONE.

Por prisioneiros capturados, foram identificadas em nossa frente I/1045 R.I. e 7ª e 14ª Cias./1043 R.I.; a 8ª Cia./1043 foi substituída.

O contato durante êste período foi, por vezes, ativo e se caracterizou pelo começo do sistema do lançamento de patrulhas. A Artilharia inimiga, diariamente, bombardeou nossas posições.



ções, em diferentes zonas, inclusive a região do Q.G. da Divisão e lançou folhetos de propaganda. Foram feitos alguns prisioneiros, tendo, no dia 14, o 6º R.I. capturado uma patrulha alemã.

*Handwritten signature*

b - Início da Defensiva Agressiva - (15/26-XI-9/44)

A O. G. O. nº 3, de 15, fixou a seguinte missão para a 1ª D. I. E.:

"Manter as atuais posições em ligação com a 6ª Divisão Sul-Africana.

Melhorar a situação dos flancos do setor, tendo em vista a eventualidade de um movimento ofensivo."

Esta segunda parte, já consiste na execução da fase inicial do Plano para conquista de CASTELNUOVO.

A ideia de manobra era:

"Defender fortemente as regiões de TORRE DI NERONE e AFRICO; cobrir o flanco Oeste da posição com maior esforço nas regiões de BOMBIANA e de GAGGIO MONTANO. Imediatamente, fixar as posições de SOPRASSASSO e de 722 e levar o flanco direito do setor, face às vertentes Sul das alturas de CASTELNUOVO".

No momento, os meios combatentes da Divisão eram:

- 6º R.I.
- 1º Esq. de Rec.
- II Grupo
- III Grupo
- IV Grupo (menos duas Bias.)
- 1ª Cia. de Trns.
- 9º B. E.
- Cia. D/81 Rcn. (U.S.A.)
- II/370º R.I. (U.S.A.)
- 13 Bn. Tanks (U.S.A.)
- 751 Bn Tanks (menos a Cia. C e um Pel. da Cia. D - U.S.A.)
- 68 Bn. A. Bl. (U.S.A.)

O dispositivo consequente previsto pela mesma O. G. O. foi:

- Quartelão de L: I/6º R.I. (menos 1ª Cia.) e 13 Bn. Tanks (menos Cia. B).



- Sub Setor do N.: 6º R.I. (menos I Btl.) um Pel. do 751 Bn. Tanks e um Pel. da Cia. B do 13 Bn. Tanks.
- Quartelão do O.: II/370º R.I.
- Cobertura do Flanco: 1ª Esq. Rec. e uma Sec. de Eng. do 9º B.E.
- O Gen. Cmt. da ID/IE continua como Sub Cmt. da 1ª D. I. E.
- Artilharia:- II Grupo, em apôio direto ao S/S. N; III Grupo em apôio direto ao Quart. L.; 68 Bn. A. em apôio direto ao Quart. O. e ao 1º Esq.; IV Grupo em ação de conjunto.
- Cmdo. da A. D. entrou em linha às 12,00 (doze) horas do dia 15, estabelecendo o seu Q.G. em CASTEL DE CASSIO.
- Reserva:- 1ª/I/6º R.I.; 751 Bn. Tanks (menos os elementos destacados); Cia. D/81 Bn.
- 9º B. E.: continua nos trabalhos de conservação e melhoramentos nas estradas do setor da Divisão.
- 1ª Cia. Trns.: estabeleceu totalmente o sistema de transmissões do dispositivo Divisionário.

A O.G.O. nº 3 foi, quanto ao flanco L. da Divisão, uma confirmação no que se refere à melhora das posições (início da execução do plano de CASTELNUOVO). Assim sendo, no dia anterior, 14, o II/6º R.I. (S.SN) ocupou a Cota 670. Sem dúvida, essa ação ofensiva local foi, praticamente, o começo da fase da Defensiva Agressiva.

Na jornada de 16, em execução à missão na O.G.O. nº 3, o I/6º R.I. (Quart. L.), cerrando sobre as posições inimigas, conquistou e ocupou as alturas de BOSCACCIO, IL SASSO, MONTE CAVALORO e estabeleceu ligação com a 6ª Divisão Sul-Africana (6ª S.A.) ao Sul de C. IAREDA DI SOPRA.

Ainda a 16, o Quartelão L. passou a ser comandado pelo Cel. NELSON DE MELLO e, desde então, recebeu a designação de Sub Setor L.

A O.P.O. nº 9, de 17, põz a C.C.AC/6º R.I. à disposição do S/Setor L.

Tornava-se urgente a vinda de novos elementos aspirados da Área de Treinamento, com a precipitação dos prazos fixados para o mesmo. Teve que se admitir que as unidades a entrar em linha e ainda não equipadas totalmente, receberiam das outras



que ficassem o que lhes faltava.

Assim aconteceu com o II/1º R. I., completado pelos demais Btls. do Regimento e, em seguida, o III/1º R.I., <sup>Ja</sup> com o I/1º R.I. foi preciso apelar para o material distribuído ao 11º R.I.. E, desse modo, começou a concentração do 1º R.I. na zona de combate, transferindo-se seus elementos para a região do BORGIO CAPANE nas jornadas de 19, 20 e 21, mediante comboios formados com caminhões do próprio Regimento, da Artilharia e da Cia. de Intendência.

Tendo em vista as ordens verbais preparatórias do IV Corpo, tais elementos começaram a ser postos em linha.

Assim sendo, a O.P.O. nº 10, de 18, colocou o II/1º R.I. à disposição do 6º R.I., afim de substituir o III/6º R. I., o qual aguardaria nova missão em C. DI CRISTO. Com isso, o Comando procurava empregar uma tropa já com tirocínio de campanha (6º R.I.) e treinar, numa posição defensiva, uma tropa bisonha e de preparação sacrificada (1º R.I.).

Resolveu o Comando do IV Corpo alterar, a 18, o limite da zona de ação entre a 1ª D.I.E. e a T.F. 45, reduzindo-a à região entre a estrada 64 e o rio MARANO. Passaram, assim, à disposição da T.F. 45 o II/370º R.I. e o 1º Esq. Rec. (O.P.O. nºs 12 e 13, de 18, consequentes da Instrução de Operações nº 68, do IV Corpo).

Afim de melhorar as posições a L. do setor e em virtude do reajustamento do dispositivo, o Comando determinou que o S/Setor L. mantivesse suas posições e que, até nova ordem, nenhuma ação ofensiva fosse realizada (O.P.O. nº 11, de 18).

A substituição do 6º R.I. pelo 1º R.I., a partir da noite 20/21, foi regulada pela O.P.O. nº 14, de 19.

O contato durante este tempo foi mantido ativamente e varias ações inimigas repelidas: IL SASSO e COTA 670 (17/XI); golpe de mão em MONTE CAVALLORO (18); ataque local na região de AFRICO (18); infiltração em AFRICO (20).

A O.G.O. nº 4, de 21, confirma a substituição do 6º R.I. pelo 1º R.I. (menos I Btl.) e dá por concluídas as condições de execução.

Determina também que o 6º R.I. (menos o II Btl.) a guarde ordem em BORGIO CAPANE e GRANAGLIONE e que o III Btl. permaneça em C. DI CRISTO para nova missão. A Cia. de Obuzes do 6º R.I. teve ordem para permanecer no S/Setor L..



A Cia. de Obuzes do 1º R.I. pela O.P.O. nº 15, de 22, passou à disposição do S/Setor L..

Em virtude da Instrução de Operações nº 68, de 18, do IV Corpo, a 1ª D.I.E. tomou em consideração a missão de:

"Manter as atuais posições em ligação com a 6ª S.A.. Continuar as operações para a conquista de CASTEL-NUOVO".

Como consequência, o Comando concebeu a seguinte idéia de manobra (O.G.O. nº 5, de 22):

"Manter fortemente as regiões de AFRICO, TORRE DI NERONE, BOSCACCIO e MONTECAVALORO.

Continuar a fixação das alturas de SOPRASASSO".

Nessa ocasião, a Divisão dispunha dos seguintes meios combatentes:-

- 1º R.I. (menos o I Btl. à disposição do IV Corpo).
- 6º R.I. (menos o III Btl. à disposição da T.F. 45).
- 13 Bn. Tanks (U.S.A.)
- Um Pel. do 751 Bn. Tanks (U.S.A.)
- II Grupo.
- III Grupo.
- IV Grupo.
- 9º B. E.
- 1ª Cia. Trns.
- (1º Esq. Rec. ainda com a T.F. 45).

O dispositivo adotado era:

- S/Setor L.: I/6º R.I. (menos a 1ª Cia.)  
13 Bn. Tanks (menos Cia. B)  
Cia. Obuzes/1º R.I.  
C.C.A.C./6º R.I.
- S/Setor O.: 1º R.I. (menos I Btl. e Cia. Obuzes)  
Um Pel. do 751 Bn Tanks  
Um Pel. Cia. B do 13 Bn Tanks
- Artilharia: III Grupo, em apôio direto ao S/Setor L.; II Grupo, em apôio direto ao S/Setor O.; IV Grupo, em ação de conjunto.
- Reserva: 1ª/I/6º R.I. (região de VAJARANA); elementos do II/6º R.I. em BORCO CAPANE (os demais elementos já estavam em repouso na mesma região).
- 9º B. E. prosseguiu na sua missão anterior.



Ainda pelo O. G. O. nº 5, o III/6º R. I. e o 1º Esq. Rec. passaram à disposição da T. F. 45 e o I/1º R. I. em reserva do IV Corpo.

Na noite de 22 de novembro o inimigo tentou sucessivos golpes de mão sobre as posições de TORRE DE NERONE e LEVIONE e uma ação de patrulha sobre MONTE CAVALLORO, sendo repellido.

O Comando do IV Corpo resolve realizar uma ação de força sobre MONTE CASTELLO para desafogar a ameaça premanente contra a estrada 64, seu eixo de comunicação e reabastecimento, dominada pelas alturas que fechavam o anfiteatro do vale do RENO, destacando-se, entre elas, os montes BELVEDERE, GORGOLESCO, TORRACCIA, CASTELLO, DELLA VEDETTA, DELLA CROCE, SQ PRASASSO e CASTELNUOVO.

Confia a montagem e o Comando da operação à T. F. 45 (Americana), com reforço do nosso III/6º R. I. (unidade extremamente fatigada, pois há 70 dias estava em combate sem repouso) e o 1º Esq. Rec., não tendo sido aceita tropa recém-chegada. Realizada a 24 de novembro, sem qualquer interferência do Comando Brasileiro, redundou em completo fracasso e motivou sensíveis perdas do III/6º R. I.

Sem acrescentar qualquer reforço, e, com a tropa mais combalida física e moralmente, a operação foi repetida no dia imediato, ao clarear do dia, acarretando novo insucesso e novas perdas, ao mesmo tempo que alertava o inimigo quanto ao nosso desígnio de tomar MONTE CASTELLO e levantava o seu moral pelos exitos faceis que vinha obtendo.

O S/Setor Oeste da Divisão repeliu várias tentativas de infiltração do inimigo, na madrugada de 23.

O Cmt. da 1ª D. I. E. entendeu-se com o Comando do IV Corpo, no sentido de lhe ser assegurada a exclusividade do Comando de tropas brasileiras.

As Instruções de Operações nº 69 e 70, de 25 e 26, do IV Corpo, determinaram a ampliação do limite S. O. da 1ª D. I. E., abrangendo largamente MONTE CASTELLO e revertendo à Divisão o 1º Esq. Rec., o III/6º R. I.. Estava, também, o Comando Brasileiro obrigado a repetir o ataque dentro do mais curto prazo.

Pela O. P. O. nº 16, de 26, o 1º Esq. Rec. foi incorporado e recebeu missão (região de BRAINETA - CASA M DE BOMBIANA) e com a O. G. O. nº 6, da mesma data, o Cmt. da 1ª D.



I. E. assumiu o comando do seu novo setor.

Alem da volta daqueles elementos divisionários, a Divisão recebeu reforço de:-

- Um Pel. da Cia. B/751 Bn. Tanks (U.S.A.)
- Um Pel. da Cia. A/894 Bn. T.D. (U.S.A.)

Durante êste tempo o contato foi mantido ativamente. A 26, na região S. de MONTE CASTELLO, o III/6º R.I. repeliu um ataque local alemão.

Enquanto tais trabalhos se realizavam, o Plano de CASTELNUOVO foi adaptado às mudanças de efetivos e eram feitos projetos e reconhecimentos para o ataque determinado a MONTE CASTELLO.

Com os prisioneiros feitos, uns desertores e outros em ação, foi confirmada a presença de varias unidades já identificadas e mais as 4ª, 5ª e 8ª Cias./1045 R.I., a 14ª Cia./1044 R.I., que estava em repouso em CASIGNO, e que um Btl. do 1044 R.I. era esperado entrar em linha.

Observou-se, tambem, que o inimigo se organizava em diversas regiões e foram assinaladas diversas armas automáticas e canhões.

Ataques, golpes de mão e ação de patrulha repellidos em diferentes pontos de nossa frente.

Seus morteiros, armas automáticas e a Artilharia mostram-se ativos, batendo elementos avançados, as patrulhas, P. C.. Fogos de inquietação de calibre 170 martelavam continuamente o Q.G. da Divisão, em PORRETA TERME, causando-nos baixas frequentes.

c - Combate de MONTE CASTELLO de 29-XI-944 -

Operações Anteriores e Posteriores

O IV Corpo, em sua Instrução de Operações nº 71, de 26 de novembro, deu à 1ª D.I.E. a seguinte missão:-

"Dentro de sua zona de ação, capturar à crista que corre do M. BELVEDERE para N.E., inclusive M.CASTELLO, afim de impedir que o inimigo tenha vistas sobre a Estrada 64.

Continuar as operações para a conquista da crista de CASTELNUOVO.

Manter contato com a 6ª S.A."



O Comando da Divisão, para o cumprimento dessa missão, procurou reunir meios, o que fez com grandes dificuldades, sobretudo tendo em vista o fato de se ver obrigado a empenhar em uma ação ofensiva tropas bisonhas e de atacar a 29, conforme prescrição peremptória do IV Corpo.

A O.P.O. nº 17, de 26, regulou as condições de aproximação do III/11º R.I. para a zona de combate da Divisão (SILLA).

No dia 28, a 1ª D.I.E. dispunha dos seguintes meios de combate:-

- 1º R. I.
- 6º R. I.
- III/11º R. I.
- Cia. de Obuzes do 11º R. I.
- 13 Bn. Tanks (U.S.A.)
- Dois Pels. 751 Bn. Tanks (U. S. A.)
- 1 Pel. da Cia. A/894 Bn. T.D. (U.S.A.)
- AD/IE (completa)
- 9º B. E.
- 1ª Cia. Trns.
- 1º Esq. Rec.

Em consequência da missão dada, o Comando concebeu a idéia de manobra que se segue (O.G.O. nº 7, de 28):

1º) Manter as posições nas condições prescritas na O. G. O. nº 5.

2º) Apoderar-se, na jornada de 29, de MONTE CASTELLO e estabelecer cobertura na região de FALFARE para, em seguida e em combinação com a T. F. 45, repelir o inimigo das alturas de 1027 e 1053".

Em decorrência, o dispositivo previsto era:

S/Setor L: (sem alteração) - I/6º R.I. (menos 1ª Cia.); 13 Bn. Tanks (menos Cia. B); Cia. de Obuzes/1º R.I.; C.C.A.C/6º R. I.

S/Setor O: (sem alteração) - 1º R.I. (menos I Btl. e a Cia. Obuzes); Um Pel. 751 Bn. Tanks; Um Pel. da Cia. B do 13 Bn. Tanks.

Grupamento de Ataque:-

Comando Gen. ZENÓBIO

Tropa:- I/1º R.I., III/11º R.I., III/6º R.I., 4ª/II/6º R. I., dois Pels. 751 Bn. Tanks; um Pel. 894 Bn T.D.

1º Esq. Rec.: Um Sub-quarteirão de ligação entre o Grupamento



de ataque e o S/Setor O.

Artilharia:- I Grupo, em apôio direto ao I/1º R.I.;  
 II Grupo, em apôio direto ao III/11º R.I.;  
 III Grupo, em apôio direto aos S/Setores L. e O.;  
 IV Grupo, em ação de conjunto. A Artilharia do IV  
 Corpo reforçaria as ações em proveito do ataque.

Reserva:- A partir de 20,00 (vinte) horas de 28, uma Cia. Fz.  
 do II/6º R.I., em SILLA.

A 1ª/I/6º R.I., na região de VAIARANA.

O II/6º R.I. (menos uma Cia.), a partir das 12,00 (doze) horas de 29, na região de SILLA.

Engenharia:- O 9º B. E., além de continuar com a conservação das estradas no interior do Setor da Divisão, será empregado nas comunicações tendo em vista o ataque (SILLA-BOMBIANA- e SILLA-GAGGIO MONTANO) e foi feita a previsão do levantamento de minas (BOMBIANA-ABETAIA), em proveito dos tanks.

1ª Cia.Trns.: - Estabelecerá todo sistema de ligações, particularmente tendo em vista o Grupamento de ataque, segundo os eixos de transmissões: PORRETA TERME- SILLA -BOMBIANA.

A mesma O. G. O., prescreveu a seguinte missão para o Grupamento de ataque:-

"Apoderar-se de MONTE CASTELLO, com esforço na direção de C. VITELLINE - 887; ocupar e manter a linha: cabeceira L. do rio LIBERACCIO - vertentes N. de MONTE CASTELLO - região de CAVRULLO, de maneira a impedir que o inimigo atravesse este rio e o MARANO e que progrida de 930 para L.; cobrir-se na região de FALFARE; cobrir-se inicialmente entre LE RONCOLE e a região de GAGGIO MONTANO e levar depois esta cobertura face a crista 1053 e 1036; ligar-se com T.F. 45 na região L. de TORRACCIA".

Previu, ainda a O. G. O., a realização do dispositivo, inclusive as substituições.

A O. P. O. nº 18, de 29, deu as condições de entrada em linha da 4ª/II/6º R.I. (cobertura do flanco O. do Grupamento de ataque e ligação com o II/370º R. I. (U.S.A.).

Vejamos, agora, algumas considerações sobre a posição topo-tática do maciço BELVEDERE - DELLA TORRACCIA, onde se acha encrustado o MONTE CASTELLO.



Este maciço, com culminâncias de 800 a mais de 1.100 metros, se apresenta para quem tenta progredir na direção geral S.-N., como uma verdadeira "massa de deter". O vale do SILLA, com sua largura média de 6 kms., proporciona ao maciço longas encostas de cerca de 4 kms., que se estendem para o S. e S.E., com declives fatigantes e cristas com excepcionais vistas e, consequentemente ótimas possibilidades de fogo.

O MONTE CASTELLO funciona, no sistema BELVEDERE-TORRACIA, como um contra-forte E. do maciço, com encostas íngremes e apenas uma ponte topográfica de acesso menos difícil em C. VIETLINE - cota 887.

Assim, o perfeito comandamento sôbre toda a região a percorrer, a impossibilidade de movimento coberto, a precariedade das comunicações, a dificuldade de deslocamentos, a ausência de linhas que permitam uma boa instalação de bocas de fogo, tudo isto nos mostra a dificuldade ofensiva, para "aproximar, tomar o dispositivo e executar o ataque", particularmente sem a conquista prévia de BELVEDERE, ou sua neutralização eficiente, o que exigiria o valor de algumas A.D., o que não se dispunha.

No dia 28 foram efetuados os reconhecimentos e na noite de 28/29 realizada a tomada do dispositivo. Esta foi lenta, difícil e demorada, visto como a surpresa exigia movimentos noturnos, as chuvas dos dias anteriores tornavam os caminhos impraticáveis, as distâncias a percorrer eram longas, havendo elementos que andaram 17 kms. a pé em 7 horas, outros que só chegaram ao ponto de destino às 4,00 (quatro) horas da manhã do ataque, não podendo dormir sequer uma hora. Contudo, às 6,00 (seis) horas do dia 29 achava-se o dispositivo pronto para desembocar na base de partida.

Conven frizar que na noite de 28/29, o inimigo atacou as posições americanas de MONTE BELVEDERE, desalojando-as da crista daquela elevação, criando assim uma situação desfavorável no flanco Oeste do nosso escalão de ataque.

Após forte preparação de Artilharia, o ataque foi desencadeado.

Atuavam em 1º escalão, o I/1º R.I. e O. e o III/11º R.I. a L.. O inimigo desde o início ofereceu organizada resistência, desencadeando oportunas e ajustadas barragens de morteiro, metralhadora e artilharia.

Até o fim da primeira parte da jornada, tudo indicava um bom êxito para a tropa. O I/1º R.I. progrediu de maneira satisfatória, mas teve elementos detidos. O III/ 11º R. I.,



*Handwritten mark*

quasi atingiu o seu objetivo.

Verificam-se fluxos e refluxos no I/1º R.I., que sofre pesados bombardeios e contra ataques, refluindo à base de partida, acarretando o recuo do flanco direito do dispositivo.

O adeantado da hora, 16,30 (dezesseis e trinta) hs., já escurecendo, não aconselha o emprêgo das reservas, as unidades retraíram-se em ordem, o dispositivo foi reajustado defensivamente para a passagem da noite e todas as posições anteriormente ocupadas foram mantidas.

Não obstante o malôgro do ataque, estes dois Batalhões estreantes no fogo portaram-se com valor, revelando bom espírito combativo. As baixas assim o demonstram, pois só o I/1º R. I. teve cerca de 150 e o III/11º R.I. mais de 30.

Em virtude de uma ordem particular do IV Corpo, de 29, passou à disposição da T.F. 45 a 6ª/II/6º R.I., reforçada com um Pel.de Mtr.P..

Durante êste período, inclusive antes do ataque a MONTE CASTELLO, foram repelidas quatro ações locais do inimigo sôbre a região GUANELLA - BOMBIANA. A S/Setor O. sofreu pesadissimo bombardeio (28-XI).

O Comando, tendo em vista os resultados dos acontecimentos acima referidos, expediu a O.G.O. nº 8, de 1º de dezembro, com a qual reorganizou o dispositivo da 1ª D.I.E., além de proporcionar, na medida do possível, um reajustamento no interior das unidades.

Nessa ocasião, a Divisão começou a dispor de todos os seus elementos combatentes orgânicos (restantes elementos do 11º R.I., chegados à zona de combate nas jornadas de 29 e 30 de novembro). O que se passara com o 1º R.I., aconteceu com o 11º R.I.. Seus Batalhões foram cedendo material aos demais, de modo que o último Batalhão a ser transferido da Área de Treinamento, chegou à frente ainda desaparelhado.

A O. G. O. nº 8, estabeleceu:-

Idéia de Manobra:- "Manter particularmente as regiões de MONTECAVALLORO - BOSCACCIO - TORRE DE NERONE - AFRICO - BOMBIANA - LE RONCOLE e de GAGGIO MONTANO".

Dispositivo:

S/Setor L.: sem alteração.



S/Setor N: (antigo O. ): sem alteração

S/Setor O: 11º R.I. (menos II Btl.) e dois Pels.  
Tanks (U.S.A.)

1º Esq.Rec.: Num Sub-Quarteirão de ligação entre o  
S/Setor N. e o S/Setor O.

Quarteirão de ligação: 4ª/II/6º R.I.

Artilharia:- III Grupo, apóio direto ao S/Setor L; II Grupo, apóio direto ao S/Setor N.; I Grupo, apóio direto ao S/Setor O.; IV Grupo, ação de conjunto.

Reserva:- 1ª/I/6º R.I., 6º R.I. (menos I Btl.), II/11º R.I. e I/1º R.I.

1ª Cia. Trans.:- reorganizar o dispositivo de transmissões.

Substituições:- prescrições para uma série de substituições no interior do S/Setor O.

A Engenharia continuou no trabalho de conservação de estradas, particularmente dos eixos que vão de SILLA para BOMBIANA e de SILLA para GAGGIO MONTANO.

Na noite de 2 para 3 de dezembro, o inimigo desencadeou um ataque local na região de GUANELLA. Além dos repetidos bombardeios, as ações de infantaria foram renovadas.

A ação alemã visava as posições do I/11º R.I. (S/Setor O.).

A 1ª Cia. dêste Btl. abandonou suas posições, o que acarretou o recuo do restante do Btl.

O Comando da Divisão, inicialmente (madrugada de 3 de dezembro), pos elementos do II/6º R.I. à disposição do S/Setor O. e acionou o III/6º R.I. para as alturas imediatamente ao N. de SILLA (O.P.O. nº 18A, de 3-XII), para contra-atacar da região de LIVORNE ou entrar em linha no S/Setor O.

Ao amanhecer, o Comando lançou o III/6º R.I. na direção geral de GUANELLA, em virtude do inimigo não haver progredido (O.P.O. nº 18B, de 13). Em consequência, o III/6º R.I. progrediu e ocupou as posições abandonadas pelo I/11º R.I.. A situação foi completamente restabelecida e o Batalhão reunido em PORRETA-TERME.

A O.P.O. nº 19, de 3, determina a substituição do III/6º R.I. pelo II/11º R.I., que reverteu ao seu Regimento.

As condições dessa substituição e o reajustamento da missão do S/Setor O. foram fixadas pelo O.P.O. nº 20, de 4, que, também, prescreveu a reunião do III/6º R.I. em PORRETA-TERME e a recuperação da 6ª/II/6º R.I., até então à disposição da



T. F. 45.

Prisioneiros capturados nesta fase, identificaram as seguintes unidades em contato: 7ª Cia./1043 R.I. e a 3ª Cia./1045 R.I..

Foram localizados campos minados pelo inimigo e várias espécies de armas.

Apesar de sua atividade defensiva, o inimigo mostrou-se ativo em diversos momentos, por ações de patrulha, golpes de mão e ataques, como o que nos surpreendeu na noite 2/3 de dezembro e um feito na frente T.F. 45, bem sucedido e que lhe permitiu recuperar posições ocupadas pelos americanos.

Sua Artilharia atuou diariamente sobre nosso setor, com inquietações e concentrações em pontos importantes, como o Q.G. da Divisão e, com tiros de morteiro, alcançou os primeiros elementos, inclusive P.C. de R.I.

d - Combate de MONTE CASTELLO - de 12-XII-944 -  
Operações anteriores e posteriores

A Instrução de Operações nº 72, do IV Corpo, de 5, atribuiu à Divisão a seguinte missão:

"Capturar e manter a crista BELVEDERE - TORRACCIA.

Estar preparada para, por ordem do IV Corpo, capturar CASTELNUOVO e MONTE DELLA CROCE.

A reserva da Divisão só pode ser empregada, mediante ordem do Corpo.

Ligar-se a 6ª S.A.".

O limite O. da Divisão foi, então, modificado e passou a abranger totalmente o MONTE BELVEDERE. As substituições daí decorrentes seriam feitas durante um período a ser determinado pelo IV Corpo.

O Comando da Divisão decidiu, na larga frente de ataque, executar a ação inicial de ruptura pela região de MONTE CASTELLO.

A O.G.O. nº 9, de 6, estabeleceu o reajustamento do dispositivo a ser realizado em três noites sucessivas, de 6 a 9 e a O.P.O. nº 21, da mesma data ocasionou os reconhecimentos do 1º R.I..



O Quartelrão de ligação foi reajustado e ocupado pela 5ª/II/11º R.I. (O.P.O. nº 2, de 7).

O dispositivo de ataque e a composição do Grupamento de Ataque foram fixados pela O.G.O. nº 10, de 9.

Finalmente, a O.G.O. nº 11, de 10, montou a operação em aprêço com a seguinte idéia de manobra:

"Numa primeira fase de operações:

- continuar a manter as atuais posições situadas entre MONTE DELL'ORO e o rio RENO, com maior esforço nas regiões de MONTE CAVALLORO, BOSCACCIO, TORRE DE NERONE, AFRICO.
- posse de MONTE CASTELLO e isolamento de MONTE DELLA TORRACCIA do maciço MONTE GORGOLESCO - MONTE BELVEDERE."

O dispositivo consequente ficou assim:

- S/Setor L:- sem alteração
- S/Setor N:- 6º R.I. (menos I e III Btls.)  
I/1º R.I..
- Grupamento de Ataque:-  
Cmt. Gen. ZENÓBIO  
Tropa:- 1º R.I. (menos I Btl. e Cia. de Obuzes), III/11º R.I., I/11º R.I. (menos o valor de uma Cia. Fuz.).
- Apôio:- Cias. Obuzes dos 1º e 11º R.I.; Cias. P.P. do 11º R.I.; uma Cia. Tanks (U.S.A.).
- Artilharia:- Três Secções/III Grupo, apôio direto aos S/Setores L. e N.; I e II Grupos apôio direto ao 1º R.I.; IV Grupo e três Secções/III Grupo em ação de conjunto.
- Refôrço, fogos do 68 Bn.F.A. (U.S.A.).
- Sub-Quart. do 1º Esq.Rec.: sem alteração.
- Engenharia: Conservação de estradas (1ª e 2ª Cias.) e acompanhamento dos Carros (um Pel.); reserva, a 3ª Cia. (menos um Pel.).
- Transmissões:- A 1ª Cia. Trns. montará todo o sistema de transmissões, segundo o eixo SILLA-CASELINA - LIVORNO - BOMBIANA.

A missão dada ao Grupamento de Ataque foi:

"Na jornada de 12:

- apossar-se de MONTE CASTELLO, conduzindo o esforço segundo a direção: C. GUANELLA - 887; cobrir-se na região de PALFARE e limpar as regiões de ABETAIA e VALLE;
- ocupar e manter a linha: cabeceiras L. do arroio que



passa em C. Zolfo - vertentes N. do MONTE CASTELLO - região de CAVRULLO, de maneira a impedir que o inimigo transponha o MALANDRONE e bem assim que progrida da região de 930 para L.

- esforçar-se por aproveitar o êxito sôbre as regiões de 1036 e 1027 e por ocupá-las."

O IV Corpo, em virtude das condições atmosféricas desfavoráveis e da série de difíceis substituições, concordou na escolha do dia 12 de dezembro para a realização da operação.

De 6 a 11, a A.D. executou uma série de bombardeios sôbre as posições de MONTE CASTELLO. Um golpe de mão do S/Setor O. na região de C. VITELLINE encontrou a guarnição inimiga morta.

Os Btls. de 1º Escalão de ataque - os II e III Btls. do 1º R.I. - deslocaram-se, no dia 10, de seus respectivos estacionamentos para as zonas de reunião, á retaguarda da linha de contato, onde passaram a jornada de 11.

Na noite de 11/12 foi tomado o dispositivo de ataque:

- III Btl. a Oeste;
- II Btl. a Leste;
- Sendo, também, realizada uma ação diversionária no S/Setor L.

O Complemento da O.O.G. nº 11, designou 06,30 (seis e trinta) horas para a hora H do ataque no dia 12 de dezembro.

A operação deveria ter sido iniciada antes do alvorecer, por surpresa e sem preparação de Artilharia, mas tal não aconteceu pois a abertura do fogo pela Artilharia americana, em setor visinho, trinta minutos antes da hora H, quebrou o sigilo.

Ao clarear do dia 12, chovia ininterruptamente; densa neblina restringia demasiadamente a visibilidade, impedindo até mesmo a regulação dos tiros de apoio.

A aviação, prevista para cooperar, em consequencia do mau tempo e falta de visibilidade, não levantou vôo, prejudicando toda a montagem baseada, nas informações que dela se aguardavam.

A execução do ataque fugiu completamente às prescrições da O.G.O. e as circunstâncias supervenientes modificaram completamente as condições iniciais da operação.



Em consequência da precipitação na abertura dos fogos pela Artilharia americana, ás 6,00(seis) horas, o III/Btl. ultrapassou a base de partida e desemboca, atingindo às 6,30 (seis e trinta) hs. a linha LE RONCOLE - CASA DE GUANELLA. O II Btl. atrasado, começou a deslocar-se ás 08,00 (oito) hs., sendo, logo em seguida, colhido, por barragens de artilharia e morteiro, na baixada de CASA DE GUANELLA - LA CÁ - C. VITEL LINE. O I/11º R.I. ocupou FALFARE, na cobertura do flanco direito.

O Comandante do Grupamento, sentindo a diminuição da capacidade ofensiva do II/1º R.I., acionou logo o III/11º R.I., reserva do ataque. Por má compreensão da ordem, êste Btl. que se achava bem articulado, sobretudo para a ação de CASA DE GUANELLA - Cota 887, ao envez de, em aproximação, colar-se á base de partida prefixada e reforçar o escalão de ataque na zona de esforço, marchou em coluna, através itinerários desenfiados, o que motivou quadruplicar as distancias, mudando de compartimento de terreno, perdendo todo tempo útil para o emprêgo razoav l.

O III/1º R.I., em face de nutrídos fogos de infantaria em sua frente e no flanco O. e tendo a sua direita também descoberta, recuou.

Até ás 14,30 (quatorze e trinta) hs., o III/11º R.I. não pôde rearticular-se convenientemente.

O ataque perdeu por completo a impulsão e foi dado por encerrado ás 15,00 (quinze) horas sem se alcançar os objetivos e com sensíveis perdas, cêrca de 140 baixas entre mortos e feridos.

Dos 12.000 tiros de Artilharia hipotecados a essa operação, cêrca de 4.000, apenas, foram gastos.

Foi certamente uma jornada infeliz, onde até os elementos conspiraram contra nós.

A experiência, na guerra, é sempre uma fonte de ensinamentos preciosos. Êsse combate de 12 de outubro, certamente o mais espetacular e esquisito insucesso sofrido por nós na Itália, foi prenhe de ensinamentos.

A O.P.O. nº 23, de 12, atribuiu ao Cmt. do 1º R.I. o Comando do S/Setor O., inclusive de todas as tropas que lá se encontravam. Além disso, deu ordem para o retraimento do escalão de ataque, dizendo que deveriam ser mantidas todas as



posições anteriormente ocupadas. Na noite de 12/13, mediante esta ordem, o Comandante do 1º R.I. reajustou o dispositivo defensivo no S/Setor.

A O.G.O. nº 12, de 13, dia imediato ao ataque, reajustou o dispositivo defensivo, procurando sobretudo reagrupar o 1º R.I. (menos o I Btl.).

O 11º R.I. guarneceu o S/Setor O., tendo um Btl. em reserva, a ser empregado somente com autorização da 1ª D.I.E..

A O.P.O. nº 25, de 15, retirou o I/1º R.I. do S/Setor N. e passou o II/1º R.I. á reserva do IV Corpo.

O IV Corpo, por Ordem Particular de 15, mandou efetivar o limite da Divisão que engloba o MONTE BELVEDERE.

Em consequência, o Comando expediu a O.G.O. nº 13, de 15, montando novo dispositivo defensivo. Foi criado o Quartelão de O. (III/11º R.I.). O dispositivo de Artilharia foi adaptado, bem assim o de Engenharia e Transmissões.

A O.P.O. nº 27, de 17, articulou a reserva da Divisão (1º R.I.), tendo em vista possível penetração inimiga pelo vale do MARANO, sôbre a estrada 64.

Prisioneiros feitos no presente periodo, inclusive desertores, permitiram a identificação das seguintes unidades á nosa frente: 1ª Cia./1044 R.I., 8ª e 7ª Cias./1045 R.I. e um Pelotão Anti-Tanque do II Regimento da IV Divisão Paraquedista.

A frente de linha inimiga não foi alterada. Diminuiu a intensidade de suas patrulhas, sendo que a mais importante foi repelida na região de LA CÁ. O inimigo procurou sempre hostilizar nossas patrulhas.

A aviação inimiga sobrevoou as areas da retaguarda da zona atribuída á 1ª D.I.E., bombardeando tropas em deslocamentos nas proximidades de PORRETA TERME, no dia 9 de dezembro.

Sua Artilharia continuou a martelar os nossos elementos em linha, fazendo concentrações em diferentes pontos, preferencialmente sobre a região de PORRETA TERME.

Campos e trechos de estradas minadas, organizações, peças de artilharia e morteiros foram assinalados.



## C - ESTABILIZAÇÃO - (22-XII-944/16-II-945)

Tornou-se evidente da ação de 12 de dezembro, que qual quer operação localizada e, em particular sôbre MONTE CASTELLO, acarretaria novos fracassos, si não houvesse uma ação simultânea e conjugada em outros pontos, principalmente MONTES BELVEDERE - GORGOLESCO.

Essa opinião, firmemente defendida pelo Comando da 1ª D. I. E. perante o Comando do IV Corpo, foi afinal vitoriosa.

Por ordem do Comando do V Exército, o Comando do IV Corpo liberou a 1ª D. I. E. dos seus compromissos, obrigando-a, em tretanto, a estender sua ocupação defensiva numa frente de 18 quilômetros, o que exigia o emprêgo da quasi totalidade dos seus meios.

Permanecendo em íntimo contato com o inimigo, a Divisão deveria adotar uma defensiva que lhe permitisse uma sondagem constante do dispositivo adversário e da sua ordem de batalha.

A aparente falta de espírito ofensivo dos nossos homens preocupou os Chefes americanos e brasileiros. Analisadas as causas, não foi difícil reconhecer a falta de instrução dos quadros e da tropa, principalmente quanto aos processos de combates modernos. Verificou-se igualmente a deficiente proteção que o nosso fardamento proporcionava aos homens, diante dos rigores do inverno que cada dia mais se intensificava.

Por outro lado, a fraqueza dos nossos recursos para recompletamento das baixas, tanto de combate, como pela inclemência do tempo para o qual não estávamos ainda completamente adaptados, que sangraram pesadamente os efetivos, acarretou mais êste sério problema para o Comando brasileiro. O Depósito criado em VADA, com os remanecentes de duas Companhias de Fuzileiros e uma de Obuzes oriundas do 11º R.I. e que fizeram parte do 1º Escalão, já cumprira a sua missão e esgotara as suas disponibilidades. O Depósito de Pessoal da F. E. B. chegado á Itália nos primeiros dias de dezembro contava apenas com 12 ou 13% de homens (cêrca de 700 num efetivo total de 4.500) em aceitável forma física para poderem seguir para a linha de frente. O restante da tropa era bisonha, insuficientemente treinada e instruída.

Deante dessas perspectivas, lavrou certo desalento e



pessimismo, principalmente no seio da tropa.

Medidas especiais foram tomadas, particularmente na <sup>de</sup>pre-  
servação do estado moral dos combatentes. O Serviço Especial,  
dentro de suas atribuições, traçou e executou um plano de fê-  
rias nos grandes centros, contemplando tôdas as unidades e o Ser-  
viço Religioso procurou fortalecer as convicções, a noção de res-  
ponsabilidade e o espírito de sacrifício, sem o qual nada se po-  
deria obter. A instrução no Depósito de Pessoal foi orientada  
num regime intensivo e prático e os nossos combatentes foram  
dotados de copioso material americano de inverno, que permitiu  
as melhores condições de conforto e segurança física.

Cogitou-se, também, de aperfeiçoar a preparação técnica  
da tropa durante a fase, por meio de cursos especiais e de uma  
instrução objetiva para os elementos em reserva.

Com estas providências, umas em vista e outras em fran-  
ca execução, demos início á fase que nos aguardava, com a con-  
vicção de que alcançaríamos os resultados anciosamente esperados.

a - Reajustamento do Dispositivo - (22-XII-944)

Ocupávamos, ainda, as mesmas posições ao longo do  
rio SILLA - BOMBIANA - MONTE DEL'ORO - TORRE DE NERONE - RIOLA  
- BOSCACCIO - MONTE CAVALLORO, sofrendo inteiro domínio das re-  
giões em poder dos alemães, desde de MONTE CASTELLO a CASTELNUO  
VO.

Já nessa época, o inimigo tinha conhecimento, através  
das fontes peculiares de informações, do nosso escalonamento.

PORRETA TERME, Q. G. Avançado da Divisão, localizada  
numa zona de cruzamento de estradas, com três pontes de acesso,  
vivia sob constantes bombardeios da Artilharia Pesada inimiga,  
principalmente dos canhões de 170m/m, situados fóra de alcance  
dos nossos canhões orgânicos e mesmo da Artilharia do IV Corpo.  
Todos os P. C., observatórios, pontes, "by pass" (desvios de  
estradas) passaram a sofrer uma inquietação ininterrupta, acar-  
retando insistentes baixas nas fileiras da 1ª D. I. E., por efei-  
to de granadas de artilharia e de morteiro.

O IV Corpo atribuiu, então, á Divisão, a seguinte mis-  
são:



" Em ligação à L. com a 6ª S. A. e à O. com T. F. 45, defenderá o atual setor, de modo a impedir qualquer movimento do inimigo para o S. e para L. Deverá ainda manter agressivo contáto com o inimigo".

Em consequência, o Comando estabeleceu a idéia de manobra:

" Manter essencialmente as regiões MONTECAVALLORO, BOSCAÇCIO, TORRE DE NERONE, ÁFRICO, BOMBIANA, CÁ DI BERTO, MORANDELLA, MONTILOCCO, CASACCIA, C. PRUMARELLA, de maneira a interdizer qualquer progressão do inimigo para as regiões de RIOLA, MARANO, GAGGIO MONTANO, GABBA e particularmente de SILLA.

Exercer o esforço anti-carro nas vertentes S. do M. BELVEDERE e na região de C. GUANELLA - BOMBIANA (O. G. O. nº 14, de 22 de dezembro)".

O dispositivo adotado foi:

- S/Setor L.: - sem alteração
- S/Setor N.: - 6ª R. I. (menos I Btl.)
- S/Setor Centro (N.O.): 1ª R. I. (menos II Btl.)
- S/Setor O.: - 11ª R.I. (menos I e III Btls.)
- Quartelão O.: - III/11ª R.I. (menos 8ª Cia.)
- Artilharia: - III Grupo, em apôio ao S/Setor N. e L.; II Grupo, apôio diréto ao S/Setor Centro; I Grupo apôio diréto ao S/Setor O. e Quartelão O. e IV Grupo ação de conjunto.
- Reserva da 1ª D. I. E.: - I/11ª R.I. e o 1º Esq. Reconhecimento.
- Reserva do IV Corpo: - II/1ª R.I.
- Engenharia: - Encarregada da manutenção das estradas e da organização de campos minados na frente da linha de resistência. 1ª Cia. (menos um Pel.) no S/Setor O.; 2ª Cia. (menos um Pel.) no S/Setor Centro; 3ª Cia. nos S/Setores N. e L.; reserva dois Pelotões.
- Transmissões: - A Cia. de Trans. montar o novo sistema segundo dois eixos: PORRETA TERME - SILLA - MARANO - RIOLA e PORRETA TERME - SILLA - CROCIALE - GAGGIO MONTANO.

A referida O. G. O. estabeleceu também as condições dos movimentos e substituições e prescreveu um sistema de P. A. numa



linha além da qual deveriam ser enviados os reconhecimentos agressivos.

A 22 de dezembro, começou praticamente a estabilização. Apesar da previsão dos reconhecimentos agressivos, nenhuma ação ofensiva foi mandada encarar pelo IV Corpo.

A neve começou a cair e a defensiva entrou na rotina, subordinada a uma idéia essencial: manter em qualquer circunstância as atuais posições.

b - Estabilização propriamente dita  
(22-XII-44/7-II-45)

Foi elaborado o Plano de Defesa no setor da Divi  
são:

- Plano de fogo
- Campos minados e demais obstáculos
- Emprêgo de reservas
- Ações contra paraquedistas
- Escolha e reconhecimento de uma nova posição, inclu  
sive condições de retraimento.
- Plano de destruições
- Etc. etc.

Pela O. G. O. nº 15, de 30, melhorou o sistema de P. A. e patrulhas.

Os reconhecimentos são feitos metódicamente e nossas pa  
trulhas se aprofundam e fazem prisioneiros.

Um golpe de mão sôbre uma casamata (C. D'ERCOLE) conse  
gue quatro prisioneiros. Há um encontro violento de patrulhas em C. VITELLINE e uma outra do 1º R.I. dizimou um pôsto alemão em ORATORIO DELLA SAZARNE. A nossa Artilharia apoia os reconhe  
cimentos e martela as posições inimigas.

A O.P.O. nº 28 de 7 de janeiro, fez com que o II/1º R. I. substituisse o I/6º R.I. no S/Setor L.. Este passou, en  
tão, à reserva do IV Corpo em substituição àquele. A O.P.O. nº 29, completa as prescrições para o reajustamento do S/Setor L..

Pela O.P.O. nº 30, de 13, o I Btl. reverte ao 11º R. I. e o II Btl. passa à reserva da Divisão.

Os reconhecimentos inimigos tornam-se muito ativos nessa



141

época, mas tôdas as incursões foram totalmente repelidas.

Em virtude das informações sôbre o inimigo, o Comando expediu a O.G.O. nº 16, de 24 de janeiro, pela qual mandou fazer uma verificação do contato em tôda a frente da Divisão.

O inimigo reconhece vários pontos de nossas linhas. Todas as suas patrulhas são repelidas, sendo uma delas aprisionada no Quartelão 0. As suas investidas sôbre as posições de MONTECAVALLORO são infrutíferas. Sua Artilharia se conserva muito ativa, bombardeando constantemente as posições, as comunicações e o Q. G. da Divisão, em PORRETA TERME.

O escalão superior durante esta fase estabeleceu formais restrições ao sonsumo de munições, principalmente para canhões de 105, 155 e 57 m|m (granada explosiva), morteiro de 81 m|m. No entanto, eram estas armas que asseguravam o contato e mais castigavam o inimigo.

A O.G.O. nº 17, de 4 de fevereiro, fixou prescrições para os reconhecimentos e P. A.

c - Preparativos para a ofensiva - (8/16-II-945)

No dia 8 de fevereiro o Comando da Divisão, foi convocado para uma reunião no P. C. do IV Corpo, em LUCCA, a fim de tratar de um novo Plano de Operações, denominado "Plano Encore", visando um conjunto de operações ofensivas destinadas à conquista, não só do maciço BELVEDERE - CASTELLO - TORRACCIA, como das alturas e divisores entre os rios RENO e PANARO, como preliminar da ação sôbre BOLOGNA. Dessa vez, dividiríamos as responsabilidades com a extraordinária 10ª Divisão de Montanha (U. S. A.), que substituiria à T. F. 45, na nossa esquerda, durante o mês de janeiro.

Foram em consequência, iniciados os reconhecimentos, inclusive da tropa, e a preparação do Plano Divisionário.

Impôs-se logo, um reajustamento do dispositivo, a fim de reunir tropas para a ação ofensiva e, até êsse momento, apesar da missão de atacar o mesmo objetivo anterior, continuávamos a guardar uma frente de 18 Kms.

A O.G.O. nº 18, de 8 determinou um novo reajustamento por supressão do S/Setor 0., libertando dessa maneira o 1º R. I. (menos o II Btl.).



A O.P.O. nº 32, também de 8, providenciou a substituição do II/1º R.I. pelo 6º R.I. (S/Setor L.). Dessa maneira o 1º R.I., a quem seria atribuída a operação, ficou totalmente recuperado.

A O.P.O. nº 33, de 12, deu conhecimento do limite entre a 1ª D.I.E. e a 6ª S. A., para efeito de lançamento de patrulhas.

Terminava aí, praticamente a Estabilização da 1ª D. I. E.. Até 16 de fevereiro, os preparativos para a ofensiva foram feitos em pequena escala, sobrelevando-se porém os trabalhos de reconhecimentos e de planos.

Por prisioneiros feitos em ação ou mortos em encontros de patrulhas, foram identificadas as seguintes Unidades na nossa frente: 2ª, 4ª e 8ª Cias./1044 R.I.; 2ª e 5ª Cias. do 4º Batalhão de Montanha; 1ª e 2ª Cias. do I Btl. do 577 R.I., da Divisão 305; 7ª Cia./1043; um soldado da 6ª Cia. do II Btl. do 1043 declarou que a sua Cia. substituiu uma outra do I/1045, o que fez prever a substituição deste Batalhão ha muito empenhado.

A Infantaria inimiga mostrou-se em periodos calmos e outros ativos, com incursões audaciosas de patrulhas, que foram bem repelidas.

A Artilharia, também, teve fases de pouca ação, mas em certas épocas intensificava, martelando passagens obrigatórias, nossos primeiros elementos em linha e bombardeando quasi que diariamente, com grosso calibre, PORRETA TERME, Q. G. da Divisão.

No fim do mês de janeiro, a Aviação alemã fez várias incursões sobre nosso setor, lançando bombas, inclusive incendiárias, na região de RIOLA e nas visinhanças das posições do IV Grupo.

Campos e trechos minados, posições de morteiros e de canhões de artilharia foram identificados e devidamente assinalados.

Observou-se a preocupação inimiga de melhorar suas posições defensivas.

Durante a Defensiva do RENO, a Divisão fez 334 prisioneiros.

O bombardeio sistemático de PORRETA TERME, pela Artilharia de grosso calibre alemã, ameaçando o Q.G. Avançado da Divisão e atingindo a 1ª Cia. de Transmissões e outros elementos aí instalados, obrigou o Comando transferir certos órgãos para a zona mais protegida.



143

*Final*

Assim sendo, no dia 29 de dezembro, acantonaram na localidade de PAVANA, sôbre a estrada 64 e cêrca de 5 Kms. mais ao Sul, as 1ª e 4ª Secções do E. M. e as Chefias dos Serviços de Saúde, Material Bélico e Engenharia, além de outros órgãos não pertencentes ao Q. G., que ficavam naquelas imediações.

O Q. G. Recuado, continuava em PISTÓIA.

#### d - Funcionamento dos Serviços

##### Intendência

O Serviço de Intendência destacou-se entre os demais, pelas suas atividades diárias e ininterruptas, para alimentar, vestir, aquecer e transportar todo o efetivo da 1ª D.I.E., assim como atender, algumas vezes o Depósito de Pessoal. Mantinha em LEPIEVE, armazenados, 5 dias de rações de reserva, sendo 3 de rações D., para todo efetivo empenhado e mais um estoque de 10.000 galões de gasolina, reservas estas destinadas a um imprevisto por efeito da neve na estrada 64, perturbando a corrente diária de transportes. Aí também funcionava o Ponto de Distribuição nº 1, para todos os elementos da zona de combate.

A Cia. de Intendência estava localizada em PISTÓIA, onde também se instalara o Posto de Distribuição nº 2, para os órgãos situados na retaguarda.

O S.I., além dos suprimentos diários de ração para alimentação da tropa e muares e de gasolina, recebidos em PISTÓIA e FLORENÇA e transportados pela Cia. de Int., com uma média de 15 caminhões de 2,1/2 toneladas forneceu à tropa, tôdas as roupas especiais de inverno e materiais para uso na neve, assim como estufas e artigos diversos das dotações estabelecidas e extra dotações, numa preocupação constante de assistir ao homem na emergência da queda da neve e da temperatura baixa.

As grandes distâncias, entre os órgãos provedores e a frente, não constituíram obstáculos à normalidade dos fornecimentos, embora não fossem satisfatórias as condições dos transportes, diante do grande número de caminhões em manutenção e de certas dificuldades dos órgãos provedores. Para facilitar o reabastecimento da tropa em posição nas montanhas da região dos Apeninos, em que operava a 1ª D.I.E., foram atribuídas à Divisão duas companhias de cargueiros, pertencentes ao Exército Italiano. Essas Companhias prestaram reais e inestimáveis serviços, uma vez que, sem esse meio



144

teria sido um trabalho penosíssimo o transporte por *longo* maus caminhos em terrenos acidentados. Sobrecarregaram, porém, os transportes automóveis, uma vez que nos deslocamentos longos ou quando feridas, era necessário conduzir as mulas em caminhões para ganhar tempo ou permitir a evacuação para a retaguarda.

Foi instalada em PISTOIA uma lavanderia, a cargo dos americanos, para atender as necessidades da 1ª D. I. E., com capacidade de um caminhão diário de roupas. Os nossos hábitos porém, somados ao seu pequeno rendimento, fizeram com que não se aproveitasse esse processo e os homens voltaram ao sistema trazido do Brasil, de cada um procurar a sua própria lavadeira, com a diferença, porém, de que o sabão era fornecido.

O Pelotão de Sepultamento manteve Postos de Coleta na zona de combate, onde recebia os mortos trazidos pelas Sub Unidades de Serviços dos Corpos de Tropa, nos seguintes locais:

De 5-XI/31-XII-44 - Estrada PORRETA TERME - SILLIA e VALDIBURA  
Depois de 31-XII-44 - em SORRETORE.

#### Material Bélico

Este período foi uma das fases mais trabalhosas para o S. M. B., porque além das tarefas de receber o material americano para os 2º e 3º Escalões, veio o novo problema de manter a D. I., com suas características combativas, em boa forma.

As substituições constantes em alguns casos vultosas de material bélico e o suprimento de munições, representaram uma grande soma de trabalho, quasi sempre executados de afogadilho e sob a pressão dos acontecimentos.

O S. M. B. esforçou-se grandemente para que as Unidades fizessem cumprir as instruções e recomendações quanto à conservação do armamento e manutenção das viaturas, fartamente distribuídas, desde o período de treinamento da tropa.

Os próprios Cmts. de Sub Unidades de Infantaria, contribuíram em certos casos, para a perda e inutilização de algum material, deixando-os nas posições, nas mãos de nova tropa que entrava em linha, quando tôdas as ordens eram em contrário.

Outro fator importante, foi o descaso do soldado pelo armamento que lhe estava confiado.



115

A Cia. de Manutenção enviava diariamente a sua turma de contato aos Corpos para auxiliá-los naquilo que estava dentro de suas possibilidades.

Distribua regularmente os materiais e lubrificantes necessários à conservação.

As substituições do material inutilizado ou extraviado em combate, obedeciam a normas estabelecidas pelos órgãos provedores e, nem sempre os pedidos eram satisfeitos para uma reposição imediata.

Os suprimentos e reparações passaram a ser mais rápidos, depois que a Companhia lançou o seu Pelotão de Armamento para frente, instalando-o em PORRETA TERME e, posteriormente em PAVANA.

As munições constituíram um dos capítulos mais cruciantes da campanha do vale do RENO.

Os consumos iniciais, sempre mais avultados que as dotações estabelecidas, corriam pela não adaptação da tropa, ainda desacostumada das oscilações e aspetos diversos do combate e sem a certeza da duração dos estoques existentes sobre sua guarda.

Como munição propriamente de combate, as unidades dispunham de duas unidades de fogo, distribuídas a critério do respectivo Comandante.

Além dessa munição, contavam com o "Basic Load", dotação básica e de consumo sómente permitido por ordem do Comando da Divisão.

O nível das munições era conservado pelos novos fornecimentos, mediante ordens expedidas pelo S. M. B..

O crédito aberto nos órgãos provedores, chamado "Mes de suprimento", era retirado pela D.I. de 10 em 10 dias, mas quase sempre os consumos superavam as dotações, entrando as unidades em seus "Basic Load", criando dificuldades e obrigando-nos a conseguir dotações extraordinárias.

A Divisão não dispunha de Depósito de Munições e com o fim de poder atender a qualquer necessidade da extensa frente de combate, em tempo útil, antes de tentar o remuniamento que seria feito a uma distância da ordem de 50 Klms., colocou nos



R. I. uma certa quantidade de vários tipos, sob hipoteca, em local acessível e facilmente transportado.

A manutenção dos veículos constituiu, também, um assunto capital.

As recomendações exaustivas, as multas impostas, as inspeções frequentes e as punições aplicadas diariamente, não foram providências capazes de coibir os abusos e os descasos.

O número de acidentes, por infração das regras de tráfego, e a falta de manutenção dos veículos, causaram sérios transtornos à vida da D. I. E., pois constantemente baixava o seu efetivo de material rodante.

A localização da Cia. de Manutenção, inicialmente em PISA e depois em PISTOIA, dificultou em parte o serviço, pela distância que se achava da frente. Em compensação, as Secções de Reparações das Unidades excederam-se em suas obrigações, tanto que houve Corpos que executaram em seus veículos até manutenção de 4º escala, embora sem a perfeição exigida, mas que permitiu a volta das viaturas às suas atividades normais.

A causa principal das faltas cometidas residia na preparação insuficiente dos motoristas, mal seleccionados e mal instruídos para o esforço que deles se exigia.

A experiência foi adquirida através longos dias de trabalhos com sacrifícios penosos do material e até de vidas.

Essas circunstâncias, agravadas com a lama, a neve, o "black-out", a má conservação e o traçado difícil das estradas, constituiu um problema sério para a Campanha do RENO.

Finalmente, uma melhor compreensão das unidades, o fornecimento de viaturas para substituição, por parte dos órgãos americanos; o aperfeiçoamento da instrução dos motoristas; a adaptação aos rigores da campanha; as inspeções constantes; a fiscalização do tráfego nas estradas pela Polícia Militar; as punições rigorosas e outras providências de caráter radical, foram postas em prática pela Divisão e permitiram debelar a crise que se apresentava, mantendo os transportes dentro das suas necessidades imperiosas.

### Saúde

O Serviço de Saúde, ao se iniciarem as operações no vale do RENO, tinha seus órgãos divididos em dois grupos. Assim o 1º



147

(over)

B. S. mantinha elementos em NODEGA para atender às Unidades da zona de treinamento e em BORGMOZANO, para apoiar as tropas ainda empenhadas no vale do SÉRCHIO.

Com a concentração no RENO, instalou-se um Posto de Saúde Divisionário (P.S.D.) em PORRETA TERME.

Em 9 de novembro, o P.S.D. foi substituído por um Posto de Tratamento Divisionário (P.T.D.) que funcionou até 15, quando, por efeito de bombardeio inimigo sobre a localidade, teve de se mudar para a região de VALDIBURA, instalando-se em tendas.

Novo P. S. D. é montado em PORRETA TERME, para atender as unidades sediadas nos arredores e, posteriormente, transfere-se para SILLA e um novo é instalado em CASTEL DI CASSIO, socorrendo os elementos que operavam a L. do RENO.

A 23 de novembro volta à PORRETA TERME o P. T. D. de VALDIBURA, mas já a 1º de janeiro era forçado a mudar para a área de PONTE DELLA VENTURINA, por ter sido atingido por duas granadas inimigas.

O 1º B.S., com elementos não empenhados acantonara em IL POGGIO.

Ao entrar o ano de 1945, o dispositivo do S.S. Divisionário era:

- P. S. D. /1 em SILLA
- P. S. D. /3 em CASTEL DI CASSIO
- P. T. D. em PONTE DELLA VENTURINA

O S.S. Divisionário prolongava a ação dos Detachamentos de Saúde Regimentais, que, distribuindo os seus P. S. por toda a frente, constituíram uma trama bem organizada e eficiente.

As evacuações, inicialmente, foram feitas para uma "Clearing Collecting Station" do 47 Medical Battalion, localizado em VALDIBURA e dali os feridos eram encaminhados para o 15th Evacuation Hospital, em FLORENÇA.

No fim de novembro foi instalado, em VALDIBURA, o 32th Field Hospital, com uma Seção Brasileira destinada a receber os intransportáveis da 1ª D.I.E. que não pudessem ser encaminhados para o 16th Evacuation Hospital, em PISTOIA, onde também funcionava uma outra Seção.

Os nossos meios de evacuação trabalhavam entre a frente e os órgãos divisionários; daí aos hospitais americanos circulavam elementos do V Exército.



148 *Ami*

O 1º B.S. concentrou a maioria dos seus meios ao longo da estrada 64 (PISTOIA - BOLONHA), com o fim de atender melhor às operações a Oeste do RENO.

Nos momentos de crise, reforçou os órgãos do Exército, na evacuação dos nossos feridos, como no primeiro ataque ao MONTE CASTELLO. Então, os 143 feridos congestionaram a corrente de transporte entre PORRETA e PISTOIA, prejudicada ainda pelas condições desfavoráveis de circulação, devido à neve, no trecho da serra entre as duas cidades.

Quando da segunda ação, a 12 de dezembro, a experiência anterior determinou medidas preventivas e os 100 feridos transitaram pelo mesmo itinerário, sem atropelos e atrasos.

A articulação, montagem e funcionamento dos órgãos de saúde regimentais e divisionários constituíram motivo de real orgulho para o nosso Exército, pois a tropa brasileira foi assistida com rapidez, eficiência e grande capacidade técnica.

Os relatórios diários apresentaram exemplos marcantes de coragem, despreendimento pessoal e extrema dedicação de nossos enfermeiros e médicos, no trabalho humanitário de recolher feridos no campo de batalha, sob o fogo inimigo, que não respeitava o distintivo sagrado da Cruz Vermelha, em terrenos difíceis e em momentos arriscados para a vida de cada um. Pelos dados estatísticos de feridos entrados, nos últimos quatro meses, no órgão de tratamento da Divisão, pode-se bem avaliar da penosa e dignificante tarefa dos nossos elementos de saúde:

Novembro	-	336
Dezembro	-	259
Janeiro	-	113
Fevereiro	-	176
		<hr/>
		884 - feridos.

Somando-se, a este número, os doentes e acidentados, teremos uma ideia do movimento no P. T. D.:

	<u>DOENTES</u>	<u>ACIDENTADOS</u>
Novembro	624	102
Dezembro	1.176	138
Janeiro	729	69
Fevereiro	787	97
	<hr/>	<hr/>
	3.316	406

Total de entradas no P. T. D. - 4.606



149

*Luiz*

Os recuperados no referido periodo chegaram a 313, na sua maioria doentes, e quatro feridos faleceram no próprio Posto.

Receberam socorros no P. T. D., 111 aliados, entre americanos, ingleses e italianos; 11 feridos inimigos e 174 civis.

A maca foi o meio de transporte mais usado nas curtas distâncias. O carrinho porta-padiola não chegou a ser empregado, mas o jeep adaptado prestou reais serviços.

Em regiões acidentadas foi utilizado um carrinho aéreo para evacuação e as ambulâncias, valendo-se das estradas transitáveis, evacuaram o máximo para poupar o esforço dos padioleiros.

O estado sanitário da tropa, no periodo considerado, sofreu influências das condições climáticas a que estavam expostos os nossos homens, habituados a temperatura mais altas e sem o treinamento necessário para se defender das agruras da neve e das chuvas que caíram sobre elevações e vales dos APENINOS, nas regiões que tinham PORRETA TERME como centro de atividades.

O frio sêco da montanha é salutar e perfeitamente suportável quando os agasalhos satisfazem, mas a chuva, com a humidade decorrente, sempre constituiu uma ameaça permanente à saúde do combatente e foi o maior fator de baixas e claros nos efetivos das unidades. Dezembro, por isso, deu maior coeficiente, 1.176, e os 3.316 do total foram em grande parte devido às afecções das vias respiratórias.

O "pé de trincheira", de enorme incidência entre os americanos, concorreu com número reduzido nas nossas estatísticas, graças a um expediente prático do soldado brasileiro, que abandonava a botina e envolvia o pé em panos de lã, palha ou jornal para depois calçar o galochão de borracha.

A preservação da saúde da tropa, com a aplicação de medidas higiêno-profiláticas, impediu os surtos epidêmicos em zonas de condições sanitárias desfavoráveis. Os casos isolados e em proporções mínimas de meningite cérebro espinhal e infecção tifoide não puderam afetar o estado geral da tropa, durante a campanha do RENO.

Constitue, porém, um capítulo sombrio, o registro elevado de venérios, apesar dos recursos sanitários postos ao alcance de cada um. Está provado que o homem age conscientemente e se contamina com pleno conhecimento de causa, confiando no alto valor terapêutico da penicilina.



## Engenharia

A tarefa mais penosa atribuída à nossa Engenharia neste período foi, sem dúvida, a remoção da neve nas estradas, a fim de não permitir quebra no ritmo dos transportes. De dia ou de noite, principalmente às deshoras, o soldado de Engenharia estava nas estradas, quer da frente, quer da retaguarda, na faina dignificante de desobstruir os caminhos para que ao amanhecer as comunicações não se interrompessem.

Os mineiros, várias vezes, acompanharam as nossas patrulhas de Infantaria, detetando o terreno, para proteger os homens das minas e armadilhas, em que o alemão é mestre. Campos minados foram também lançados, redes de arame organizadas e destruições preparadas, obedecendo ao plano defensivo.

A conservação, o melhoramento e as reparações das estradas, constituiu motivo para uma atuação constante dos nossos engenheiros e o rendimento apresentado é razão de orgulho para a tropa brasileira.

Pontos de Abastecimento D'água e instalações elétricas foram montados, concorrendo, assim, para o bom estado e a higiene dos combatentes. Em PORRETA TERME, foi instalada uma unidade de banho com 32 banheiros, utilizada ininterruptamente pela nossa tropa combatente.

O 9º B. E. encarregou-se ainda, da instrução dos elementos da Divisão especializados em minas e explosivos.

O fornecimento de material de organização do terreno, de abrigos e de disfarce foi intensificado e os R.I. e Grupos foram dotados do necessário, enquanto o Depósito de Engenharia mantinha um estoque regular para atender os pedidos dos Corpos. Mapas e cartas foram, também, distribuídos em abundância à tropa e aos Q. G..

Os demais Serviços prestaram seu eficiente concurso nesse período, mas, como se trata de capítulos menores, serão observados no relato final das operações, quando estudarmos isoladamente a atuação de cada um.

## Guerra Química

Durante o período que acabamos de estudar, a 1ª D.I.E. recebeu uma valiosa contribuição da 179ª Companhia Química de



151

Geradores de Fumaça, do Exército Norte-Americano, que nos proporcionou uma grande economia de vida e de esforços.

Os detalhes de organização da Companhia serão encontrados no Relatório especializado do Serviço de Guerra Química da Divisão.

Constitui a sua missão em manter um nevoeiro artificial, abrangendo uma enorme área, em todas as horas do dia e em noites claras, durante os longos meses de inverno, impossibilitando, assim, a observação inimiga, permitindo o movimento de tropas, suprimentos e construção de pontes, reduzindo o fogo de contra bateria e protegendo os pontos vitais existentes no setor brasileiro entre PORRETA TERME e RIOLA.

O aumento ou diminuição dessa imensa cobertura de fumaça, aproximadamente com 14 quilômetros de extensão por 4 a 5 de largura, era conduzido por constante observação e conforme dados meteorológicos periodicamente recebidos da seção de meteorologia das forças aéreas americanas, que mais se avisinhavam de nossas posições. Cumpre não esquecer que a intensa cortina de fumaça necessitava ser constante e cuidadosamente controlada, afim de não prejudicar a observação ou interferir na ação das tropas amigas.

Os geradores da Companhia ocupavam posições desenfiadas bem escolhidas e tinham outras sobressalentes já reconhecidas, para o caso do inimigo identificar as primeiras. Para que os geradores não fossem assinalados no início da emissão da fumaça, tubos químicos eram previamente postos a funcionar em locais diversos, protegendo assim, com essa cobertura, os principais focos emissores.

Como sabemos os alemães ocupavam posições grandemente vantajosas das quais tinham vistas sobre a área da Divisão e, à maneira habil e brilhante pela qual a Companhia se conduziu nessa longa, difícil e importante missão, devemos a segurança dos nossos transportes, a facilidade de determinadas operações e economia de preciosas vidas brasileiras.

O volume do material fumígeno, combustível e anticongelante consumido nesses meses de ação da Companhia está abaixo condensado e dá uma idéia exata de sua excepcional contribuição:

- Óleo Fumígeno	(galões)	515.783
- Óleo Combustível	(galões)	70.419
- Anticongelante	(galões)	2.718
- Tubos Fumígenos	(tubos)	6.235



e - Mudanças sucessivas, nos dispositivos da Divisão  
- Os Transportes - *Luiz*

Á primeira vista parece injustificado, pelo menos discutíveis, o metodo do Comando de mudar seguidamente de dispositivo neste periodo.

No entanto, êsse processo constituiu a única solução para a Divisão cumprir as missões.

Antes de tudo, convém ser lembrada a circunstância dos limites de setor variarem muito, o que, decorrentemente, obrigou a Divisão a alterar muitas vezes o dispositivo.

Tendo o setor frente extensa, o repouso dos Batalhões não podia advir do revesamento feito dentro de cada Regimento. Então, o Comando, numa série de combinações, conseguia retirar unidades para a reserva e desta saiam outras, que revertiam aos corpos empenhados nas posições. As substituições permitiam a disponibilidade de tropas para o ataque e para o início do profundo aproveitamento do êxito nas operações futuras.

Foi possível, assim, a ida de contingentes sucessivos de oficiais e praças em goso de férias fora da zona de combate. Releva também, notar que, no Exército Americano, as férias alcançam apenas as Divisões em repouso ou em reserva, retiradas periodicamente da frente ou substituidas. No caso da Divisão brasileira que sempre se conservou face ao inimigo, aquela norma não teve aplicação, e o único recurso foi retirar oficiais e praças das suas posições.

Sem dúvida alguma, essas alterações no dispositivo vieram aumentar ainda mais a sobrecarga dos transportes, já por si grandemente afetados em sua eficiência pelos males e incompreensões apontados anteriormente.

Lançou-se mão de um recurso extremo, determinando as Unidades que hipotecassem ao Comando um certo número de seus caminhões, só utilizados pelos seus detentores mediante um entendimento prévio. Dessa forma, a Companhia de Intendência, órgão por excelência de transporte da D. I., foi reforçada com um contingente diário de 50 caminhões de 2,1/2 toneladas, caso a situação o exigisse.

Infelizmente, porém, esta providência não foi cumprida como devia, uma vez que se observava certa balbúrdia quando se



103  
tornava necessário o seu emprêgo. As viaturas eram requisita  
das, irregularmente e ao mesmo tempo, às Unidades em número va  
riavel, de acôrdo com o reclamado no momento. Em consequência,  
chegavam aos pontos de destinos em horas diversas e, às vezes,  
em quantidade inferior ao pedido. É dispensável dizer aqui a  
série de transtornos que isso trouxe ao transporte dos Batalhões  
substituídos em plena zona de combate.

Outro ponto digno de crítica é o fato da bagagem exces  
siva que essas Unidades dispunham e a tendência natural notada  
em aumentá-la na razão direta do tempo que se demoravam nas po  
sições. Pertences inúteis acompanhavam-nas, com maior prejuizo  
para o espaço utilizável nos caminhões.

O Comando, apontando essas falhas, tem a sinceridade  
de chamar a si a responsabilidade da imprevisão de um método ra  
cional na organização dos transportes, que só alcançou rendimen  
to, disciplina e ordem no fim da campanha.

É aconselhavel a criação de Secções regulares de com  
boios nas Unidades, com os meios disponiveis e sem afetar a sua  
própria vida administrativa. Cada Unidade apresentaria, assim,  
as Secções padronizadas em número de viaturas que sua capacidade  
permitisse. Forneceria, ainda, um oficial (o de Manutenção, por  
exemplo) para comandar o seu comboio, por conta do qual corre  
ria o transporte. O Q.G. da Divisão, mediante um rodízio lógi  
co, requisitaria dos Corpos as Secções necessárias e fiscaliza  
ria os deslocamentos e as substituições.

Registramos mais este ensinamento colhido na própria cam  
panha, e que, aproveitado convenientemente na fase ofensiva das  
operações, deu resultado que surpreendeu o Comando Superior Ame  
ricano.

*General Linnemann*